

Volume 4 | Número 1 | 2025

# PNEUMa

REVISTA TEOLÓGICA



# | APRESENTAÇÃO

Este novo número da *Pneuma: revista teológica* deixa clara a importância crescente da revista, que tem se tornado espaço de publicação não apenas de nossos graduandos e pós-graduandos, mas também de mestres e professores que têm visto a revista como referência. Destaco, neste sentido, o artigo de Fábio Luciano da Silva Conceição, que além de ser egresso da pós-graduação da FABAPAR, também possui MBA, bem como o artigo de Jorge Augusto Barbosa de Sales Dias, Mestre em Ciências (Pedagogia do movimento humano) pela USP, que escreveu em coautoria com Daniel Aquino Torgan, Mestre em Teologia pela FABAPAR, e professor da casa.

Outros exemplos interessantes são a publicação de um texto de Marcos Vinicius Cavalcante Correia, que não estudou na FABAPAR, mas no IETEB, na Faculdade Teológica Batista de São Paulo, e que atualmente cursa o Mestrado do Seminário Servo de Cristo, e um texto de Junto a estes casos, também destaco o artigo de Joaquim Agostinho de Santiago Neto, que estudou na UNINTA, Centro Universitário ETEP e UniCesumar. Por fim, destaco o artigo de Arthur Gabriel dos Santos Dantas, que estudou na UNIVR, e que atualmente estuda na Faculdade Batista do Rio de Janeiro, mas a quem tenho o privilégio de acompanhar, mesmo que à distância. A todos dou as boas-vindas como autores de nossa revista.

Ao mesmo tempo, a revista não tem deixado de cumprir seu propósito principal, para o qual foi inicialmente criada, como caminho de publicização e divulgação de pesquisas desenvolvidas na graduação e pós-graduação da FABAPAR. Afinal, os artigos de Rodrigo Alves Madureira e Thiago Luís Menillo são resultado direto do Trabalho de Conclusão de Curso da pós-graduação em Teologia e Interpretação Bíblica da FABAPAR, e o artigo de Leonardo de Andrade Alves de Lima não apenas se relaciona com sua pesquisa do Bacharelado em Teologia na FABAPAR, mas também diz respeito ao seu trabalho como Capelão Conselheiro no Luto na Primeira Igreja Batista de Curitiba.

<sup>1</sup> Doutor em História (UFPR). Professor na FABAPAR. Editor-Chefe da *Pneuma: revista teológica*. Brasil. E-mail para contato: professor.willibaldo@fabapar.com.br

# A RELAÇÃO DOS PROCESSOS DE ENXERTIA NA AGRICULTURA E MEDICINA COM O TEXTO DE ROMANOS 11 E A TRANSFORMAÇÃO DA VIDA CRISTÃ

THE RELATIONSHIP OF GRAFTING PROCESSES IN AGRICULTURE AND  
MEDICINE WITH THE TEXT OF ROMANS 11 AND THE TRANSFORMATION  
OF CHRISTIAN LIFE

LA RELACIÓN DE LOS PROCESOS DE INJERTO EN AGRICULTURA Y  
MEDICINA CON EL TEXTO DE ROMANOS 11 Y LA TRANSFORMACIÓN DE  
LA VIDA CRISTIANA

## RESUMO

---

O presente artigo apresenta uma interpretação do texto de Romanos, capítulo 11 na citação sobre a técnica de enxertia. Tal leitura também apresenta as diferenças entre o texto de Romanos e a declaração de Jesus no Evangelho de João, capítulo 15. Obviamente que a minha experiência pessoal como cristão, torna-se um motivador para estudar e desenvolver o assunto, contudo o objetivo do artigo visa através de ciências como Agricultura e Medicina, demonstrar, a luz da bíblia, as ligações diretas de processos naturais com o contexto espiritual da vida de um cristão a partir do texto de Romanos. Para se desenvolver o tema proposto, o artigo se utiliza de uma abordagem qualitativa na perspectiva cristã para analisar a profundidade da citação de Paulo a respeito da técnica de enxertia, suas características, processos, transformação e resultado. Resumidamente, a Bíblia permite, através de um texto escrito há quase 2.000 anos, conectar Ciências amplamente desenvolvidas e entendidas séculos mais tarde, para explicar que a transformação na vida de um cristão passa por processos que dependem de Jesus, a raiz que sustenta os ramos que n'Ele permanecem.

Palavras-chave: Enxertia. Agricultura. Medicina. Transformação. Vivo não mais eu. Jesus. Romanos. Gálatas. Experiência. Processo.

---

<sup>1</sup> Graduado em Marketing e Administração de Empresas, MBA em Administração e Inteligência de mercado (Uninove), Bacharel em Teologia (ITEPA) e Pós-graduado em Teologia Sistemática Contemporânea pela FABAPAR. Brasil. E-mail: fabio.lucianox@gmail.com.

# INTRODUÇÃO

---

No meio cristão é comum ouvirmos em mensagens a citação de Romanos 11 que fomos enxertados na boa Oliveira. Enxertia não é uma palavra comum no cotidiano e o dicionário da língua portuguesa Michaelis a define como:

- a) Agricultura: Processo de propagação das plantas floríferas e frutíferas, caracterizado por associar duas plantas diferentes, em que uma delas sustenta a gema, o broto ou o ramo da outra que se pretende desenvolver, com os nutrientes necessários;
- b) Medicina: Inserção de pele ou qualquer outro tecido num organismo.

Inicialmente parece não ter sentido, mas afinal, o que é ser enxertado no contexto bíblico? Para que serve a enxertia? Quem é a boa Oliveira? Como relacionar a enxertia citada na bíblia em Romanos 11 com Gálatas 2:20?

Para responder estas perguntas, apresenta-se uma análise qualitativa direcionando a pesquisa para criar um paralelo com ciências como Agricultura e Medicina. E assim, abordar a transformação na vida de um cristão através de uma interpretação teológica à luz da bíblia.

O objetivo é apresentar a interpretação somente com o que a Bíblia declara (*Sola Scriptura*<sup>2</sup>) evidenciando a profundidade implícita na declaração do Apóstolo Paulo sobre os cristãos enxertados em Jesus, inspirado por Deus há quase 2.000 anos atrás numa época que ainda não se conhecia plenamente as técnicas de enxertia. Este artigo estudará o contexto espiritual na transformação do cristão, explicado pelos processos naturais presentes na Agricultura e Medicina.

---

<sup>2</sup> A Reforma Protestante (século XVI) resgatou as principais doutrinas do Cristianismo e foram sintetizadas em 5 pontos centrais, chamados de os 5 Solas. *Sola Scriptura* é o primeiro dos 5 Solas e significa Somente (*Sola*) a Escritura (*Scriptura*). É uma doutrina essencial da fé cristã que afirma que a Bíblia é a Palavra de Deus e a única regra de fé e prática.

# 1 ROMANOS 11

---

A carta aos romanos é considerada o maior tratado teológico que os cristãos tiveram acesso. N. T. Wright afirma que “a carta de Paulo aos cristãos em Roma é sua obra-prima” (2010, p.10). E ainda declara que “o livro de Romanos tem tudo a ver com o Deus que, como diz Paulo, revela seu poder e sua graça através das boas-vindas acerca de Jesus. E, como Paulo insiste reiteradas vezes, esse poder e essa graça estão disponíveis a todos que creem” (2010, p.11). Charles Swindoll (2020, p.16) define Romanos como “a carta magna da vida cristã”.

Faz-se necessário a contextualização de Romanos 11 para que possamos atingir o objetivo deste artigo para que não fiquem dúvidas sobre a interpretação, definição de papéis e o que permitiu o processo de enxertia.

## 1.1 DEUS NÃO REJEITOU ISRAEL PARA DAR ACESSO AOS GENTIOS

No capítulo 11 de Romanos, o apóstolo Paulo se apresenta como “apóstolo dos gentios”, refuta a vaidade tanto de judeus quanto cristãos e ratifica que todos que estiverem na boa oliveira estão incluídos nas bênçãos espirituais, seja um ramo natural ou enxertado.

Paulo inicia esta passagem questionando se Deus rejeitou os judeus e lembra que ele é descendente da tribo de Benjamin, ou seja, descendente de Abraão e de uma das duas tribos que permaneceram no antigo Israel. Ele, Paulo, é o próprio exemplo que Deus não abandonou o povo judeu.

Paulo, entre os versículos 2 e 4, cita o profeta Elias numa clara referência ao fato dele, depois de experimentar momentos vitoriosos, sofreu com a angústia e isolamento, chegando a pedir que Deus lhe tirasse a vida. Uma profunda depressão. E foi neste momento, que Deus mostrou que Elias não estava sozinho e que havia um propósito para sua vida. Deus nunca o abandonou.

Para Champlin (2014, p. 954), “o argumento apresentado por Paulo, pois, é que esse povo, que é alvo do interesse especial de Deus, desde a eternidade, não pode vir a ser final e totalmente rejeitado. A restauração de Israel, assim sendo, é algo inevitável”. Não se trata de uma nova raiz, ela é a mesma e é por isso, que é possível realizar o processo de enxertia. Uma nova árvore não precisaria de enxerto.

Paulo também se dirige aos gentios cristãos para que não se sintam orgulhosos perante os judeus, que não se sintam superiores e que também não achem que Deus rejeitou os judeus, pois isso não aconteceu. Conforme Keener (2004, p.454, 455), “Paulo tinha se oposto à arrogância judaica contra os gentios, aqui ele se opõe à arrogância dos gentios contra os judeus”.

Observa-se claramente o cuidado de Paulo com os leitores para que não fique qualquer dúvida a respeito de sua mensagem. Harrison (2017, p.525) ressalta que “a carta aos romanos foi escrita a um grupo particular em Roma”. E complementa que “embora a maioria dos israelitas tenha sido derrotada e rejeitada, nenhum gentio deveria se atrever ao orgulho ou autossuficiência”. A Oliveira não foi arrancada, apenas teve seus galhos quebrados e no lugar destes enxertados os gentios. Nenhum gentio podia se gloriar, motivo de temor e não de exaltação (Gonçalves, 2016, p. 99).

Paulo prossegue enfatizando ao povo cristão que sua conduta de fé está centralizada em Jesus. E assim, não devem viver como os judeus, não ter os seus hábitos e nem praticar o que praticam. Quase 2.000 anos depois, o discurso de Paulo permanece atual, pois constata-se que ainda existem seguidores de Jesus utilizando costumes e práticas do Judaísmo, como ter a Mezuzá<sup>3</sup> em sua porta ou realizar celebrações utilizando Talit<sup>4</sup> ou Quipá<sup>5</sup>. Paulo afirma que enquanto a Lei define a salvação pelas obras e

---

3 Artefato judeu, que contém um pequeno rolo de pergaminho, com textos da Torá.

4 Acessório religioso judaico em forma de um xale, usado como uma cobertura na hora das preces judaicas

5 Chapéu, boina, touca ou outra peça de vestuário utilizada pelos judeus tanto como símbolo da religião judaica quanto como símbolo de temor a Deus.

costumes, os cristãos possuem a Graça como único caminho da salvação, um favor imerecido. Os ramos que serão enxertados não podem cometer os mesmos erros dos ramos naturais que foram quebrados. Em Romanos 11, observa-se a utilização da agricultura e um paralelo com a medicina para a perfeita compreensão do processo de enxertia na vida de um cristão.

## 1.2 DEFINIÇÃO DE PAPÉIS

Estabelecido que os judeus não foram rejeitados, o texto avança para a citação a respeito do processo de enxertia, envolvendo a boa oliveira, ramos naturais e os ramos enxertados. Desta maneira, precisamos identificar os papéis desempenhados nesta ilustração:

a) Ramos naturais: judeus

b) Ramos da oliveira brava: gentios (cristãos).

c) E a boa oliveira? Para esta pergunta existem muitas correntes teológicas, reformadores, grandes homens de Deus que acreditam que a boa oliveira é Israel. Analisando o texto verifica-se: “não se glorie contra os ramos. Mas, se você se gloriar, lembre-se que não é você que sustenta a raiz, mas é a raiz que sustenta você” (Rm 11:18). Ora, a base para que os ramos se sustentem é a raiz da boa oliveira. A fonte do alimento para os ramos continuarem vivos, é a raiz. Portanto, a Boa oliveira é Jesus. Este conceito é fundamental para o entendimento do presente estudo.

## 1.3 A DIFERENÇA ENTRE ROMANOS 11 E JOÃO 15

Observa-se que os dois textos em questão possuem ilustrações estabelecendo a presença de Jesus, seu poder e a dependência daquele que n'Ele crê. Todavia, a análise exegética dos textos permite evidenciar uma diferença importante entre João 15 e Romanos 11 e que normalmente gera confusão resultando no entendimento equivocado misturando as duas passagens.

Em João 15, o próprio Jesus se declara como a videira verdadeira (Jo 15:1) e que os ramos que permanecerem n'Ele, darão frutos e tornam-se dependente da videira (Jo 15:5). O discurso de Jesus foi direcionado aos judeus, sendo necessário lembrar que em Mateus 15:24, Jesus deixa claro que foi enviado para as ovelhas perdidas da casa de Israel. Em contraste com Israel, Jesus é a videira verdadeira que, genuína e definitivamente, produz bons frutos (Nelson, 2021). Assim, o texto de João 15 trata apenas dos ramos naturais e não envolvem nenhum outro processo que se não relacione aos judeus. A utilização da videira não foi por acaso, como estava se dirigindo aos judeus, Jesus a utilizou por ser o símbolo que figurava na literatura judaica identificando o Messias. Os judeus consideravam a videira como a mais nobre das plantas. Jesus se apresenta como a videira verdadeira, o Messias.

Em Romanos 11 quando Paulo cita a Oliveira<sup>6</sup>, os judeus são apresentados como ramos naturais seguindo a ilustração de João 15. A diferença é a inclusão dos gentios como ramos de zambujeiros<sup>7</sup> enxertados na boa oliveira. Portanto, os cristãos gentios não estão no contexto de João 15. Embora entenda-se que Cristo seja a videira verdadeira, a ilustração do

6 Símbolo espiritual tanto para judeus quanto cristãos. Árvore de tronco retorcido, cresce e frutifica até mesmo em solos com pouca água. Possui um significado espiritual forte quanto à sua força e resistência: mesmo que seja queimada ou cortada, a oliveira consegue brotar novamente de suas raízes. Representando perseverança e fidelidade sob qualquer circunstância.

7 Vulgarmente conhecido como oliveira-brava, Oliveira incapaz de dar frutos ou quando produz, são impróprios para o consumo.

texto refere-se exclusivamente aos Judeus. Para a escolha da Oliveira nesta ilustração, Champlin acrescenta:

A ideia de uma árvore, com suas raízes e seus ramos, sugeriu à mente do apóstolo uma árvore particular, a oliveira. É a igreja de Deus, a comunidade espiritual encarada como um corpo contínuo, que teve início com os patriarcas, com o sistema judaico e que se estende pela igreja cristã, como o guardião dessa tradição religiosa revelada, como herdeira das bênçãos espirituais. (R.N. Champlin, Ph.D., 2014, p. 965).

Obviamente, a videira também pode passar pelo processo de enxertia, mas no contexto bíblico, verifica-se apenas a citação da Oliveira certamente pelas suas características. Qualquer outra citação diferente do que está presente nas Escrituras, trata-se de conjectura.

## 2 ENXERTIA NA AGRICULTURA

---

Com o entendimento correto dos textos, a seguir será tratada a motivação de Paulo ao citar o processo de enxertia na ilustração da boa oliveira. Segundo Strong (2003, p.57), “a ciência e a Escritura lançam luz uma sobre a outra”. Por isso, inicia-se pela Agricultura a aplicação através do natural, correlacionando com o que a Bíblia ensina a respeito do sobrenatural.

Ratificando o conceito que a árvore raiz é a boa oliveira (Jesus) e os ramos enxertados são de oliveira brava (gentios não-judeus). Na Agricultura, ao realizar a enxertia, não é o ramo que sustenta a raiz. É a raiz que sustenta o ramo. O ramo é totalmente dependente da raiz.

Enxertia é a operação pela qual se fixa uma porção de um vegetal sobre outra planta da mesma família botânica que soldando-se pelos tecidos das camadas geradoras postas em contato, passam a constituir um só indivíduo. A porção de vegetal que originará a futura copa e que se adapta à outra parte que fornece as raízes, tem a designação geral de

enxerto. (Augusto Maria da Silva & Henrique Jorge Alves Soares da Silva, 2015, p. 34)

Resumindo, enxertia é uma técnica utilizada na conexão de tecidos vegetais de duas plantas diferentes que passam pelo processo de se desenvolver como se fossem uma única planta. Para melhor entendimento do processo e aplicando ao texto de Romanos 11, a árvore raiz é cortada para receber o ramo enxertado e sua função é fornecer água, alimento e dar nova vida aos ramos que nela são enxertados. É como se a árvore raiz se colocasse a disposição para ser ferida, cortada para que o ramo seja enxertado, sustentando e sendo uma fonte de águas vivas, dando vida e vida em abundância.

E o ramo que é enxertado? Não precisa se esforçar. É de graça. É favor imerecido. Um ramo quando é retirado de uma planta, não demora muito para morrer. Porém, na enxertia o ramo ao aceitar a seiva da planta raiz, a água que vem da boa oliveira dá nova vida ao ramo que foi enxertado. Ele passa a ter vida no novo tronco e não mais a vida que ele tinha.

## 2.1 CARACTERÍSTICAS

- a) O enxerto pode ser feito em plantas diferentes, mas precisam ser da mesma família, ter semelhança: Franzon (2010, p.21) afirma que “o uso da enxertia entre plantas dentro da mesma espécie normalmente não apresenta problemas de incompatibilidade”. Em Gênesis 1:26 “Deus disse: façamos o homem a nossa imagem, conforme a nossa semelhança”. Nada que vem do céu, é por acaso. Tudo tem propósito. O Senhor não se move por conveniência, Ele se move por propósito. Tudo que Deus faz é bom. tudo que Ele permite, é necessário!
- b) Para realizar o enxerto, faz-se necessário ser um especialista em agricultura: A enxertia exige a aplicação de técnicas específicas para dar resultado. Segundo a Embrapa (2005, p.03), sendo ativi-

dade melindrosa, requer habilidade em sua execução e cuidados especiais em sua manutenção. Jesus disse: “Eu sou a videira verdadeira, e meu Pai é o lavrador<sup>8</sup>.” (Jo 15:1)

c) O processo da enxertia visa a frutificação: Árvores frutíferas enxertadas produzem mais precocemente do que aquelas cultivadas a partir de sementes, devido a parte enxertada ser proveniente de um adulto que já está na sua fase reprodutiva (Júnior, 2009). Jesus em João 15:2-5, detalha o processo utilizando agora uma videira como exemplo para explicar aos Judeus. Há um processo de poda e o ramo que permanecer n’Ele dará fruto, pois sem Ele nada se pode fazer. Sem Jesus, o cristão não poderá dar fruto.

d) A enxertia livra o pomar de doenças: O Messias que tira o pecado do mundo, cura e salva. O profeta Isaías já tinha escrito que “certamente ele tomou sobre si as nossas enfermidades e as nossas dores levou sobre si; e nós o considerávamos como aflito, ferido de Deus e oprimido. Mas ele foi traspassado por causa das nossas transgressões e esmagado por causa das nossas iniquidades; o castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e pelas suas feridas fomos sarados” (Is 53:4,5). Para Erickson (2015, p.803), “se a Bíblia ensina que Jesus, mediante sua morte, levou sobre si nossas enfermidades, então a cura é uma benção a que temos direito”. Para Horton (2023, p.519), “a afirmação de que os sofrimentos de Jesus trazem cura àqueles que forem feita estabelecida sobre um sólido fundamento teológico”. Sem contar que a Oliveira, também exerce sua função de curar. Segundo Pacetta (2007, p. 109), “verifica-se que há milênios a oliveira cura as dores do peito dos antigos, além de inflamações e outras doenças”.

e) A árvore raiz precisa ser cortada: A enxertia consiste em cortar o porta-enxerto com altura variável conforme o vigor e lignificação da planta, e neste fazer uma fenda central de 3 cm a 5 cm no sentido longitudinal para encaixe do enxerto, o qual deve ser preparado

<sup>8</sup> Definição segundo o DICIO – Dicionário Online Português: Indivíduo que lava; quem realiza seu trabalho na lavoura; AGRICULTOR.

em forma de cunha (Wendling et. al, 2017). Jesus sofreu açoites, foi perfurado, a boa oliveira estava pronta para receber os ramos que seriam enxertados e dar acesso não apenas aos Judeus, mas a todo aquele que crer que Jesus é o filho de Deus. Em Jesus se cumpriu a promessa feita a Abraão em Gênesis 12:3b: “em você serão benditas todas as famílias da terra”. No Evangelho de Jesus Cristo segundo escreveu Mateus no capítulo 1 observa-se a Genealogia de Jesus começando justamente em Abraão.

## 2.2 A SEIVA DO RAMO ENXERTADO É TRANSFORMADA

Em Botânica, a seiva é um líquido que circula nas plantas vasculares. A seiva é a responsável pelo transporte de água, nutrientes, hormônios, oxigênio e gás carbônico pelo corpo da planta. Pode-se dizer que é o equivalente ao sangue dos seres humanos. A seiva é o sangue da planta (Redondo, 1997, p. 105).

Existem dois tipos de seiva: a bruta e a elaborada. A bruta é aquela que cada árvore carrega. A elaborada, é a seiva bruta que foi trabalhada, transformada. É justamente a seiva elaborada, essa que foi transformada, que gera os frutos. Um ramo cortado leva a seiva bruta, ou seja, carrega todas as mazelas da terra onde estava antes. Há um processo, pois quando é enxertado e tem contato com a boa oliveira, a seiva será transformada, o ramo esquecerá do que passou e provará da nova vida dada pela boa oliveira. tem um novo rumo, novo propósito.

É como se a árvore raiz pudesse citar Hebreus 10:17 e afirmar que “dos seus pecados não me lembrarei mais”. O que o ramo enxertado fez no passado, terá o perdão da boa oliveira visando um novo propósito. Certamente Paulo era conhecedor deste processo de enxertia para esquecer o passado e ter o propósito renovado, vide sua própria citação em Filipenses 3:13-14: “esquecendo-me das coisas que ficam para trás e avançando

para as que estão diante de mim, prossigo para o alvo”. A enxertia apaga as marcas do passado. Pouco antes do texto em Romanos 11, Paulo afirmou que “não existe nenhuma condenação para os que estão em Cristo Jesus” (Rm 8:1).

O cristão crê que na sua conversão, morre para o mundo e passa a viver em Cristo uma nova vida. A enxertia apaga as marcas do passado. O passado do ramo enxertado não influenciará o seu futuro. No livro do profeta Isaías, a Bíblia apresenta que o Messias viria ao mundo para declarar: “Eu, eu mesmo, sou o que apago as suas transgressões por amor de mim; dos pecados que você cometeu não me lembro” (Is 43:25). Jesus trata das feridas quando um convertido é enxertado n’Ele, apaga seu passado e lhe concede uma nova vida. Severa (2014, p. 203) ressalta que “a essência da obra redentora de Cristo está no fato de ele tomar o lugar dos pecadores. Pela fé, o crente é justificado e perdoado; e na união com Cristo, o crente é moralmente transformado (Rm 6)”.

## 2.3 RESULTADOS DA ENXERTIA

Antes de Jesus, qualquer um que tocasse em algo que era impuro, passaria a ser impuro também. Para os cristãos, um homem pecador, sujo, alguém o tocasse ficaria tão imundo quanto ele. Daí vem a Graça, vem Jesus e inverte essa dinâmica. Quando a graça chega, o que é impuro não contamina Jesus, mas ao seu toque, a transformação acontece. Para o cristão ainda vai além, Jesus além de não se contaminar com o que é impuro, Ele livra toda culpa, a dor, sofrimento, a Graça transforma, muda rota, mostra um novo caminho. O homem que vivia para o pecado, agora vive através de Cristo. “onde aumentou o pecado, aumentou muito mais ainda a graça” (Rm 5:20). Conforme John Stott (2007, p.133), todo cristão pode fazer eco a essas palavras. Há cura através de suas férias, vida através de sua morte, perdão através de sua dor, salvação através do seu sofrimento.

Importante deixar claro que a enxertia é muito utilizada para uma árvore que não dá frutos sustentar a que dá frutos e que estava velha, doente (Girardi, 2005), tornando-a jovem e saudável novamente. Se você enxertar um limão doce num limão azedo, do enxerto para cima dará limão doce, e para baixo, azedo. Esse é o natural. Se a oliveira tem bons frutos e o zambujeiro é uma árvore com frutos ruins, com qualidade inferior, o natural seria fazer o zambujeiro ser utilizado para sustentar a oliveira e não o contrário. Poderia se pensar que Paulo cometeu um equívoco no texto escrito aos Romanos. Afinal, pelo processo natural, ele teria “equivocadamente” invertido o processo de enxertia. Porém, a Bíblia sendo inerrante e sem contradições, no versículo 24 de Romanos 11 declara: “Porque, se tu foste cortado do natural zambujeiro e, contra a natureza, enxertado na boa oliveira, quanto mais esses, que são naturais, serão enxertados na sua própria oliveira!”

São detalhes como este que reforçam a inerrância da Bíblia. Grudem (2009, p.58) afirma que “todas as palavras nas Escrituras são declaradas completamente verdadeiras e destituídas de erros, qualquer que seja o trecho (Nm 23:19; SI 12:6; 119:89, 96; Pv 30:5; Mt 24:35)”. E complementa ainda que a Bíblia é, “de fato, o padrão máximo da verdade (Jo 17:17)”. Por isso, Paulo não deixa dúvidas sobre o real sentido do texto que apresenta e sabia que este processo não era o natural ao citar que é “contra a natureza”. E é justamente por isso, quando o natural não pode agir, o sobrenatural de Deus acontece. A árvore que sustenta não é aquela que não dá fruto ou a que produz fruto ruim ajudando a planta enxertada a ficar forte e produzir bons frutos. A árvore que tem os frutos, não apenas sustenta, mas através dela os frutos virão. Contrariando a natureza como afirma o texto.

enkentrizō (ἐγκεντρίζω) denota “enxertar em” (formado de en, “em”, e kentrizō, “enxertar”), inserir um enxerto de uma árvore cultivada em uma árvore silvestre. Em Rm 11.17,19,23,24, porém, a metáfora é usada de modo “contrário à natureza” (Rm 11.24), acerca de enxertar um ramo de oliveira brava (os gentios) na boa oliveira (os judeus); que os judeus incrédulos (ramos da árvore boa) foram quebrados para que os

gentios fossem enxertados, não dá ocasião para jactância por parte dos últimos. Judeus e gentios desfrutam igualmente das bênçãos divinas por meio da fé somente. Assim, os judeus que não permanecem na incredulidade, serão, como ramos naturais, “enxertados na sua própria oliveira!” (VINE, W.E. 2016, p. 603)

### 3 ENXERTIA NA MEDICINA

---

Na Medicina também há um processo de enxertia: o transplante de medula óssea. Enquanto nas plantas um tecido ao ser transportado e enxertado ele se transforma, na medicina não é diferente.

O transplante de medula óssea está ligado diretamente ao sangue, que é um tecido. A medicina define o sangue como um tecido vivo que circula pelo corpo<sup>9</sup>. O sangue é o responsável pelo transporte de nutrientes e oxigênio pelo corpo, desempenhando várias funções de defesa e equilíbrio (Junqueira, Carneiro. 2008, p. 395 e 786).

A medula óssea é o tecido encontrado no interior dos ossos, também conhecido popularmente por “tutano”, que tem a função de produzir as células sanguíneas: glóbulos brancos, glóbulos vermelhos e plaquetas (Duarte, 2014, p.37).

O Transplante de Medula Óssea (TMO) é indicado principalmente para o tratamento de doenças que comprometem o funcionamento da medula óssea, como doenças hematológicas, onco-hematológicas, imunodeficiências, doenças genéticas hereditárias, alguns tumores sólidos e doenças autoimunes (Voltarelli, Pasquini e Ortega, 2009).

Nos transplantes o órgão de uma pessoa é transferido para outra. No transplante de medula óssea (TMO) são transplantadas células-tronco do sangue para o paciente. Essas células serão responsáveis pela produção de sangue novo.

---

9 Fundação Pró-sangue – Estado de São Paulo – O que é Sangue?

### 3.1 PROCESSOS

Em qualquer transplante, a tipagem do sangue precisa ser exatamente a mesma. No transplante de medula, doador e receptor não precisam ter o mesmo tipo sanguíneo conforme publicação das Diretrizes da Sociedade Brasileira de Transplante de Medula Óssea.

O sangue é vital para o ser humano e quem o produz são as células tronco na medula óssea (Junqueira, Carneiro. 2008, p. 348). É por isso, que no transplante de medula quem é enxertado passa a ter o mesmo sangue do doador. Estudos comprovam que as fases seguintes ao transplante, é possível verificar a mudança na tipagem sanguínea. O receptor assume a mesma tipagem do doador<sup>10</sup>.

Em resumo, quem recebe o enxerto, ou seja, quem recebe a medula, o sangue do receptor dá lugar a um novo sangue (do doador), a uma nova vida. Prevalendo o sangue que é gerado pelas células tronco do doador que foram enxertadas. É como deixar para tudo para trás, um sangue morre para dar vida a outro. Citando 2 Coríntios 5:17: “se alguém está em Cristo, é nova criatura: as coisas antigas já passaram; eis que se fizeram novas”.

### 3.2 A ENXERTIA E GÁLATAS 2:20

Observa-se a profundidade do texto e Romanos 11 diretamente ligado ao que Paulo escreve a Igreja em Gálatas: “não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim” (Gl 2:20).

Ao afirmar que não tem mais a sua vida e sim Cristo vivendo dentro dele, Paulo descreve uma transformação em si mesmo a partir de Jesus. O conceito cristão acredita que a transformação na vida daquele que reconhece a Jesus como único e suficiente Salvador, espiritualmente é lavado e remido pelo sangue do cordeiro. No processo espiritual, ao ser crucifica-

<sup>10</sup> Diretrizes da Sociedade Brasileira de Transplante de Medula Óssea. 2012, p.234, Tabela 4 – Fases II e III.

do com Cristo, morre para o mundo, é enxertado pelo sangue derramado na cruz, o seu sangue é transformado pelo sangue do cordeiro. As coisas velhas se passaram, eis que tudo se fez novo. O velho homem morre, para dar lugar a uma nova criatura. A nova pessoa do crente tem o privilégio da habitação de Cristo (MacArthur, 2011, p.28).

No transplante de medula óssea o receptor passa a ter uma nova vida a partir de um novo sangue. É exatamente o que Paulo está dizendo. “Vivo não mais eu” (receptor), ou seja, o sangue, a vida que o receptor tinha já não serve mais, pois “Cristo vive em mim”. Cristo é o doador e faz morada em quem o recebe. Para o Cristão é como ter o jardim de Deus dentro dele e ter sua vida transformada. Uma nova história. Nova criatura.

No Jardim do Éden, após a queda do homem, Deus para evitar que o homem - que já tinha provado da árvore do conhecimento do bem e do mal - prove também da árvore da vida e viva para sempre (Gn 3:22), bloqueia o acesso a árvore da vida (Gn 3:24): “E havendo lançado fora o homem, pôs querubins ao oriente do jardim do Éden, e uma espada inflamada que andava ao redor, para guardar o caminho da árvore da vida”.

Porém, Jesus, o novo e vivo Caminho (Hb 10:20), na cruz nos devolve o acesso ao Pai, cumprindo-se o dia de Pentecostes (At 2:1-4) coloca o jardim em nós e ao sermos enxertados na boa oliveira, a árvore da vida que nos alimenta, cura, transforma, sustenta e salva, nos dá a esperança de viver para sempre. Se no Eden os portões foram fechados, temos a promessa em Apocalipse 22:14 que “Bem-aventurados aqueles que guardam os seus mandamentos, para que tenham direito à árvore da vida, e possam entrar na cidade pelas portas”. Jesus, a boa oliveira. A árvore da vida.

# CONSIDERAÇÕES FINAIS

---

De acordo com o estudo feito, pode-se concluir que a decisão, transformação, sustentação e frutificação do homem estão ligadas ao seu relacionamento e dependência com Deus. Através da análise da enxertia na agricultura, a Bíblia deixa claro que Jesus é a raiz que alimenta quem n'Ele está e o faz dar frutos. Paulo também deixa claro que ser enxertado não é por mérito, é graça, favor imerecido. A salvação não é como o homem quer, e sim como Deus determina. Nova vida requer transformação. “Vivo não mais eu” significa morrer para o mundo porque a graça o alcançou e vive dentro do cristão, eis o resumo. Como a Bíblia não possui contradições, Paulo traz um processo que pode passar despercebido ou entendido sem a profundidade que o texto exige. A Graça é como a seiva que vai correndo, a vida brota, se expressa, cresce, se expande, vence barreiras e obstáculos, ultrapassa, passa a ser abundante e gerar mais e mais vida. Graça abundante, ilimitada.

Tal conclusão se baseia também no processo de enxertia envolvendo a Medicina, especificamente no transplante de Medula, onde o receptor passa a ter uma nova vida através de um novo sangue. Espiritualmente, o sangue de Jesus dá uma nova vida ao cristão e purifica, santifica, aproxima o homem de Deus, justifica, na cruz comprou os seus, quitou a dívida e redimiu tomando para si a culpa daqueles que O seguem.

A Medicina registra que o primeiro transplante de medula óssea em humanos ocorreu em 1956 conduzido pelo médico americano Donall Thomas, que viria a ser conhecido como o “pai do transplante de medula óssea”. Como a Bíblia afirma que o cristão não anda pelo que vê, mas pelo que crê, concluímos que um homem que saiu de Nazaré, sem mácula, sem pecado, tomou para si as iniquidades da humanidade para tirar o pecado do mundo, já conhecia a técnica da enxertia em humanos há quase 2.000 atrás.

Assim, não importa o campo, seja na agricultura, medicina ou na vida cristã, quem é enxertado tem um novo sangue, uma nova vida. “Vivo não mais eu, mas Cristo vive em mim”. O processo de enxertia citado por Paulo contribui para o claro entendimento do processo de transformação e dependência do homem através de Jesus. A Bíblia declara que a enxertia espiritual com esse precioso sangue garante a entrada no céu, garante a vida eterna.

Não se trata da ciência explicando a bíblia, e sim o contrário. A fé e a ciência caminham juntas e ambas são baseadas no conhecimento. Neste artigo concluímos que a ciência confirma que a bíblia antecipou a ciência.

## REFERÊNCIAS

---

AMEO – Associação da Medula óssea do estado de São Paulo. O que é TMO? Disponível em: <https://ameo.org.br/transplante-de-medula-ossea-tmo/> . Acesso em 06 dez. 2023.

**BÍBLIA DE ESTUDO THOMAS NELSON** – Nova versão Internacional / Thomas Nelson Brasil. – 1 ed. – São Paulo: Thomas Nelson Brasil, 2021.

**BÍBLIA**. Versão Nova Almeida Atualizada. Barueri. SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017.

CHAMPLIN, Russell N. **Novo Testamento Interpretado**. Editora Hagnos, 2014. Cristão, 2003.

DUARTE, Hamilton Emidio. **Anatomia Humana**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2014.

ERICKSON, Millard J. **Teologia sistemática**. São Paulo: Edições Vida Nova, 2015

FRANZON, Rodrigo Cezar, CARPENEDO, Silvia, SILVA, José Carlos Souza – **Produção de mudas: principais técnicas na propagação de fruteiras**. Planaltina: Embrapa Cerrados, 2010.

FUNDAÇÃO PRÓ-SANGUE. O que é Sangue? Disponível em: [https://www.saude.sp.gov.br/fundacao-pro-sangue/doacao-de-sangue/o-que-e-o-sangue#:~:text=O%20sangue%20%C3%A9%20um%20tecido%20vivo%20que%20circula%20pelo%20corpo,90%25\)%2C%20prote%C3%ADnas%20e%20sais](https://www.saude.sp.gov.br/fundacao-pro-sangue/doacao-de-sangue/o-que-e-o-sangue#:~:text=O%20sangue%20%C3%A9%20um%20tecido%20vivo%20que%20circula%20pelo%20corpo,90%25)%2C%20prote%C3%ADnas%20e%20sais). Acesso em 09 dez. 2022.

GIRARDI, E. A. **Métodos alternativos de produção de mudas cítricas em recipientes na prevenção da morte súbita dos citros.** Dissertação (Mestrado) – Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, Piracicaba, 73p. 2005.

GONÇALVES, José. **Maravilhosa Graça.** Rio de Janeiro: CPAD, 2016.

GRUDEM, W. **Teologia sistemática.** São Paulo: Edições Vida Nova, 2009

HAMERSCHLAK, Nelson et al. **Diretrizes da Sociedade Brasileira de Transplante de Medula Óssea.** Editora Palavra Impressa, 2012.

HARRISON, Everett F. **Comentário Bíblico Moody – Volume 2.** Editora Batista Regular, 2017.

HORTON, Stanley M. **Teologia sistemática – Uma perspectiva pentecostal.** Rio de Janeiro: CPAD, 2023

JÚNIOR, Celso Lopes de Albuquerque. Enxertia. Curso de agronomia, apostila da disciplina de fruticultura, 2009. Disponível em: <https://pt.slideshare.net/jrturra/apostila-de-enxertia> . Acesso em: 10 dez. 2023.

JUNQUEIRA, Luiz Carlos, CARNEIRO, José. **Histologia Básica.** 11 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008

KEENER, Craig S. **Comentário Bíblico – Novo Testamento.** Editora Atos, 2004

MacArthur, John. **Gálatas: estudos bíblicos.** São Paulo: Cultura Cristã, 2011.

PACETTA, Cosmo F. **Oliveira, a árvore da vida.** São Paulo: Ed. do Autor, 2007.

**Recomendação Técnica 92.** Porto Velho: Embrapa, 2005.

REDONDO, Garcia, THEÓPHILO, Rodolpho. **Botânica Elementar.** Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 1997.

SEVERA, Zacarias de Aguiar. **Manual de Teologia Sistemática.** Curitiba: A.D. Santos, 2014.

SILVA, Augusto. **Enxertias – Manual Técnico para Amadores e Profissionais** – 2ª Edição. Publindústria, Edições Técnicas, 2016.

STOTT, John. **Cristianismo Básico.** Viçosa: Ultimato, 2007.

STRONG, Augustus Hopkins. **Teologia sistemática: Antropologia, soteriologia, eclesiologia e escatologia.** 1ª ed. :São Paulo: Hagnos, 2003.

SWINDOLL, Charles R. **Paulo: Um homem de coragem e graça.** São Paulo: Mundo

VINE, W.E. **Dicionário Vine.** Vida Melhor Editora, 2016.

VOLTARELLI JC, PASQUINI R, ORTEGA ETT. **Transplante de células-tronco hematopoéticas.** São Paulo: Atheneu, 2009.

WENDLING, Ivar; ZANETTE, Flávio; RICKLI-HORSTI, Helena Cristina; CONSTANTINO, Valdeci. **Produção de mudas de araucária por enxertia.** In: WENDLING, Ivar; ZANETTE, Flávio (Org.) Araucária: particularidades, propagação e manejo de plantios. Brasília: EMPRAPA. 2017.

WRIGHT, N. T. **Paulo para todos.** São Paulo: Vida Melhor Editora, 2004.

# A PROFECIA DE MIQUEIAS; DISCURSO ALTISSONANTE DE DEUS CONTRA A DESIGUALDADE SOCIAL

THE PROPHECY OF MICAH; GOD'S LOUD SPEECH AGAINST SOCIAL  
INEQUALITY

LA PROFECÍA DE MIQUEAS; EL FUERTE DISCURSO DE DIOS CONTRA LA  
DESIGUALDAD SOCIAL

## RESUMO

---

O presente artigo procura refletir sobre a profecia de Miqueias e a atualidade dos contextos sociais que ensejaram sua atividade profética. Miqueias foi uma voz de denúncia contra a profunda desigualdade social que existia entre o povo de Israel no século VIII a.C. Ele denunciou as classes sociais diretamente responsáveis pelos mecanismos que, de forma direta ou indireta, propiciavam o espólio das classes pobres. Tão grande desigualdade social era uma terrível característica daquela sociedade de classes e Miqueias de forma magistral se colocou como arauto<sup>2</sup> de Deus para denunciar essa penosa realidade. Considerando a realidade brasileira e a terrível desigualdade social que marca nossa sociedade, pode-se afirmar quão atual e adequado é refletir sobre a profecia de Miqueias e sobre a imperiosa necessidade de a Igreja ser a voz profética desse tempo, denunciando o aprofundamento dos mecanismos de desigualdade social presentes na sociedade brasileira atualmente.

Palavras-chave: Profetismo. Desigualdade Social. Antigo Testamento.

---

1 Graduado em História pela PUC Minas, Bacharel em Teologia pelo Centro Universitário Internacional (UNINTER), Pós-graduado em Teologia e Interpretação Bíblica pela Faculdade Batista do Paraná (FABAPAR), Pós-graduado em História do Cristianismo e do Pensamento Cristão. Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão do Curso da Pós-graduação em Teologia e Interpretação Bíblica. 1º Semestre de 2020. E-mail para contato: rodrigomadu33@gmail.com.

2 Oficial das Monarquias medievais encarregado de proclamações solenes, do anúncio de guerra ou paz e de informar os principais sucessos nas batalhas; aquele que, por meio de pregão, tornava pública uma notícia.

# INTRODUÇÃO

---

O movimento profético em Israel, também designado profetismo bíblico tem sua gênese já nos primeiros tempos de formação do povo Hebreu. Dessa forma figuras como Enoque, Abraão, Moisés, Débora e tantos outros fazem parte desse fenômeno e devem também ser vistos como profetas. Porém é importante elucidar que esse fenômeno ganha contornos mais claros em Israel a partir da instituição da Monarquia. Deus comissionava sacerdotes e profetas de seu povo para dar posse aos Reis, vide como Samuel ungi Saul, o primeiro rei de Israel, e também coube ao próprio Samuel ungir Davi, uma vez que Deus havia rejeitado a Saul como Rei. Mas o sistema Monárquico em Israel introduz uma espécie de inversão nessa lógica, de modo que os Reis passaram a designar aqueles que serviriam como sacerdotes no meio do povo.

Essa inversão é resultado naturalmente do declínio do sistema Monárquico em Israel e de suas notórias contradições, leia-se, os Reis em grande medida se afastaram de Deus e de sua vontade e o resultado natural desse afastamento é a rejeição de Deus para com muitos desses Monarcas. Urge nesse cenário a importante atuação de figuras que pudessem denunciar os erros cometidos pelos Reis de Israel e pelo povo, quando a situação assim determinasse. Os profetas eram arautos de Deus, não possuindo compromissos espúrios com o Reis e a manutenção de um poder régio.

Os profetas eram figuras que falavam em nome de Deus para denunciar os pecados do povo e das classes governantes, denunciarem o afastamento e a negligência desse povo para com os preceitos da aliança com Deus, denunciar a idolatria de seu povo para com os deuses falsos, denunciar as injustiças cometidas pelas classes governantes e denunciar a infidelidade do povo da aliança. Naturalmente existiam os falsos profetas e os que profetizavam por dinheiro ou qualquer outra vantagem, mas essa diferenciação não é o objeto de nossa reflexão nesse momento.

É importante compreender que os profetas levavam a mensagem de Deus, quer representasse uma sentença condenatória quer representasse um oráculo de salvação. Cabe esclarecer também que o mister profético não é exclusivo de Israel, porém ganhou contornos que o distinguiam substancialmente da atividade profética que era realizada pelos povos que antecederam o povo Hebreu. Povos do Antigo Oriente Próximo como Egito, Mesopotâmia, Mari e Canaã, anteriores ao Israel tribal, possuíam atividade profética.

Pode-se estabelecer em linhas gerais que essa atividade na maioria dessas culturas figurava como fenômeno extático, ou seja, o mister do profeta se realizava a partir de uma espécie de êxtase e havia procedimentos e formas específicas para que a atividade profética se realizasse. Além disso, a profecia desses povos não se caracterizava, de modo geral, por ser uma forma de encaminhar uma mensagem com fundo moral e ético. Tratava-se na maioria dos casos de predição do futuro para dar orientação a Soberanos ou predizer vitórias ou derrotas nas guerras que travavam por domínio territorial e poder. Portanto a lógica que perpassava a atividade profética para esses povos passava ou estava atrelada à dimensão do poder temporal e a forma como ele se estabelecia.

Conquanto o profetismo em Israel também possuísse práticas e formas comuns as atividades proféticas dos outros povos, como predição do futuro ou dimensão extática, gozava de uma representação estruturalmente diferente. Como descrito o profetismo bíblico perpassou as diversas formas de organização social do povo Hebreu, embora seu apogeu tenha ocorrido no período da Monarquia. Esse profetismo em Israel, portanto, não representou uma instância separada ou alheia aos movimentos de transformação social pelos quais o povo Hebreu passou, aliás, muito pelo contrário, ele exerceu papel de protagonismo na história de Israel, porém não tinha compromisso, como supracitado, com as lógicas de manutenção do poder régio.

O profeta era aquele que dava posse a um trono, como ocorreu com Samuel e Davi, mas também e igualmente era aquele que tinha a coragem de pôr o dedo em riste e acusar os Reis por seus pecados, desobediências e infidelidades como ocorreu com o próprio Davi, Salomão e tantos outros Reis Israelitas. Portanto o profetismo para o povo Hebreu estava para Deus, assim como o profetismo entre os povos do Antigo Oriente Próximo estava para os Reis e para a manutenção das lógicas que fundamentam o poder temporal.

[...] o profeta do AT não se conforma com vantagens exteriores. Exige transformação interior: não calcula o número de cordeiros sacrificados: reclamam com urgência sensibilidade perante o desamparado, relacionamentos recíprocos de respeito e lealdade. O profeta de Israel tem consciência de que com sua denúncia está arriscando a vida. Não espera que o soberano lhe conceda audiência nem enrola em luvas de pelica a palavra afiada de Deus. ([...] (SCHOKEL e DIAZ, 1988).

O presente artigo procura refletir sobre o fenômeno profético em Israel em sua significação ou dimensão de denúncia e o faz tendo como horizonte de perspectiva, a profecia de Miqueias, que descreve a apostasia de Judá. Miqueias denuncia de forma cabal o aprofundamento das desigualdades sociais que se verificavam entre o povo de Israel. As classes governantes unidas a um corpo sacerdotal e profético corrupto mantinham os extratos mais pobres da sociedade de Israel a uma condição de empobrecimento, seja pelo espólio de seus bens, seja pela propagação de um discurso de dominação, que deixava perfazer um ideário de espiritualidade que retroalimentava esse processo de dominação de uma classe social sobre outra.

Junto a estes dados de tipo político, com vistas a entender o Miqueias judaíta, são importantes os de ordem social. A corrupção impera por todas as partes. Os poderosos apossam-se dos terrenos e das casas dos fracos, maltratam as mulheres, vendem as crianças como escravas. As autoridades, em lugar de lhe fazer frente, tratam o povo como carne de matadouro [...] (SCHOKEL e DIAZ, 2011).

O conteúdo, o mérito e a lógica que fundamentava e ensejou a profecia de Miqueias é atual e urge que nesses tempos se levantem outros Miqueias para denunciar o mecanismo da desigualdade social, sobretudo considerando a realidade brasileira. O Brasil é uma das maiores democracias do mundo, mas também é um dos países mais desiguais do mundo e essa triste realidade torna imperiosa a reflexão sobre a profecia de Miqueias e sua atualidade, não por mero exercício de reflexão, mas como um forte e cabal impulso a uma atividade profética que denuncie essa desigualdade, que desnude, que traga a luz à negligência das classes governamentais e sua inércia em mobilizar o aparato estatal a fim de mudar essa triste realidade social, que se traduz em um abismo socioeconômico entre ricos e pobres e se traduz também na manutenção dos pobres na situação de miserabilidade.

A denúncia de Miqueias também se dirige a classe sacerdotal e profética corrompida que permite, que legitima, por um discurso de espiritualidade vazia, a manutenção do mecanismo de desigualdade social. A essa classe cabia e cabe denunciar a injustiça da desigualdade social, proclamar que Deus não permite, que ele detesta esse abismo entre classe sociais, detesta o espólio dos mais ricos sobre os pobres.

Esse artigo foi resultado da realização de pesquisa bibliográfica entre os autores que se debruçaram sobre o tema do profetismo bíblico, sobretudo sobre os que estudaram o profetismo em suas interfaces e diálogos com os sistemas políticos de seu tempo e especificamente com aqueles que se ocuparam em compreender quais as reais dimensões do profetismo como ferramenta de denúncia social. Procurou-se estabelecer qual era a dinâmica social no período da profecia de Miqueias, as classes sociais existentes e como se dava o aprofundamento do mecanismo de desigualdade social nesse período, nunca prescindindo do horizonte de perspectiva que é compreender quão atual e premente é a reflexão sobre a profecia de Miqueias para os dias atuais, sobretudo, como dito anteriormente, considerando a realidade brasileira atual.

# 1. SEÇÃO PRIMÁRIA: UM ESFORÇO DE CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA E POLÍTICA

---

Para a correta compreensão do mérito da profecia de Miqueias é imperioso elucidar o contexto histórico e político do período. Optou-se por um recorte temporal que abarcasse os reinos descritos no primeiro versículo do livro de Miqueias. Ele descreve: “Palavra do Senhor que em visão veio a Miqueias, morastita, nos dias de Jotão, Acáz e Ezequias, reis de Judá, sobre Samaria e Jerusalém.

Cabe nesse ponto lembrar que em 931 a.C o Reino de Israel foi dividido e dessa forma o Reino do Norte passou a concentrar dez tribos com capital em Samaria e o Reino do Sul concentrava duas tribos, Benjamin e Judá, com capital em Jerusalém. Portanto nosso recorte histórico irá se debruçar sobre os Reinados de Pecaías, Peca e Oseías em Israel e Jotão, Acáz e Ezequias, em Judá, uma vez que o próprio Miqueias enfatiza que sua profecia se dirige aos Reinos do Norte e do Sul.

Mas é necessário um pequeno recuo para tratar do Reinado de Jeroboão II no Norte. O reinado de Jeroboão que durou 41 anos (793-753 a.C), segundo consenso historiográfico, encabeça um período de expansão política e comercial em Israel. Jeroboão II amplia as fronteiras de Israel, mas sua política expansionista se tornou possível à custa de um crescente aumento de impostos. O comércio com a Fenícia e o controle de rotas comerciais confere a Israel substancial prosperidade econômica. Israel possuía no reinado de Jeroboão II uma economia forte, porém consolidada sobre esforço de financiamento dos mais pobres que acabavam prejudicados pela massiva tributação.

Nesse contexto se verifica a profecia de Amós e sua denúncia de que no Reino do Norte se estabelece o mecanismo da desigualdade social de for-

ma aguda. A classe governante pomposa é sustentada em grande medida pela cobrança de impostos dos mais pobres, que vão se tornando mais miseráveis pelo espólio sistemático a que são submetidos. O reinado de Jeroboão II entra em declínio. A Assíria se consolidava nesse contexto como nação imperialista e buscava reafirmar seu poder sobre os povos Arameus da Babilônia e sobre o Reino de Urartu.

Tiglate-Pileser III (também chamado de Pul), Rei desse poderoso império Assírio possuía interesse na região da Palestina e logo obriga o Reino do Norte, agora sobre governo do Rei Menaém, a pagar tributos. Pecaías filho de Menaém e seu sucessor, que governa durante dois anos (741-739 a.C) pagava tributos ao império Assírio. Ele é morto por um dos oficiais do seu exército, Peca, que reinou por oito anos em Israel (739-731 a.C). Peca foi um entusiasta e cabeça do movimento antiassíria e houve um alinhamento entre Síria, governada por Rezim e Israel, contra essa dominação do Império de Tiglate-Pileser III.

Síria e Israel desejavam apoio de Judá na luta contra a Assíria, mas não puderam obter esse apoio, uma vez que uma espécie de partido pró-assíria fez ascender ao poder Acaz em 735 a.C. Conquanto temesse investidas do exército Filisteu, Acaz clama apoio de Tiglate-Pileser III contra seu inimigo e dessa forma se choca frontalmente com os Reis de Israel e Síria, que desejavam combater a toda poderosa Assíria.

Peca e Rezim declaram guerra a Acaz de Judá, no evento histórico conhecido como Guerra Siro-Efraimita, por causa do seu alinhamento com a Assíria. Tiglate-Pileseer III vem em defesa de Acaz e submete Israel e Síria. Peca é substituído por Oseias em Israel. Oseias que governa entre 731-722 a.C, figura como Rei Vassalo do Império Assírio, ainda sob domínio de Tiglate-Pileser III. Em 727 a.C Tiglate-Pileser III morre e assume Salmaneser V, seu filho. Oséias faz um julgamento errado ao acreditar que Salmaneser V não teria condição de manter a dinâmica de dominação de seu antecessor e logo se rebela contra o pagamento de impostos a Assíria, confiando no apoio do Egito para esse movimento de revolta.

A Assíria de Salmaneser V não arrefece e impõe cerco a Israel em 725 a.C. Após três anos de resistência, em 722 a.C. a capital Samaria cai sob domínio Assírio. Os povos habitantes do Reino de Israel são deportados para regiões distantes e esse se caracteriza como fim do Reino do Norte. Sobre a situação do Reino de Judá, como já foi descrito supra, Acaz se sujeitou a ser um Rei Vassalo da Assíria, provavelmente por se ver impotente para tomada de qualquer atitude contra a dominação daquele poderoso império.

O profeta Isaías tentou mostrar a Acaz que Deus poderia intervir protegendo Judá dos inimigos, mas Acaz claramente não confiou na profecia e preferiu se valer do apoio da Assíria contra as investidas bélicas que vinha sofrendo de todos os lados. O que é importante realçar é que o pagamento de tributos a Assíria ocorreu graças a uma massiva e contínua tributação sobre as classes sociais mais desfavorecidas em Judá. Essa situação ensejava a agudização do mecanismo de desigualdade social entre classe em Judá.

A vida faustuosa dos mais ricos era bancada pelo pagamento de impostos dos mais pobres. Quando não podiam pagar tinham seus bens confiscados, situação legitimada por um poder judiciário corrupto e alinhado as classes mais abastadas e também legitimado pela classe sacerdotal e profética que, por interesses espúrios não denunciava tal situação. Sobre a perspectiva religiosa é importante destacar que aparentemente o paganismo não se estabeleceu em Judá em tão fortes bases como havia acontecido em Israel desde Jeroboão.

Embora os preceitos da aliança Javista já tivessem sido negligenciados por boa parte da sociedade em Judá, ainda permanecia muito forte o sentimento de fidelidade ao Deus de Israel em grande parte da população. Esse sentimento, aliás, seria grande motivador de um processo de reforma lavada a cabo por Ezequias, Rei que sucedeu a Oséias em Judá. Grande parte da população em Judá quis se insurgir contra o crescimento do Paganismo no Reino do Sul, mas precisava considerar o poder do

império Assírio para levar a cabo qualquer movimento de revolta. Esse é o contexto em que Miqueias profetiza e o caráter de sua profecia não pode ser dissociado ou não compreendido a partir desse pano de fundo. Miqueias, como já descrito, é a trombeta de Deus para denunciar os abusos cometidos contra os mais pobres. Sua profecia é dirigida para Israel e Judá porque nessas duas nações esse mecanismo se verificava de forma inconteste.

## 1,1 SEÇÃO SECUNDÁRIA: MAS QUEM É ESSE MIQUEIAS?

Segundo Lopes (2009, pág. 11) “o nome Miqueias era muito comum em Israel. O Antigo Testamento faz referência a cerca de doze pessoas que receberam nomes análogos”. Mas o Miqueias a que nos referimos nesse artigo é um profeta do Reino de Judá do século VIII a.C e seu nome significa “Quem é como Iavé” ou “Quem pode ser como Iavé”. Nos dois casos seu nome parece denotar uma espécie de indagação muito pertinente para um contexto de nações que, outrora detentoras de uma aliança com Deus, mergulharam no paganismo. Miqueias era natural de Moresete- Gate, cidade pobre e rural que distava cerca de 40 km de Jerusalém. Cabe destacar sua origem humilde em uma localidade que não possuía qualquer importância política. Miqueias era um homem do campo, não frequentava os círculos da nobreza como seu contemporâneo Isaías e foi testemunha ocular dos conflitos entre trabalhadores do campo e latifundiários.

Portanto Miqueias é um campestre que observa o espólio de seus irmãos e faz uma denúncia circunstanciada, pois a dirige as classes diretamente envolvidas com o estabelecimento do mecanismo de desigualdade social no meio do povo de Israel e Judá. Essas classes estão devidamente descritas na profecia constante no livro canônico de Miqueias, especificamente nos capítulos dois e três desse livro. Passaremos a analisar os versículos que descrevem essas classes sociais e o papel que desempenhavam naquela sociedade marcadamente desigual.

No capítulo 2, versículos 1 e 2 Miqueias descreve: “Ai daqueles que, no seu leito, imaginam a iniquidade e maquinam o mal! À luz da alva, o praticam, porque o poder está em suas mãos. Se cobiçam campos, os arrebata, se casas, as tomam; assim, fazem violência a um homem e à sua casa, a uma pessoa e à sua herança”. Esse trecho descreve de forma muito clara o poder que os proprietários de terra possuíam naquela sociedade, pois expulsavam os camponeses de suas terras quando alcançavam um grau de miserabilidade que não os permitia quitar dívidas de arrendamento ou quando não podiam pagar seus impostos. Devemos lembrar que pesava constante tributação sobre os mais pobres.

Falar de Herança significa acentuar o caráter ávido das propriedades familiares: são elas a participação transmitida na terra prometida, distribuída por sortes e entregue. Conforme a legislação de Nm 27,1-11 e 36,1-12 (difícil de datar): “A herança dos filhos de Israel não passará de tribo a tribo, mas sim que todo Israelita fica vinculado à herança da tribo paterna. [...] O monopólio de terras destrói a ordem econômica e social primitivas, como mostra a história de Acab, Jezabel e Nabot (1 Rs 21). (SCHOKEL e DIAZ, 2011).

Cabe destacar que parte dessa sociedade já havia se desprendido em grande medida dos preceitos da aliança com Deus e por isso, talvez, se sentissem tão à vontade para ultrapassar um preceito tão fundante como o direito à herança. O versículo nove do mesmo capítulo declara: “Lançais fora as mulheres de meu povo do seu lar querido; dos filhinhos dela tirais a minha glória, para sempre”. Esse versículo parece denotar uma espécie de escravidão a que os filhos dos mais pobres em Judá eram submetidos com anuência das classes governantes e do judiciário, mas não há consenso sobre essa hipótese.

Os versículos 1 a 3 do capítulo três descrevem: “Disse eu: Ouvi, agora, vós, cabeças de Jacó, e vós, chefes da casa de Israel: Não é a vós outros que pertence saber o juízo? Os que aborreceis o bem e amais o mal; e deles arrancais a pele e a carne de cima dos seus ossos; que comeis a carne do

meu povo, e lhes arrancais a pele, e lhes esmieuçais os ossos, e os repartis como para a panela e como carne no meio do caldeirão?”

Nesses versículos fica claro que aqueles a quem Miqueias designa “cabeças de Jacó” e chefes da casa de Israel” se trata das classes governantes que encabeçaram a iniciativa do espólio sistemático das classes pobres. Miqueias faz uma pergunta retórica: “Não é a vós outros que pertence saber o juízo?”. O profeta parece estar atônito com a postura incondizente dos líderes da Nação que pareciam negligenciar completamente a situação de miserabilidade vivida por seus compatriotas. Sua frase soa como um convite à razão, um clamor diante de tal absurdo que ocorria com fundamento na licenciosidade dessa classe governante.

Miqueias também dirige sua denúncia ao corpo sacerdotal e profético corrupto, quando declara no versículo 5, do capítulo 3: “Assim diz o senhor acerca dos profetas que fazem errar o meu povo e que clamam: Paz, quando têm o que mastigar, mas apregoam guerra santa contra aqueles que nada lhes metem na boca”. O versículo deixa muito claro a corrupção dos corpos sacerdotais e proféticos que realizavam suas atividades por dinheiro ou qualquer outra vantagem, bem como pela manutenção de seu lugar social.

Ainda nos versículos 9 e 10 do capítulo 3 Miqueias declara:” Ouvi, agora, isto, vós, cabeças de Jacó, e vós, chefes da casa de Israel, que abominais o juízo, e perverteis tudo o que é direito, e edificais a Sião com sangue e a Jerusalém com perversidade. Os seus cabeças dão sentenças por suborno, os seus sacerdotes ensinam por interesse e os seus profetas adivinham por dinheiro; e ainda se encostam ao Senhor, dizendo: Não está o Senhor no meio de nós? Nenhum mal nos sobrevirá”. Miqueias capitula nesses dois versículos as classes sociais e suas condutas lesivas, a saber, denuncia a negligência e a perversão do juízo pelos membros do sistema judiciário e a corrupção dos corpos sacerdotal e profético que realizavam suas atividades por dinheiro. É importante reforçar que sua profecia é em todos os momentos destinada ao Reino de Norte e do Sul.

Portanto três classes sociais bem definidas estão envolvidas no sistemático espólio das classes pobres, a saber, proprietários de terras, membros do sistema judiciário e corpos sacerdotal e profético. Numa sociedade que tem na agricultura seu principal eixo econômico se destaca a figura dos pequenos produtores, pois movimentam a cadeia produtiva praticando comércio do que produzem. Coube a essa classe o ônus de sustentar pelo pagamento de impostos uma estrutura estatal extremamente dispendiosa, perdulária e em grande medida ineficiente. Sofrem por terem que sustentar esse sistema, sofrem pela inexistência de retaguarda jurídica e pela incerteza quanto a manutenção de suas propriedades. Não raro foram, como descrito acima, expulsos de suas terras, tornando-se mão de obra barata.

Um exame sobre a história de Israel e sobre os diversos modelos de organização social que vivenciou, permite afirmar que Deus sempre se preocupou com o estabelecimento de um mecanismo de desigualdade social entre seu povo. Miqueias e sua profecia representam uma instância peremptória de denúncia da desigualdade social em Israel. O aprofundamento desse mecanismo de desigualdade social é o grande mote da profecia de Miqueias.

Miqueias não é um profeta da conveniência. Ele ergue a voz e denuncia a arrogância dos poderosos, a truculência dos ricos e a deslavada injustiça dos tribunais; também emboca sua trombeta para condenar a conveniência vergonhosa dos profetas e sacerdotes que, por ganância, ajudam a sustentar um sistema injusto e opressor (LOPES, 2009).

Mas Miqueias não é um “ponto fora da curva”, ou seja, Miqueias não é o único expoente dessa tendência do profetismo bíblico, de encabeçar discursos de denúncia social, também o fazem Amós, Oseias e Isaías. O período histórico que compreendeu a profecia desses homens ficou conhecido como o século de ouro da profecia em Israel.

O século VIII representa o período áureo da profecia em Israel, quando aparecem, na primeira metade, Amós e Oseias e, na segunda, Isaías e Miqueias. [...] Por terem aparecido neste século quatro gigantes do profetismo, passou a ser chamado de “o século de ouro da profecia em Israel”. A desigualdade, a opressão social, a problemática religiosa expressa na discrepância entre culto e ética, bem como a problemática política marcada pela supremacia da Assíria são elementos que integram o cenário da época. (ARAÚJO, 2018)

Miqueias e sua profecia foram abordados nesse artigo por características que o distinguem dos demais profetas de seu tempo. Essas características distintivas dizem respeito a sua condição social e procedência. Diferente de Amós que era um Pastor e produtor de sicômoros (Figs) e Oséias, do qual não se possui dados sobre sua profissão, somente filiação e procedência, ele era de Israel, ou ainda diferente de Isaías que procedia de linhagem real, portanto era um frequentador dos círculos das classes governantes, Miqueias era um homem do campo e do povo. Não se quer evidentemente construir um ideário de que a partir de ou tendo como base sua condição social e procedência, Miqueias tivesse mais legitimidade para profetizar sobre desigualdade social. O que se deseja enfatizar são as condições que ensejaram sua profecia e, portanto, por em relevo sua perspectiva, que é a perspectiva de um camponês, procedente das classes menos favorecidas que, como mensageiro de Deus denunciava o abismo criado pela desigualdade social, e o fazia porque sentia ser realidade latente, real na sua experiência material.

Miqueias embora tenha sido caboclo<sup>3</sup> procedente de uma pequena cidade, ergueu a voz para denunciar os pecados de Jerusalém, a imponente capital de Judá. [...] Miqueias denunciou a aliança espúria e o concubinato vergonhoso entre os políticos inescrupulosos e os

3 Caboclo é a designação dada no Brasil para o indivíduo que foi gerado a partir da miscigenação de um índio com um branco. Este designativo também é usado para adjetivar a figura do homem do sertão brasileiro, que possui modo rústico e desconfiado. Tudo indica que Lopes tenha utilizado o termo para se referir a Miqueias em reforço à personalidade de homem do campo, rústico e, portanto, não familiarizado com o modo de vida dos homens das grandes cidades.

religiosos avarentos. [...] Os Camponeses perderam as terras, as casas, as famílias e até a liberdade. Os ricos criaram mecanismos criminosos para roubarem os fracos, os oprimidos, e os pobres. (LOPES, 2009)

Esse Miqueias foi um observador privilegiado das agruras de seu tempo pois as sentia em sua realidade material e imediata. Ele não se furtava, ele abria sua boca para profetizar e sua profecia era um rolo compressor. Não obstante se tratar de uma figura socialmente localizada em extratos mais pobres da sociedade, seu discurso possuía loquacidade, era veemente, pois se ocupava de temáticas centrais para a vida de todas as pessoas no séc. VIII a.C.

### 1.1.1 SEÇÃO TERCIÁRIA: ATUALIDADE DA PROFECIA DE MIQUEIAS

É importante destacar que essas temáticas são igualmente importantes para os dias atuais, como eram no séc. VIII a.C, tendo em vista que o mecanismo da desigualdade social é tão presente na sociedade brasileira atualmente. Logo Miqueias e sua profecia são ou deveriam ser imperiosamente atuais, notadamente importantes para a sociedade profundamente desigual que o Brasil representa. Urge a necessidade da profecia de Miqueias no tempo presente e é sobre isso que esse artigo trata.

Miqueias é um livro contemporâneo. Sua mensagem é contundente, oportuna e absolutamente necessária. Miqueias está vivo, ele está nas ruas. Sua mensagem deveria estar estampada nos jornais mais conceituados e mais lidos, nos corredores das câmaras de mandatos populares, nos tribunais de justiça e nos púlpitos evangélicos. (LOPES, 2009)

O pano de fundo social que ensejou a atividade profética de Miqueias é perfeitamente verificável hoje. Não se alterou o quadro de profunda desigualdade social em muitos lugares do mundo e no Brasil especialmente. A nação brasileira, uma das maiores e mais vívidas democracias do mundo é

também uma das mais desiguais. Dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua) do IBGE, demonstram que em 2018 houve um aprofundamento da desigualdade social no Brasil. Os números são alarmantes, verificou-se que o rendimento médio mensal dos 1% mais ricos foi 34 vezes maior que da metade mais pobre no ano de 2018. Em números isso significa que a parcela de maior renda teve ganho médio mensal de R\$ 27.744, enquanto 50% dos menos favorecidos tiveram ganho médio de R\$ 820,00. A Transparência Internacional efetua uma pesquisa em 180 países avaliando o nível de corrupção no setor público. Para tanto ela confere uma gradação de notas que varia de 0 a 100, onde a nota 0 designa países altamente corruptos e 100 países com elevado nível de integridade na condução das políticas e atividades do setor público. Em 2018 e 2019 as notas brasileiras sofreram queda e o Brasil alcançou a nota 35 indicando um alto grau de corrupção no setor público. Já é sabido que a corrupção é uma das principais engrenagens da desigualdade social, ou seja, corrupção redundando necessariamente no aumento da desigualdade social pela má condução de políticas públicas que abarquem os extratos menos favorecidos da população. Também um relatório do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) de 2019, demonstrou que a desigualdade social no Brasil está piorando. Esse relatório classificou o Brasil como o 7º mais desigual do mundo.

Fica claro que, embora em um contexto histórico e cultural diferente, as mazelas que objetivamente afligiam camadas expressivas da sociedade em Israel no séc. VIII a.C, não são diferentes das que afligem o Brasil e tantos outros países do mundo na atualidade. Portanto não se pode perder de vista a real necessidade de uma atividade profética nesses tempos, sobretudo considerando sua dimensão de denunciamento. A Igreja como fiel da balança precisa ser a voz profética desse tempo, denunciando de forma contundente o abismo ocasionado pela desigualdade social.

A denúncia de Miqueias tratou de incluir a instituição sacerdotal e criticar seu posicionamento ao lado dos setores mais ricos da sociedade de Israel. A classe sacerdotal corrompida tratou de pronunciar um discurso

que justificava, na medida em que espiritualizava, a situação de desigualdade social. Ela foi corrupta porque ensinou a demonstrar que Deus havia licenciado e permitido a dominação de classes. Portanto o mecanismo é simples e se trata de demonstrar que os ricos são ricos pela vontade de Deus e os pobres o são pelo mesmo motivo.

Evidentemente essa proposição era mentirosa e injusta e continua sendo hoje também. As similitudes, mesmo considerando as diferenças culturais e históricas, indubitavelmente demonstram a necessidade de revisar, de refletir, de reposicionar a atividade profética para que seu mister de denunciamento não se perca nesses tempos. O Brasil não é o Israel do séc. VIII a.C, mas as aflições das classes menos favorecidas, emparedadas, emudecidas pelo mecanismo da desigualdade social, nas duas realidades históricas descritas, são as mesmas.

Desigualdade levada a cabo pelas classes dominantes e legitimada pelos discursos de uma parte da classe sacerdotal que se alimenta de sua aliança com essas classes dominantes. Portanto estudar a dimensão de denunciamento do profetismo bíblico em Miqueias é também compreender a realidade brasileira desses tempos, relacionado ao tema da desigualdade social. Deus continua desprezando, condenando e, portanto, considerando um ato de injustiça toda a permissividade das classes dominantes com o estabelecimento de um mecanismo de desigualdade social, mesmo atualmente. Nessa perspectiva a Igreja pode e deve ser a voz profética desse tempo condenando toda e qualquer postura que permita o estabelecimento desse mecanismo de desigualdade social entre os povos.

# CONSIDERAÇÕES FINAIS

---

A profecia de Miqueias é atual, é poderosa, é necessária. Essa afirmação talvez resuma de forma satisfatória a temática desse artigo. Vislumbrou-se por parte desse pesquisador horizontes de perspectiva importantes na profecia de Miqueias para compreensão da importância da atividade profética no tempo presente. Miqueias, um campesino, um homem simples originário de uma cidade pobre e inexpressiva politicamente no seu tempo, se levanta para denunciar o crime das classes governantes contra as classes pobres. Sua denúncia era resultado de um sentimento de inconformismo.

O Deus de Israel estava irado com a desigualdade social, com a carestia de seu povo, com a injustiça que se verificava no seio do seu povo. Usara Miqueias para ser a sua boca e proferir uma mensagem clara, ele estava condenando as classes governantes, membros do sistema judiciário e corpos sacerdotal e profético por sua responsabilidade direta e inequívoca pela situação de miserabilidade que grande parte do seu povo enfrentava. Ora tomavam suas propriedades, ora tomavam seus filhos para ser escravos e se calavam, os profetas se calavam e também os sacerdotes.

Toda essa atitude lesiva e injusta estava sendo encaminhada pelos detentores do poder com anuência dos juízes e desse corpo sacerdotal e profético corrupto. Embora seja impossível depreender plenamente o conceito de Justiça em Deus, fica evidenciado que todo e qualquer nível de desigualdade social se trata de uma conduta injusta diante de Deus e, portanto, detestável para ele. Por isso o autor de Deuteronômio nos diz no capítulo 16, versículo 19: “Não pervertam a justiça nem mostrem parcialidade. Não aceitem suborno, pois o suborno cega até os sábios e prejudica a causa dos justos”. Por suborno os juízes no tempo de Miqueias julgavam sempre a favor do latifundiário em prejuízo dos pequenos proprietários e arrendatários de terras e tomavam suas terras e sua produção.

Também o Salmista nos diz no capítulo 5, versículo 4: “Tu não és um Deus que tenha prazer na injustiça; contigo o mal não pode habitar”. Miqueias, o arauto de Deus, denuncia todo esse terrível quadro. Mas todas essas desigualdades socioeconômicas são verificáveis hoje em vários lugares do mundo e no Brasil especialmente. Reforço que embora estejamos falando de tempos históricos e culturas completamente diferentes, não seria anacronismo ver paralelos entre a situação que os pobres enfrentavam em Israel no final do século VIII a.C e a situação que os pobres enfrentam hoje no Brasil. A profunda desigualdade social, a negligência das classes governantes, o espólio que levam a cabo, a negligência da justiça em tratar a causa do pobre e a silêncio dos sacerdotes e profetas quanto a esse quadro foi realidade no século VIII a.C para o povo da aliança e é uma realidade hoje no Brasil. Por isso urge que se levantem Miqueias nessa geração para denunciar essa realidade. Urge um reposicionamento da atividade profética nesses dias e urge que a Igreja seja essa voz profética, essa voz de denúncia contra a desigualdade social.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

---

ARAÚJO, Maria B. Melo de. **Profetismo, Política e Cidadania**. In: IV SIMPÓSIO DO GRUPO DE PESQUISA, TEMA BÍBLIA, POLÍTICA E CIDADANIA, 2018, Pernambuco. Pernambuco: UNICAP, 2018, págs 165-166, 169-170.

BRIGHT, John. **História de Israel**. São Paulo: Paulus, 2003.

CAZELLES, Henri. **História Política de Israel: desde as origens até Alexandre Magno**. São Paulo: Paulus, 1986.

Hill, Andrew E; Walton, John H. **Panorama do Antigo Testamento**. São Paulo: Editora Vida, 2007.

LOPES, Hernandes Dias: **Miqueias: a justiça e a misericórdia de Deus**. São Paulo: Hagnos, 2009.

NETO, João O. Ramos. **Um Profeta Relevante, Ontem e Hoje**. Revista Theos, Campinas, 6ª Edição, Vol. 5, págs. 1-10, Junho de 2009.

PETERLEVITZ, Luciano R. **Introdução ao Profetismo**. Revista Theos, Campinas, 5ª Edição, Vol. 4, págs. 2-3, Junho de 2008.

SCHOKEL, L. Alonso; DIAZ, J. L. Sicre. **Profetas I: Isaías, Jeremias**. 1ª Edição. São Paulo: Paulus, 1988.

SCHOKEL, L. Alonso; DIAZ, J. L. Sicre. **Profetas II: Ezequiel, Doze profetas menores, Daniel, Baruc, Cartas de Jeremias**. 3ª Edição. São Paulo: Paulus, 2011.

TOZONI-REIS, Marília F. de Campos. **Metodologia da Pesquisa**. 2ª Edição – Curitiba: IESDE Brasil S.A, 2010.

AUMENTA desigualdade social no país, revela pesquisa do IBGE. **ANFIP**, 2020. Disponível em: <https://www.anfip.org.br/geral/aumenta-desigualdade-social-no-pais-revela-pesquisa-do-ibge/>. Acesso em: 01 de maio de 2020.

BRASIL é o sétimo país com mais desigualdade no mundo, segundo a ONU. **Rede Brasil Atual**, 2019. Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2019/12/brasil-7-pais-desigualdade/>. Acesso em: 01 de maio de 2020.

ÍNDICE de percepção da corrupção 2019. **Transparência Internacional Brasil**, 2019. Disponível em: <https://transparenciainternacional.org.br/ipc/>. Acesso em: 01 de maio de 2020.

# OS ENLUTADOS SERÃO CONSOLADOS (MT 5:4)? ESTRATÉGICAS BÍBLICO- TANATOLÓGICAS PARA O CUIDADO COMPASSIVO NA IGREJA LOCAL

WILL THE GRIEF BE COMFORTABLE (MT 5:4)? BIBLICAL-  
THANATOLOGICAL STRATEGIES FOR COMPASSIONATE CARE IN THE  
LOCAL CHURCH

¿SERÁN CONSOLADOS LOS QUE LLORAN (Mt 5:4)? ESTRATEGIAS  
BÍBLICO-TANATOLÓGICAS PARA EL CUIDADO COMPASIVO EN LA  
IGLESIA LOCAL

## RESUMO

---

Este artigo busca responder à pergunta: como a igreja local pode oferecer um suporte eficaz aos enlutados, combinando os ensinamentos bíblicos com o conhecimento técnico da Tanatologia? O objetivo é investigar e apresentar práticas eficazes para promover o cuidado do enlutado na comunidade religiosa. Utilizando uma abordagem do método hipotético dedutivo de base lógica, a pesquisa examina as práticas existentes, revisa a literatura especializada e propõe estratégias para acolher o enlutado de forma compassiva e empática. Os resultados destacam a importância do engajamento ativo dos líderes e membros da igreja na implementação de uma cultura de acolhimento e apoio ao luto. Recomenda-se investir em treinamento, recursos e práticas que promovam a compaixão, visando fortalecer o papel da igreja como agente de acolhimento e esperança no luto.

Palavras-chave: Luto. Poimênica. Teologia Pastoral. Tanatologia. Teologia do Sofrimento.

## INTRODUÇÃO

---

O luto é uma experiência universal e inevitável ao longo da vida, caracterizada pela dor emocional resultante da perda de um ente querido. Diante desse desafio, indivíduos enlutados frequentemente buscam apoio e consolo em suas comunidades religiosas, onde esperam encontrar compaixão, empatia e orientação espiritual para lidar com sua dor.

---

<sup>1</sup> Bacharel em Teologia pela FABAPAR. Capelão Conselheiro no Luto na Primeira Igreja Batista de Curitiba. Brasil. [leonardo.lima@pibcuritiba.org.br](mailto:leonardo.lima@pibcuritiba.org.br)

No contexto da igreja local, o cuidado pastoral aos enlutados desempenha um papel crucial na promoção do bem-estar emocional e espiritual da comunidade. No entanto, muitas vezes, as abordagens tradicionais de apoio ao luto podem não ser suficientes para atender às necessidades complexas dos enlutados em um mundo contemporâneo em constante mudança.

Neste sentido, surge a necessidade de explorar e desenvolver práticas ministeriais eficazes que combinem os ensinamentos de Jesus Cristo (a Palavra de Deus) com o conhecimento técnico da Tanatologia, ciência que estuda a morte e o morrer, o que inclui o processo de luto. Essa abordagem integrativa visa criar uma cultura de compaixão na igreja local, proporcionando um ambiente de apoio empático e estruturado para aqueles que vivem o luto. Desta forma, esta pesquisa buscará responder à questão central de como a igreja local pode oferecer um suporte eficaz aos enlutados, combinando os ensinamentos bíblicos com o conhecimento técnico da Tanatologia.

O interesse do pesquisador por esse assunto surgiu, primeiramente, devido à experiência profissional no campo da capelania hospitalar. Em segundo lugar, a vivência do pesquisador de uma grande perda, seu pai, e como a igreja atuou nesse contexto. Por último, a experiência atual do pesquisador em tempo integral no Ministério de Luto da igreja, onde têm recebido reiterados relatos de pessoas que se sentiram feridas pela igreja durante o processo de luto.

Motivado por essa experiência profissional, pessoal e ministerial, este artigo tem como objetivo propor estratégias para a implantação de uma cultura que reflita a compaixão segundo a Bíblia na igreja local, visando oferecer suporte adequado aos enlutados. Para isso, será realizada uma revisão da literatura sobre o tema, explorando os obstáculos contemporâneos para o cuidado do luto, as práticas ministeriais eficazes de outras comunidades religiosas e os princípios fundamentais da Tanatologia, sem a pretensão de esgotar o tema que é demasiado amplo e complexo.

Ao final, espera-se fornecer *insights* valiosos e diretrizes práticas para líderes e membros da igreja local, capacitando-os a desempenhar um papel significativo no acompanhamento e apoio aos enlutados, conforme exemplificado pelos ensinamentos e o exemplo compassivo de Jesus Cristo.

## 1 COMPAIXÃO DIANTE DO LUTO

---

Ao abordar o acolhimento aos enlutados, é importante destacar a compaixão e o consolo divino diante do sofrimento pela perda de um familiar. Fernandes (2021, p. 48) ressalta que etimologicamente ‘compaixão’ significa “ato de sofrer com”, derivado de com-paixão (passio, paixão). Essa raiz etimológica nos lembra que a compaixão exige uma identificação com o sofrimento do outro. Jesus exemplifica essa compaixão de forma dinâmica, como evidenciado em Mateus 9.36 (ARC), onde “Jesus, vendo as multidões, **moveu-se** de íntima compaixão por elas” (grifo nosso). Lopes (2019, p. 317), em seu comentário sobre a mesma passagem afirma “Não há missão sem compaixão. Não há ministério eficaz sem misericórdia. Jesus amava pessoas. Ele gostava de gente. Importava-se com elas”. A partir da análise de Lopes, podemos inferir que a compaixão de Jesus não era estática, mas um impulso para a ação, um amor que se traduz em cuidado e serviço.

McCown (2007, p. 118) destaca que a compaixão é o amor em ação, como observado em Mateus 9.36, e continua explicando que “Jesus, em seu ministério, parece ter agido precisamente com essa motivação”. Deus é uma pessoa compassiva, que se move para estar com aqueles que sofrem, como demonstrado ao caminhar ao lado dos discípulos enlutados em Lucas 24.13-35 (NTLH), onde “o próprio Jesus chegou perto e começou a caminhar com eles”. Essa imagem de Jesus caminhando com os discípulos no caminho de Emaús ilustra a importância da presença e do acompanhamento no cuidado aos enlutados. No contexto do Novo

Testamento, Jesus frequentemente agiu em compaixão, caminhando com os que sofriam, cuidando, curando e agindo em amor compassivo.

Paulo também instrui os crentes “povo escolhido de Deus, santos e amados” a se revestirem de compaixão, em Colossenses 3.12, “revistam-se de profunda compaixão”, onde Calvino (2010, p. 570) explica que isso demonstra a renovação em Cristo, “transparecerá que sois renovados por Cristo, quando fordes misericordiosos e bondosos. Pois estes são os efeitos e evidências de renovação.” Além disso, Paulo instrui os crentes (Romanos 12.15), “chorar com os que choram”, enfatizando a importância de compartilhar o sofrimento uns dos outros, como explica Calvino (2013, p. 506) “deixar de demonstrar real tristeza em seu infortúnio, é sinal de desumanidade. Portanto, sintamos compaixão uns pelos outros, de forma que nos identifiquemos mutuamente, demonstrando o mesmo estado mental.” Nesse sentido, a compaixão não é apenas um sentimento individual, mas uma prática comunitária que envolve compartilhar o sofrimento e oferecer apoio mútuo.

A análise do texto de Marcos 1:41, revela-se a compaixão e o poder de Jesus em trazer consolo e restauração aos que sofrem. Segundo Lopes (2012, p. 122), a atitude natural seria escorraçar o leproso, porém, Jesus sentiu compaixão por ele, curou-o e devolveu-lhe dignidade, desafiando as normas sociais e religiosas da época. Jones (2018, p. 193) contextualiza que a lepra era altamente estigmatizada, tornando os leprosos marginalizados e excluídos. Ao demonstrar compaixão, Jesus não só restaurou a saúde física do leproso, mas também o reintegrou à comunidade, refletindo o amor de Deus em ação e desafiando preconceitos sociais. Essa ação, conforme Lopes (2012, p. 129), é um exemplo inspirador do poder de transformação de Jesus, que busca acolher o sofrimento humano e reintegrar os marginalizados à comunidade, uma mensagem relevante para a igreja no acolhimento dos enlutados.

A igreja continuou pelo primeiro e segundo séculos a praticar atos de compaixão e cuidado como relata Policarpo de Esmirna (69 a 155 d.C.) em sua carta aos Filipenses (110-140 d.C.):

Capítulo 6:1 E que os presbíteros sejam também compassivos, misericordiosos para com todos, trazendo de volta os que vagam, cuidando de todos os fracos, não negligenciando nem viúva, nem órfão, nem pobre, mas sempre cuidando do que é bom diante de Deus e dos homens. (KIBUUKA e RODRIGUES, 2021, p. 122).

Ao concluir a exploração da compaixão divina como base para o cuidado com os que sofrem, é crucial adentrar na tanatologia. Essa ciência moderna, originada nos Estados Unidos (1970) e no Brasil (1980), analisa os processos de morte e luto de forma técnica e científica. Integrar a teologia com essa compreensão científica é fundamental para uma atuação adequada no cuidado ao enlutado, combinando fé e conhecimento para oferecer suporte holístico em meio à dor da perda.

## 2 TANATOLOGIA COMO FERRAMENTA NO CUIDADO

---

A Tanatologia é a ciência que pesquisa sobre os fenômenos da morte e do morrer. Kovács introduz com detalhes o campo de atuação qual se propõe a ciência tanatológica:

[...] área de conhecimentos e de aplicação, envolvendo cuidados a pessoas que vivem processos de morte pela perda de pessoas significativas, processos de adoecimento, em decorrência de comportamentos auto-destrutivos, suicídio, ou por causas externas, pela violência presente principalmente nos centros urbanos. (KOVÁCS, 2008, p. 458).

Alguns dos principais temas atuais da Tanatologia são (KOVÁCS, 2008, p. 459): Estudos Sobre o Luto, Violência e Guerras (2008, p. 464), Morte na TV (2008, p. 464) e Educação para a Morte (2008, p. 466). Os pesquisadores desta ciência podem atuar em diversas áreas profissionais, tais como: teólogos, médicos psiquiatras, psicólogos, psicanalistas, sociólogos, entre outros.

Dentro do tema do luto, os pesquisadores têm desenvolvido teorias e práticas para compreender os fenômenos e cuidar dos enlutados, como abordaremos neste artigo. Nosso objetivo é compreender como o cuidado espiritual compassivo pode ser eficaz, proporcionando os benefícios espirituais e emocionais necessários para aqueles que estão passando pela perda.

## 2.1 OS OBSTÁCULOS CONTEMPORÂNEOS DO CUIDADO AO ENLUTADO

Ao abordar o luto, entra-se no temido e evitado tema da morte, um tabu em uma sociedade voltada para o “culto da felicidade” (LUZ, 2021, p. 18) e a “felicidade tóxica”, que impõe constantemente o sucesso e a vitória. Soares e Mautoni (2013, p. 12) descrevem como a sociedade trata a morte e o luto: “o luto deve ser curto, pois em nossa sociedade não é permitido lamentar-se, sofrer ou chorar pela morte. E o tempo todo o que se ouve é: ‘A vida continua.’”

Há uma explicação para compreendermos por que a morte e o processo de luto foram excluídos da sociedade ocidental. Franco explica que a negação da morte está enraizada no medo da fragilidade da vida. Essa negação distancia o ser humano da plenitude da vida, restringindo-a a um espaço limitado de sobrevivência, especialmente na sociedade ocidental (FRANCO, 2021, p. 137). Então para a sociedade ocidental a morte é um símbolo de fracasso, não só pessoal, mas como social e cultural, que afronta a estrutura estabelecida como afirma Franco:

[...] valores sociais estão em fatores como produtividade, sucesso, crescimento econômico, consumo e individualidade, o valor do indivíduo está na acumulação de riqueza material, em sua habilidade para controlar resultados e no exercício do poder pessoal. Para tanto, a meta máxima é obter sucesso, visto pela lente das expectativas sociais, que desvalorizam a experiência pessoal e favorecem medidas de produtividade. Nesse contexto, situações que expõem aquilo que a sociedade

define como fraqueza – por exemplo, pobreza, dependência, incapacidade de controlar a vida – são consideradas vergonhosas. Nessa linha de pensamento, qual é a personagem onipresente ligada ao fracasso? A morte. (FRANCO, 2021, p. 137).

Enxergar o luto como um problema ou doença é um senso comum, que causa muitos problemas ao enlutado afirma Divine (2021, p.14). Outro fator que se apresenta como obstáculo ao validar e acolher o luto é o secularismo, cujo objetivo é a busca pela felicidade e evitação do sofrimento, afirma Keller:

Segundo a visão secular, o mundo físico é tudo o que existe. Portanto, o sentido da vida é a liberdade de escolher a vida que nos faz mais felizes. No entanto, por essa ótica, o sofrimento não tem um papel relevante nela. Ele é uma total interrupção da nossa história; não pode ser uma parte significativa dela. Por essa forma de abordar a vida, o sofrimento deve ser evitado a qualquer custo, ou minimizado o máximo possível. (KELLER, 2016, p. 27).

Negar a morte é uma das formas de não entrar em contato com as experiências dolorosas, afirma Kovács (2005, p. 494), e continua a autora a elaborar a respeito dessa fuga que “a grande dádiva da negação e da repressão é permitir que se viva num mundo de fantasia onde há ilusão da imortalidade”, no sentido de que a pessoa sente que nunca se deparará com a morte.

Para Divine (2021, p. 14) o conhecimento aceito pelo senso comum, ou seja, aquele conhecimento difundido entre o público leigo, agravando o processo de luto “nós o enxergamos como uma coisa a ser superada, algo a ser consertado, e não como algo que necessita de cuidado e apoio”. Continua Divine na mesma perspectiva, apontando que muito além do senso comum, os profissionais da área da saúde também desconhecem com lidar da forma adequada, o que dirá o religioso:

[...] os terapeutas são treinados para entender o luto como um transtorno, e não como uma reação natural a uma grande perda. Quando nem os profissionais sabem como lidar com o luto, como podemos esperar que o resto de nós aja com habilidade e elegância? [...] essas ideias ultrapassadas acrescentam um sofrimento desnecessário à dor natural, normal. (DIVINE, 2021, p. 14).

Além da negação influenciada pelos fatores culturais ocidentais e pelo secularismo, a falta de conhecimento básico ou crenças antiquadas, outros elementos podem afastar os cristãos do envolvimento no apoio aos enlutados. Na Bíblia, Deus alerta sobre como a falta de conhecimento e sabedoria pode ser prejudicial, como em Oséias 4:6 e Isaías 5:13, mostrando que isso se estende ao cuidado com os que sofrem. Além disso, pode haver uma vida espiritual superficial ou a ausência de um relacionamento genuíno com Deus. Nessa perspectiva, o Evangelista Mateus registra Jesus ensinando que o servo bom e fiel não se abstém de acolher aqueles que estão sofrendo, conforme Mateus 25:33-41.

## 2.2 A NECESSIDADE DO CONHECIMENTO DA CIÊNCIA TANATOLÓGICA NO CUIDADO POIMÊNICO AO ENLUTADO

O avanço na missão cristã e na prática do amor e do serviço requer que o corpo de Cristo se equipe com ferramentas e conhecimentos adequados. Desde a era da Reforma, a imprensa desempenhou um papel crucial na disseminação das novas ideias e do Evangelho (ADAM; REBLIN; SALDANHA, 2020, p. 602). A adaptação às novas tecnologias, como rádio e televisão, também teve impacto significativo na propagação do evangelho. Durante a pandemia de Covid-19, o corpo de Cristo demonstrou sua capacidade de se adaptar, conectando-se virtualmente (ADAM; REBLIN; SALDANHA, 2020, p. 599).

É crucial buscar conhecimento técnico e científico para oferecer cuidados aos enlutados, como recomenda Parkes (1998, p. 214), embora com ressalvas, dada a complexidade dessa experiência humana, como detalhado no capítulo 2.1. O acolhimento de enlutados sem o devido conhecimento pode prejudicar o processo, alerta o autor, destacando o risco de um luto mal-elaborado tornar-se um problema de saúde pública (KOVÁCS, 2005, p. 494). Destaca Parkes a respeito da preparação necessária para religiosos no acolhimento de enlutados:

O religioso deveria também estar preparado para mostrar sua aceitação do pesar e, em especial, das manifestações da raiva contra Deus e contra os seres humanos. Não ajudará nada se ele devolver essa raiva, se pretender abafar as emoções com dogmas, ou o sofrimento com tranqüilizações exuberantes. (PARKES, 1998, p. 221).

O conhecimento tanatológico que devemos buscar para o adequado acolhimento ao enlutado pode ser encontrado nas principais teorias e nos renomados pesquisadores da área do luto, dos quais serão abordados na sequência.

## 2.2.1 AS PRINCIPAIS TEORIAS

Optou-se por consolidar quatro das principais teorias do luto, amplamente utilizadas por renomados estudiosos da Tanatologia. Essas teorias foram principalmente extraídas da obra “O Luto No Século 21”, de Maria Helena Pereira Franco, referência nacional e internacional na área (Franco, 2021, p. 13). Considerando a meticulosa pesquisa de Franco, os próximos capítulos se fundamentam principalmente nessa obra, além dos autores originais das teorias.

### 2.2.1.1 Teoria do Apego, Tarefas do Luto, Modelos de Fases

A Teoria do Apego, desenvolvida por John Bowlby, a Teoria do Apego afirma que os humanos têm uma necessidade intrínseca de formar vínculos emocionais fortes com figuras de cuidado, geralmente a mãe ou cuidadores principais, conforme Franco (2021, p. 68). Esses vínculos são essenciais para a sobrevivência e o desenvolvimento infantil, influenciando a regulação emocional, a exploração do ambiente e futuros relacionamentos (SOARES; MAUTONI, 2013, p. 15). A qualidade do apego na infância molda os padrões de relacionamento ao longo da vida. Bowlby (1989, p. 42) também explica que o luto é uma resposta natural à perda de um vínculo significativo e é influenciado pela qualidade dos vínculos de apego ao longo da vida.

As Tarefas do Luto, Worden descreve quatro tarefas para o processo de luto: aceitar a realidade da perda (2013, p. 21); processar a dor do luto (2013, p. 24); ajustar-se a um mundo sem a pessoa morta (2013, p. 25); encontrar conexão duradoura com a pessoa morta em meio ao início de uma nova vida (2013, p.28). Franco (2021, p. 85) descrevendo esse processo, destaca que a ideia central do autor é possibilitar a adaptação à nova realidade, fases que se apresentam em um processo ativo.

Sobre o Modelo de Fases mais conhecido, Elisabeth Kubler-Ross, médica psiquiatra, desenvolveu o modelo de cinco fases (negação, raiva, barganha, depressão e aceitação) para o processo de morte em sua pesquisa com pacientes sob cuidados paliativos (FRANCO, 2021, p. 100). Kovács (1992, p. 194) destaca a relevância da médica no desenvolvimento dos cuidados paliativos, “a grande inovadora neste campo”. Este modelo de “estágios” ou fases originalmente não foi desenvolvido para o processo de luto, mas na sua pesquisa com pacientes em processo de finitude<sup>2</sup> (FRANCO, 2021, p. 46).

<sup>2</sup> No passado o termo “paciente terminal” era utilizado tecnicamente e no senso comum, atualmente não mais utilizado, por ser considerado inadequado. Termo técnico atual: processo de finitude.

### 2.2.1.2 O luto não é vivido em fases

Referindo-se ao conceito de fases, Parkes (1998, p. 15) chama a atenção sobre os perigos da simplificação excessiva de assuntos complexos, tratado como se fosse uma sequência fixa pela qual toda pessoa enlutada precisa passar para se recuperar da perda. Franco apresenta argumentos que demonstram um suposto risco nos modelos de fases:

O problema dessa referência às fases é que elas constroem uma expectativa a respeito do que seria um processo normal de luto, um comportamento adequado para vivê-lo, o qual as pessoas se veem quase forçadas a cumprir, o que torna a trajetória ainda mais difícil. (FRANCO, 2021, p. 101).

Mesmo reconhecendo a relevância do trabalho de Kubler-Ross para a compreensão do processo de morrer, Franco aponta críticas que fundamentam seu ponto de vista:

Falta de fundamentação teórica. Confusão conceitual e significados equivocados para o luto e o enlutar-se. Falta de evidência empírica. Existência de outros modelos para explicar o processo de luto com sustentação teórica e descrição detalhada. Consequências devastadoras do uso das fases: a interpretação equivocada do processo pode levar os enlutados a não se perceberem como de fato estão, apenas se preocupando se estão vivendo de acordo com as fases. (FRANCO, 2021, p. 101).

Desta forma, atualmente o modelo das 5 fases, por exemplo, não deve ser informado ao enlutado, como explicou acima Franco (FRANCO, 2021, p. 101) atrapalha o processo, mantendo o mesmo apenas no âmbito de discussões técnicas e acadêmicas.

### 2.2.1.3 Processo Dual

O Modelo de Processo Dual de Enfrentamento do Luto (STROEBE; SCHUT, 2010, p. 272), é um modelo teórico desenvolvido por Margaret Stroebe e Henk Schut (FRANCO, 2021, p. 33). Franco observa o impacto desta teoria, mais recente:

[...] tirou o profissional clínico da comodidade de descrever o processo como se fosse praticamente estático e revolucionou minha maneira de pensar sobre o luto, sem a previsibilidade de fases sequenciais, possibilitando-me ter respostas para questões sobre a duração do luto e condições particulares em uma família para vivê-lo. (FRANCO, 2021, p. 33).

O Processo Dual está baseado no princípio subjacente da oscilação, ou seja, o enlutado está em constante oscilação de enfrentamento entre os aspectos da orientação para a perda e da orientação para a restauração (FRANCO, 2021, p. 83), considerados polos, ou opostos, estressores, detalham Strobe e Schut, que afirmam “uma postulação importante do modelo é que a oscilação entre os dois tipos de estressores é necessária para o enfrentamento adaptativo.” Esta teoria especifica Stroebe e Schut (2010, p. 278), “é um processo de enfrentamento dinâmico, nomeadamente, um processo regulatório denominado oscilação, que o distingue dos modelos de luto anteriores.”

O Processo Dual é a teoria mais utilizada atualmente devido à sua abordagem abrangente, que considera diversas variantes, como as diferenças de sexo na experiência do luto (STROEBE; SCHUT, 2010, p. 282). Essa teoria destaca a importância de os enlutados enfrentarem a perda, repensando e replanejando suas vidas diante do luto, o que é considerado essencial (STROEBE; SCHUT, 2010, p. 277). Além disso, durante esse processo, há a oportunidade de construção de significado tanto para a perda quanto para o indivíduo, destacando o protagonismo do enlutado e as mudanças resultantes (FRANCO, 2021, p. 83).

Os tipos de luto e as diferentes formas de morte também precisam ser considerados, pois, segundo Kovács (2008, p. 460), eles podem influenciar a elaboração do luto. No entanto, esse aspecto não será o foco desta pesquisa.

## 3 POSSIBILIDADES DE APOIO AO ENLUTADO NA IGREJA LOCAL

---

Nos capítulos anteriores, discutiu-se como a compaixão de Jesus, conforme apresentada na Palavra, nos ensina a agir com compaixão e empatia diante do luto. Também conhecemos alguns dos obstáculos contemporâneos que comprometem o cuidado adequado aos enlutados e o conhecimento técnico sobre o luto no Capítulo 2.2. Neste capítulo, discutiremos como a igreja local pode promover uma cultura de acolhimento baseada nos ensinamentos de Cristo e no conhecimento técnico da Tanatologia.

Em qualquer que sejam as possibilidades de apoio ao enlutado, necessitaremos de conhecimento e treinamento específico, além de uma abordagem que muda o foco do luto como problema a ser solucionado para uma experiência a ser cuidada (DIVINE, 2021, p. 15), qual será apresentada a seguir.

Uma abordagem compassiva, tal qual Jesus demonstrou, é aquela na qual a pessoa se demonstra mais presente e não mais afetiva, como explica Parkes:

[...] se mostra mais presente, de forma pragmática, que em silêncio vai resolvendo as tarefas diárias da casa e faz pouca pressão sobre o enlutado. Esta pessoa precisa estar preparada para aceitar sem crítica a tendência do enlutado de expressar sentimentos de raiva ou angústia, que podem até mesmo ser dirigidos àquele que ajuda. Na verdade, pode ser necessário que ela indique ao enlutado que tais comportamentos são esperados e que, portanto, não precisam ser contidos. (PARKES, 1998, p. 205).

Para acolher eficazmente um enlutado, é essencial oferecer presença e escuta (JÚNIOR, 2021, p. 116), sem tentar amenizar ou “superar” a dor, mas sim testemunhá-la e estar presente, como afirma Divine (2021, p. 68). Parkes (1998, p. 205) destacou a importância de permitir que o enlutado expresse seus sentimentos e pensamentos sobre a perda, observando que aqueles que se expressavam mais apresentavam menos problemas fisiológicos. Ele alerta que inibir ativamente pensamentos e sentimentos sobre um trauma pode gerar estresse acumulado, aumentando o risco de doenças relacionadas ao estresse, corrobora Nassiff (2023, p.162). Nesse contexto, Casellato et al. (2015, p. 13) afirmam que a empatia é “a capacidade de compreender o significado e validar a experiência de outra pessoa” e não o colocar-se no lugar do outro, por ser este impossível.

O entendimento dos conceitos e teorias discutidos até agora nos fornece a base necessária para explorar as várias possibilidades de apoio ao enlutado na igreja local. No próximo capítulo, serão abordadas as oportunidades para implantar uma cultura compassiva, fundada nos ensinamentos de Jesus e no conhecimento tanatológico, visando acolher os enlutados de maneira eficaz.

### 3.1 IMPLANTANDO A CULTURA COMPASSIVA DE JESUS

A implantação de uma cultura compassiva para acolher pessoas enlutadas começa com a identificação dessa necessidade, um despertar, muitas vezes inspirado por um chamado de Deus. Esse processo exige o treinamento em Tanatologia de um líder que sensibiliza a liderança da igreja para criar um departamento ou designar um responsável, visando integrar essa prática na igreja e seus ministérios. É o que defende o Centro de Aconselhamento Restauração e Apoio (CEARA, 2024, não paginado) em seu site sobre o Ministério de Luto.

### 3.1.1 BOAS PRÁTICAS MINISTERIAIS

Este capítulo apresenta estratégias e práticas eficazes para oferecer suporte empático e estruturado aos enlutados. Essas práticas não só acolhem e apoiam os enlutados, mas também fortalecem a comunidade religiosa como um todo, promovendo uma cultura de compaixão e cuidado. Inicialmente, são destacados alguns ministérios de igrejas evangélicas, embora uma pesquisa na web realizada pelo Google não tenha encontrado exemplos estruturados de suporte ao luto nessas igrejas; algumas igrejas católicas romanas apareceram na busca, enquanto em inglês, muitas igrejas americanas e europeias foram identificadas. Em seguida, são oferecidas sugestões de práticas que podem ser implementadas nas igrejas locais, conforme sugerido por Parkes (1998, p. 214): “muitos religiosos são capazes de oferecer apoio sem pressionar a pessoa a voltar à vida”.

A Primeira Igreja Batista de Curitiba (PR), possui o Ministério de Luto<sup>3</sup> “11Km Para Emaús”, estruturado pelo Centro de Aconselhamento Restauração e Apoio. O ministério oferece os seguintes recursos: acolhimento presencial individual, grupo de apoio para enlutados, acolhimento e capacitação da rede de apoio, articulação na igreja e rede de apoio, capacitação de líderes, seminários e workshops, biblioteca física para empréstimos aos enlutados.

A Igreja Missionária de Maringá<sup>4</sup>, liderada pelo pastor e autor Jacó Júnior, lançou durante a pandemia em 2021 um projeto significativo para fornecer conhecimento compassivo sobre o luto a dez mil famílias na região. As famílias enlutadas podiam solicitar gratuitamente o livro “Abrace Sua Dor: Como Elaborar o Luto”, enquanto outras pessoas podiam adquiri-lo a preço de custo para presentear alguém em luto. Esse projeto foi uma resposta direta à situação difícil que muitas famílias enfrentaram durante a pandemia.

3 <https://pibcuritiba.org.br/aconselhamento-luto/>

4 <https://www.facebook.com/carlosfenille/videos/pastor-jac%C3%B3-j%C3%BAnior-fala-sobre-seu-livro-abrace-sua-dor-como-elaborar-o-luto-que-/566419391150674/>

A Igreja Saddleback<sup>5</sup> no Estado da Califórnia (EUA), oferecem apoio com Grupos de Apoio, encontros, como o inusitado encontro “Luvas para homens enlutados - Soque sua dor de propósito” encontro com prática de arte marcial, esse tipo de abordagem inovadora não só proporciona um espaço para a expressão do luto, mas também promove a socialização. Já a Igreja Good Sheperd Church<sup>6</sup> no Estado de Illinois (EUA) oferecem apoio com Grupos de Apoio, acolhimento ao enlutado e acompanhamento individual.

O Acolhimento Espiritual no Luto, é uma abordagem que irá utilizar as práticas já mencionadas pelos autores nesta pesquisa, que são o acolhimento (presença) e escuta atenciosa e empática (MALDONADO, 2005, p.62), onde a Palavra bíblica virá na abordagem como fonte de consolo, sempre dentro do contexto do luto e do texto bíblico, como por exemplo, Lucas 24: 13-35 “os enlutados no caminho de Emaús”. Gradativamente conduzir os olhos do enlutado a esperança que há em Cristo, como destaca Piragine (2021, p. 87) ao comentar o desespero de Jeremias (Lamentações 3: 21-24) “Jeremias olhou para cima e pensou sobre quem era seu Deus e, assim, a esperança retornou”.

Sempre levando em conta a importância da atuação de voluntários e religiosos no apoio a pessoas enlutadas, desde que estes sejam bem treinados, como destaca Parkes (1998, p. 213): “não se deve presumir que médicos ou assistentes sociais possuam o treinamento necessário para lidar com o luto, inclusive, recomendam que os enlutados busquem aconselhamento de voluntários.”

Os Grupos de Apoio Cristão<sup>4</sup> para enlutados funcionam com a mesma abordagem dos Grupos de Apoio para enlutados não cristãos, com a adaptação de suas dinâmicas com ênfase devocional e a prática da oração e encontros sociais inspirativos, que farão parte da proposta. Worden (2013, p. 77) explica que o estabelecimento de “Regras de Base”

5 <https://saddleback.com/connect/ministry/grief-support>

6 <https://www.goodshepherd-naperville.org/connect/care-prayer/grief-support-ministry/>

é importante, pois “elas proporcionam uma estrutura que pode ajudar os membros a se sentirem seguros.” A importância dos grupos de apoio é destacada por Fukumitsu (2019, p. 88), que acredita que esses grupos ampliam a proposta de acolhimento ao sofrimento, auxiliando na ressignificação dos sentimentos e pensamentos dos enlutados e incentivando a descoberta de novas formas de compartilhar a dor, rompendo os padrões de silêncio e segredos.

O Acolhimento Espiritual no Luto e a Capacitação da Rede de Apoio<sup>4</sup> praticada no 11Km Para Emaús (CEARA, 2024, não paginado), envolvem a prática do acolhimento estendida para incluir a rede de apoio direta, como familiares e amigos do enlutado, que também vivenciam o luto. Além disso, são fornecidas orientações sobre boas práticas no cuidado aos enlutados. Outra prática que observamos no mesmo ministério é a Biblioteca de Luto<sup>4</sup>. Obras sobre luto, sejam de autores cristãos ou de tanatólogos, que estão disponíveis para empréstimos aos enlutados.

Em resumo, as boas práticas ministeriais ressaltam a importância de um apoio estruturado e empático aos enlutados na igreja local, incluindo acolhimento espiritual cuidadoso e capacitação contínua de líderes e voluntários. Essas iniciativas fortalecem não apenas os enlutados, mas também a comunidade como um todo, promovendo compaixão e cuidado em consonância com os valores cristãos. A seguir, serão apresentadas as considerações finais desta pesquisa e suas implicações.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

---

Ao final desta pesquisa, fica evidente que a integração entre os princípios cristãos bíblicos e os conhecimentos da Tanatologia oferecem um caminho sólido para o cuidado do enlutado na igreja local, eliminando teorias e práticas ultrapassadas. A análise das práticas existentes e a revisão da literatura especializada, permitiram a identificação de estratégias eficazes para oferecer apoio ao enlutado de forma compassiva e empática. Assim, a pesquisa respondeu à questão central de como a igreja local pode oferecer um suporte eficaz aos enlutados, combinando os ensinamentos bíblicos com o conhecimento técnico da Tanatologia, ao demonstrar que a implementação de uma cultura de acolhimento e apoio ao luto pode ser alcançada por meio de práticas ministeriais inspiradoras e estratégias integrativas.

Os resultados obtidos indicam que a implementação de uma cultura de acolhimento e apoio ao luto pode ser alcançada por meio de práticas ministeriais inspiradoras, como as observadas no Ministério de Luto “11Km para Emaús” e nos grupos de apoio das demais Igrejas. Essas iniciativas oferecem modelos concretos de como a igreja local pode se tornar um espaço de acolhimento, esperança e seguro para se viver o luto. Além disso, a análise das boas práticas ministeriais revelou a importância do engajamento ativo dos líderes e membros da igreja na promoção do cuidado do luto. Investir em treinamento, recursos e práticas que promovam a compaixão e o cuidado demonstrou ser crucial para criar um ambiente acolhedor e de suporte emocional e espiritual para aqueles que enfrentam a dor da perda.

Portanto, as conclusões deste estudo destacam a necessidade e a viabilidade de uma abordagem integrada entre a prática cristã, a Palavra de Deus, e a ciência no cuidado do luto na igreja local. Recomenda-se que os líderes religiosos e membros da comunidade se comprometam com a implementação dessas práticas, visando proporcionar um apoio significativo aos enlutados e fortalecer o papel da igreja como agente de amor e consolo em meio ao luto.

# REFERÊNCIAS

---

ADAM, J. C.; REBLIN, I. A.; SALDANHA, M. Igreja Em Rede e Liturgia Online, É Possível? **Estudos Teológicos**, v. 60, n. 2, p. 598-609, maio/ago. 2020.

BOWLBY, J. **Uma Base Segura: Aplicações Clínicas da Teoria do Apego**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

CALVINO, J. **Gálatas, Efésios, Filipenses e Colossenses**. São José dos Campos: Editora FIEL, 2010.

CASELLATO, G. et al. **O resgate da empatia: Suporte psicológico ao luto não reconhecido**. São Paulo: Summus Editorial, 2015.

CEARA - CENTRO DE ACONSELHAMENTO RESTAURAÇÃO E APOIO (2024). **Ministério de Luto 11Km Para Emaús**, Curitiba, Primeira Igreja Batista de Curitiba. Disponível em: <https://pibcuritiba.org.br/aconselhamento-luto/>. Acesso em: 21 de maio de 2024.

DEVINE, M. **Tudo bem não estar tudo bem: Vivendo o luto e a perda em um mundo que não aceita o sofrimento**. Rio de Janeiro: Sextante, 2021.

FERNANDES, U. M. Notas sobre sofrimento, dor, respeito, compaixão e medo na Análise do Discurso Ecolinguística. **Ecolinguística: Revista brasileira de ecologia e linguagem**, v. 07, n. 01 p. 43-53, janeiro 2021. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/36698>. Acesso em: 20 de março de 2024.

FRANCO, M. H. P. **O luto no século 21: Uma compreensão abrangente do fenômeno**. São Paulo: Summus Editorial, 2021.

FUKUMITSU, K. O. **Sobreviventes enlutados por suicídio: Cuidados e intervenções**. São Paulo: Summus Editorial, 2019.

GOOD SHEPHERD CHURCH (2024), **Grief Support Ministry**, Naperville. Disponível em: <https://www.goodshepherd-naperville.org/connect/care-prayer/grief-support-ministry/>. Acesso em: 19 de maio de 2024.

JONES, M. **O Conhecimento de Cristo**. Brasília: Editora Monergismo, 2018.

JÚNIOR, J **Abrace Sua Dor: como elaborar o luto**. Maringá: Massoni, 2021.

KELLER, T. **Caminhando com Deus em meio à dor e ao sofrimento**. São Paulo: Vida Nova, 2016.

KIBUUKA, B. G. L.; RODRIGUES, C. J. **Coleção a Patrística: Pais Apostólicos**. São Paulo: Fonte Editorial, 2021.

KOVACS, M. J. **Morte e Desenvolvimento Humano**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.

KOVACS, M. J. Educação para Morte. **Psicologia Ciência e Profissão**, v. 25, n. 3, p. 484-497, São Paulo 2005.

KOVÁCS, M. J. Desenvolvimento da Tanatologia: estudos sobre a morte e o morrer. **Paidéia**, v. 18, n. 41, p. 457-468, São Paulo 2008.

LUZ, R. **Luto é outra palavra para falar de amor**. São Paulo: Ágora, 2021.

LOPES, H. D. **Marcos: o evangelho dos milagres**. São Paulo: Hagnos, 2012.

LOPES, H. D. **Mateus: Jesus, o Rei dos reis**. São Paulo: Hagnos, 2019.

MALDONADO, J **Crises e Perdas na Família: consolando os que sofrem**. Viçosa: Ultimato, 2005.

MCCOWN, W. G. **Dicionário de Ética Cristã**. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2007.

NASSIFF, N **Sorrir Outra Vez: Vivenciando o Desfilhamento**. Bragança Paulista: Autor da Fé, 2023.

PARKES, C. M. **Luto: estudos sobre a perda na vida adulta**. São Paulo: Summus Editorial, 1998.

PIRAGINE JÚNIOR, P. **Estou sofrendo: Deus tem respostas para o sofrimento humano**. Curitiba: Águas Profundas, 2021.

SADDLEBACK CHURCH (2024), **Grief Support Ministry**. Saddleback Church, Anaheim. Disponível em: <https://saddleback.com/connect/ministry/grief-support>. Acesso em: 19 de maio de 2024.

SOARES, E. G. B.; MAUTONI, M. A. DE A. G. **Conversando sobre o luto**. São Paulo: Editora Agora, 2013.

SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL. **Bíblia Sagrada ARC - Almeida Revista e Corrigida: Com notas de tradução e referências cruzadas**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010.

SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL. **Bíblia: Nova Tradução na Linguagem de Hoje**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2015.

STROEBE, M.; SCHUT, H. The Dual Process Model of Coping with Bereavement: A Decade Later. **Omega - Journal of Death and Dying**, v. 61, n. 4, p. 269–271, Utrecht 2010. Acesso em: 1 de junho de 2024.

TV MARINGÁ. (2021, 10 de setembro). Pastor Jacó Júnior fala sobre seu livro “Abrace sua dor”, Como Elaborar o luto, que será lançado no domingo dia 12 de Setembro. **Paraná Notícias**. Disponível em: <https://www.facebook.com/carlosfenille/videos/pastor-jac%C3%B3-j%C3%BAnior-fala-sobre-seu-livro-abrace-sua-dor-como-elaborar-o-luto-que-/566419391150674/>. Acesso em: 27 de maio de 2024.

WORDEN, J. W. **Aconselhamento do Luto e Terapia do Luto: um manual para profissionais da saúde mental**. São Paulo: Roca, 2013.

# O CONTRASTE ENTRE PURO E IMUNDO EM AÇÕES PARABÓLICAS DE JESUS REGISTRADAS EM MARCOS 7

THE CONTRAST BETWEEN PURE AND UNCLEAR IN JESUS' PARABOLIC  
ACTIONS RECORDED IN MARK 7

EL CONTRASTE ENTRE LO PURO Y LO INMUNDO EN LAS ACCIONES  
PARABÓLICAS DE JESÚS REGISTRADAS EN MARCOS 7

## RESUMO

---

O presente artigo, intitulado “O contraste entre puro e imundo em ações parabólicas de Jesus registradas em Marcos 7”, busca saber quais relações entre os conceitos de puro e imundo podemos encontrar nas ações de Jesus registradas em Mc 7, mediante a exegese do texto a partir do método histórico-gramatical. Utilizando o referido método, o estudo inclui a visão geral do texto, a delimitação das perícopes, contextualização histórica e cultural, além de análises léxica, literária e teológica. Portanto, o objetivo geral é relacionar os sentidos de puro e imundo nas ações parabólicas de Jesus contidas no trecho bíblico abordado. Especificamente, busca-se analisar as perícopes sob os citados aspectos histórico, cultural, literário e teológico; identificar as linhas de raciocínio nos diálogos e ações de Jesus e contrastar as definições de pureza e impureza na perspectiva cristã e na tradição judaica. Ao final, o leitor será levado a compreender aspectos do processo de santificação estabelecido por Jesus em sua missão de purificar e incluir povos separados da antiga aliança numa nova comunidade de fé.

Palavras-chave: teologia bíblica; interpretação; Marcos 7; método histórico-gramatical; crítica e interpretação.

---

<sup>1</sup> Graduado em Arquitetura e Urbanismo (UNIMEP). Brasil. Contato: tmenillo@gmail.com

# INTRODUÇÃO

---

Dentro do campo da teologia bíblica do Novo Testamento, vemos que o Evangelho de Marcos apresenta uma rica e objetiva narrativa de um conjunto de ações e ensinamentos de Jesus que, gradativamente, expõe sua identidade como o Filho de Deus (Gladd, 2023, p.88). Por vezes, tais ações e ensinamentos desafiaram e redefiniram conceitos estabelecidos na tradição judaica no anúncio da Nova Aliança. O capítulo 7 deste Evangelho é um exemplo dessa dinâmica, onde o autor apresenta duas perícopes aqui analisadas: na primeira (Mc 7:1-23) Jesus debate com os escribas e fariseus a questão da purificação cerimonial e, em seguida (Mc 7:24-30) o autor apresenta Jesus interagindo com uma mulher siro-fenícia ao dirigir-se a uma região gentílica. Portanto, o presente artigo, intitulado “O contraste entre puro e imundo em ações parabólicas de Jesus registradas em Marcos 7”, busca analisar detalhes desses eventos, visando melhor compreender os significados teológicos e as implicações das ações e palavras de Jesus, propondo a seguinte questão: quais as relações entre os conceitos de puro e imundo que podemos encontrar nas ações de Jesus ao fazermos a exegese das perícopes a partir do método histórico-gramatical? A questão central deste trabalho, que consiste em investigar as relações entre tais conceitos opostos, levanta a hipótese de que a teologia marcana demonstra, na junção dessas perícopes, que a distinção entre puro e imundo proposta pela Lei de Moisés possui valor apenas simbólico, sendo transitório e temporal, desfazendo as barreiras estabelecidas entre judeus e gentios. Essa análise é crucial para compreender como Jesus redefiniu esses conceitos e como essa redefinição impacta a prática piedosa e a pregação do Evangelho na igreja contemporânea.

Assim, o objetivo do estudo é relacionar os conceitos de purificação e imundícia encontrados nas referidas passagens bíblicas utilizando ferramentas do método histórico-gramatical. Ao olhar para as “ações parabólicas de Jesus”, pretendemos demonstrar que o autor nos ensina sobre a pureza não apenas por meio dos discursos, mas também através

dos atos de Jesus. Especificamente, pretende-se, ainda, analisar as perícopes sob os aspectos histórico, cultural, literário e teológico; identificar as linhas de raciocínio nos diálogos e ações de Jesus e contrastar as definições de pureza e impureza da perspectiva cristã e da tradição judaica. O referido método histórico-gramatical aplicado neste estudo baseia-se na proposta do Prof. Claiton André Kunz (2015) em seu artigo “Exegese do Novo Testamento a partir do método histórico-gramatical”. Será utilizada a tradução própria, feita para o presente trabalho, a partir do texto grego, apresentada no apêndice. No primeiro tópico, apresenta-se uma visão geral do texto em estudo, abordando também a contextualização histórica do livro de Marcos como um todo. Ainda nesse tópico, faremos a delimitação das perícopes, incluindo uma breve análise dos estilos literários empregados, assim como a análise léxica que verifica o emprego e possíveis aplicações dos termos-chave. No segundo tópico, analisaremos o contexto histórico e cultural da tradição judaica e da mulher siro-fenícia. A partir dessas contextualizações, o terceiro tópico apresentará uma linha de raciocínio identificadas no texto através da análise teológica, verificando aspectos doutrinários identificados no texto e sua relação com outras passagens bíblicas. O foco será a forma como Jesus aplica os conceitos religiosos e sagrados de pureza e imundícia, permitindo, assim, realizarmos as aplicações e a atualização do texto bíblico. Importa observar que tal atualização consiste na identificação de conceitos perenes presentes no texto.

Este estudo, portanto, busca contribuir para uma compreensão mais profunda do processo de santificação estabelecido por Jesus e de sua missão de alcançar os povos separados da antiga aliança, purificando-os e incluindo-os em uma nova comunidade de fé. A relevância desta pesquisa reside na obtenção de princípios significativos a serem aplicados pela igreja contemporânea ao vivenciar e levar a mensagem de Jesus a outras culturas.

# 1. O TEXTO DE MARCOS 7

---

O capítulo 7 do Evangelho de Marcos destaca a confrontação de Jesus com os líderes religiosos sobre as tradições de pureza ritual. A questão da pureza é central para o entendimento da mensagem de Marcos, que enfatiza a autoridade de Jesus em transcender e redefinir o entendimento da Lei de Deus dado pelas tradições. Ao longo do texto, observa-se que Jesus manifesta o Reino de Deus através de sua pessoa não apenas com poder sobre a natureza, as doenças, os demônios e a morte, mas também sobre a Lei. Neste tópico serão apresentadas as duas perícopes selecionadas para evidenciar como os conceitos de “puro” e “imundo” são definidos nas ações e palavras de Jesus. Com ferramentas do método histórico-gramatical, proposto por Kunz (2015), verificamos o significado original dos termos e suas implicações no contexto em que foram escritos.

## 1.1. VISÃO GERAL E O CONTEXTO HISTÓRICO DO EVANGELHO DE MARCOS

Neste subtópico faremos uma breve análise da origem, propósito e teor do Evangelho de Marcos, conteúdo fundamental para a leitura do capítulo 7. O livro é considerado o mais antigo dos Evangelhos e sua importância é evidenciada pela influência nos relatos de Mateus e Lucas, conforme apontado por estudiosos como Barclay (2009, p.5, 6), Stein (2022, p.15) e Gladd (2023, p.81). Vemos que a tradição da Igreja, desde o segundo século, atribui a autoria deste Evangelho a João Marcos, um personagem bem documentado no Novo Testamento: filho de Maria, apoiadora da igreja (At 12:12), que acompanhou Paulo e Barnabé (At 12:25; 13:13) e colaborou com Paulo na prisão (Cl 4:10; Fm 24; 2 Tm 4:11). O apóstolo Pedro, por sua vez, refere-se a ele como “meu filho” (1 Pe 5:13). Embora o autor não tenha sido uma testemunha direta do ministério de Jesus, Eusébio, citando Papias, indica que Marcos atuou como

intérprete de Pedro escrevendo a partir dos ensinamentos e lembranças do apóstolo (Eusébio, *História Eclesiástica* 3.39.15). Beck (2020, p.53), considera que a relação do Evangelho de Marcos com a pregação de Pedro deve ser aceita na atualidade. Isso sugere que, apesar de não seguir uma cronologia rigorosa, o Evangelho de Marcos é uma representação fiel dos ensinamentos apostólicos.

Em relação à datação, há um consenso entre muitos estudiosos de que ele foi escrito por volta de 65 d.C., possivelmente próximo à morte de Pedro e durante a perseguição de Nero, em 64 d.C. No entanto, alguns o colocam na década de 50 d.C., o que daria tempo para Mateus e Lucas usarem Marcos como uma de suas fontes. Quanto ao público-alvo, o Evangelho de Marcos parece ter sido direcionado principalmente a leitores não judaicos, possivelmente residentes em Roma. Embora, conforme citado por Gladd (2023, p.80), Bauckham argumenta que os Evangelhos podem ter sido escritos para uma audiência “aberta”, não podemos ignorar a influência de sua origem sobre seu conteúdo e forma. Quanto ao gênero, Gladd (2023, p.103) demonstra que os Evangelhos têm sido considerados biografias greco-romanas, que contém história, louvor, filosofia moral, narrativas do cotidiano, etc. O objetivo desse tipo de literatura é informar os leitores sobre o herói e convidá-los a acreditar na mensagem. Já no primeiro versículo, Marcos dá ênfase à identidade de Jesus como o Filho de Deus, um título recorrente no texto (Marcos 1:1; 1:11; 3:11; 15:39). Percebemos ainda como Marcos apresenta Jesus como o Messias, mas não de acordo com as expectativas políticas ou militares de sua época. Em vez disso, reinterpreta as expectativas messiânicas ao apresentar um Messias que triunfa através do sofrimento e do sacrifício, conforme destaca Gladd (2023, p.82).

## 1.2. VISÃO GERAL E AS PERÍCOPE DE MARCOS 7

Neste subtópico veremos que o texto é um exemplo dos registros de como os pronunciamentos e ações de Jesus constituem-se ensinos que redefiniram conceitos estabelecidos na tradição judaica. O capítulo 7 faz parte da porção que abrange a última fase do ministério de Jesus na Galileia (Gladd, 2023, p.103) e nele encontramos uma ruptura significativa com o trecho anterior (6:31-56), quando líderes religiosos vindos diretamente de Jerusalém passam a observar Jesus. As discussões aqui encontradas “nos mostram a própria essência e o coração da divergência entre Jesus e os judeus ortodoxos de seus dias” (Barclay, 2009, p.167). Aqui, podemos destacar dois temas principais: (1) o referido confronto de Jesus com os líderes religiosos e (2) a manifestação do poder de Jesus em contextos gentios. Dados os objetivos do presente estudo limitamos a análise aos versículos 1 a 30. A análise da delimitação utiliza os elementos de início e término dados por Silva (2000) em sua obra “Metodologia de exegese bíblica”. Junto à delimitação, apresentamos os estilos literários identificados no texto.

### 1.2.1. A PRIMEIRA PERÍCOPE, MC 7:1-23: DELIMITAÇÃO E ESTILO LITERÁRIO

A perícopé começa com uma expressão muito utilizada por Marcos: “*Kai*” (conjunção, “e”). Esse início é marcado com a introdução de um novo evento e novos personagens à narrativa: a reunião com os fariseus e alguns dos escribas vindos de Jerusalém. O término da perícopé no versículo 23 é marcado pelo clímax do discurso de Jesus e pela ruptura dos diálogos: “todas estas coisas más saem de dentro e contaminam a pessoa”.

Alguns elementos podem ser destacados no corpo da perícopé: a partir do versículo 2, o autor interrompe a sequência narrativa com

uma explicação sobre as tradições judaicas, que, conforme Stein (2022, p.407), visa esclarecer os leitores gentios; a narrativa é retomada no versículo 5, sendo que a resposta de Jesus aos escribas e fariseus se inicia no versículo 6. Nos versículos 6 a 13 Jesus cita duas passagens do Antigo Testamento em confronto direto com a postura e os ensinamentos dos líderes religiosos; nos versículos 14 a 16, Jesus se dirige a uma multidão. Nos versículos 17 a 23 há uma mudança de cenário e de público; aqui, as instruções de Jesus são direcionadas exclusivamente aos discípulos, mas o tema da purificação permanece.

É possível identificar uma variação no estilo literário que compõe essa narrativa: nos versículos 6 a 13, vemos um relato de controvérsia, seguido de um pronunciamento nos versículos 14 e 15. Nos versículos 14 a 16, registra-se também uma parábola, utilizando a narrativa como forma de ensino, tendo a sua exposição nos versículos 17 a 23. Devido às mudanças de cenários, interlocutores e estilos, a unidade histórica desta perícopes tem sido objeto de discussão, como aponta Stein (2022, p.408). No entanto, Stein defende que não há contradição na presença da multidão durante o encontro de Jesus com os escribas e fariseus, destacando ainda que as questões sobre a “tradição dos anciãos” e sobre “pureza e impureza” estão intimamente relacionadas, ideia que compartilhamos.

## 1.2.2. A SEGUNDA PERÍCOPE, MC 7:24-30: DELIMITAÇÃO E ESTILO LITERÁRIO

A segunda perícopes inicia-se no versículo 24 com uma ação do tipo partida, mudando o cenário: “dali também levantando-se partiu”, elementos de conexão comuns em Marcos. Esse deslocamento de Jesus é significativo no contexto: Stein (2022, p.408, 423) observa que a perícopes anterior prepara os leitores para a missão de Jesus junto aos “impuros” que encontraremos no decorrer do capítulo. No corpo da perícopes vemos Jesus adentrando em uma região gentílica, impura, fazendo menção ao “segredo messiânico” nos versículos 24 e 25a. Na sequência, o autor apresenta

nos versículos 25b e 26 o encontro entre Jesus com uma mulher siro-fenícia que clama por sua ajuda; o diálogo entre eles consta nos versículos 27e 28; a declaração de Jesus sobre a fé da mulher está no versículo 29a e encontramos nos versículos 29b e 30 o relato do exorcismo à distância. A perícopete termina no versículo 30 com a ação de partida da mulher e uma ação terminal na confirmação o milagre: “E voltando para sua casa encontrou a criança deixada sobre a cama, tendo sido expulso o demônio”.

Quanto a seu estilo, Stein (2022, p.423) considera que o texto não se encaixa em categorias exatas, uma vez que o diálogo e o conteúdo estão intimamente ligados. Aponta que o texto tem sido considerado um pronunciamento, relato de milagre, narrativa de ensino, narrativa de cura à distância, ou um relato combinado de pronunciamento e milagre. Consideramos, ainda, que a resposta de Jesus no versículo 27 consiste em uma parábola que emprega a relação entre humanos e animais.

### 1.3. TRADUÇÃO E ANÁLISE LÉXICA

Devido à limitação de espaço do presente estudo, a forma grega com a tradução e análise morfológica do texto estão apresentadas no apêndice deste artigo. A versão grega utilizada é a Bizantina de 2005, encontrada na página do Bible Hub. A tradução, assim como as análises léxicas a seguir, foram realizadas com auxílio do léxico grego disponível na mesma página do Bible Hub, do “Léxico do Novo Testamento: grego/português” (Gingrich e Danker, 1984) e do “Novo Testamento Interlinear Grego-Português” (Scholz, 2019). Também devido à limitação de espaço e propósito deste artigo, limitamos a análise léxica aos termos “ἀνίπτοις”, “κοιναῖς”, “κοινοῖ”, “καθαρίζων”, na primeira perícopete e aos termos “θυγάτριον”, “κυναρίοις” e “ἀκάθαρτον”, na segunda. Na versão grega, os termos estão destacados com negrito para facilitar a localização dos mesmos. Podemos observar que os termos selecionados compõem nas perícopes um campo semântico que reflete a ênfase do texto sobre as noções de “puro” e “imundo”. No emprego dessas palavras o autor contrasta as tradições

judaicas de pureza ritual com o conceito cristão de pureza centrado no estado do coração e intenções internas.

### 1.3.1: ANÁLISE LÉXICA – 1ª PERÍCOPE, MC 7:1-23

O termo *ἀνίπτοις* (aniptoís) encontrado no versículo 2 refere-se a “não lavados” ou “sem lavar”, sendo um adjetivo derivado do verbo “*νίπτω*” (*níptō*), que significa “lavar”, acrescido da partícula negativa “*ἀ-*” (a-). Neste contexto, a expressão enfatiza o desrespeito ao ritual de purificação, explicando “*κοινᾶις*” (koinais) usado no mesmo versículo. O adjetivo “*κοινᾶις*” (koinais) é o dativo plural feminino de “*κοινός*” (koinós). A palavra “*κοινοῖ*” (koinoi), por sua vez, é o adjetivo plural de “*κοινός*” (koinos) e será empregada adiante (7:20,23). O significado de koinos e de koinais é “comum”; “mas também descreve algo que é ordinário no sentido de não ser sagrado, algo que é profano, em oposição ao sagrado” (Barclay, 2009, p.168). No versículo 19 vemos a declaração de que todos os alimentos são puros, por não terem o poder de contaminar o coração de uma pessoa. O termo empregado é “*καθαρίζων*” (katharizōn), uma forma participial do verbo “*καθαρίζω*” (katharizō), que significa “purificar” ou “limpar”, referindo-se à purificação ritual ou à remoção de impurezas espirituais. Deste modo, o texto expressa que os alimentos estavam isentos da capacidade de separar o homem de Deus. Em oposição a isso, temos nos versículos 20 e 23 o já referido termo “*κοινοῖ*” (koinoi), indicando que a imundícia que de fato contamina o homem está nos vícios e pecados oriundos do coração, relacionados nos versículos 21 e 22.

### 1.3.2: ANÁLISE LÉXICA – 2ª PERÍCOPE, MC 7:24-30

Ao referir-se à criança para a qual a mulher busca socorro, no versículo 25, o texto emprega o termo “*θυγάτριον*” (thygátrion, filhinha). O sufixo “*-ιον*” (-ion) é um diminutivo, o que faz de “*θυγάτριον*” uma forma carinhosa ou diminutiva de “*θυγάτηρ*” (thygatēr, filha). O uso do diminutivo

faz com que essa expressão dialogue com outro diminutivo que encontramos no texto: “κυνάριας” (kynariois, cachorrinhos). Também possui uma carga emocional, trazendo a ideia de afeto e ternura, em contraste ao “πνεῦμα ἀκάθαρτον” (pneuma akatharton, espírito imundo).

A palavra “κυνάριας” (kynariois) aparece no versículo 27 e no texto paralelo de Mateus 15. Trata-se da forma dativa plural diminutiva do substantivo “κύων” (kyōn), que significa “cão” ou “cachorro”, sendo “cachorrinho” ou “animal de estimação”. O termo “κυνάρια”, usado no versículo 28 é a forma nominativa ou acusativa plural do mesmo diminutivo “κυνάριον”. O uso de “κυνάριας” (kynariois) em vez de “κύων” (kyōn) e a imagem que podemos formar a partir da parábola – um cão aguardando alimento ao lado da mesa de uma família – pode indicar uma referência a um cão doméstico ou animal de estimação, numa posição inferior, porém aceitável dentro de casa, e não ao cão de rua. De qualquer modo, para os judeus, o cão era considerado um animal imundo e usado como metáfora para o que era mal (Daniel-Rops, 2008, p.40). Há debates sobre a linguagem empregada ser ou não um atenuante à fala de Jesus, como podemos observar nos diferentes entendimentos de Barclay (2023, p.182), que atribui uma atenuação, e Stein (2022, p.427), que não atribui. Consideramos, contudo, pertinente o entendimento de que trata-se de uma parábola sobre a ordem cronológica da salvação que abriu porta para o diálogo com a mulher gentia.

Por fim, no versículo 25, temos também “ἀκάθαρτον” (akatharton), usado para descrever o “πνεῦμα” (pneuma, espírito) que atormenta a menina. O termo tem origem no adjetivo “καθαρός” (katharos), que significa “puro” ou “limpo”, acrescido do prefixo negativo “ἀ-” (a-). Assim, “akatharton” é “impuro” ou “não purificado”. No Novo Testamento é usado para descrever espíritos malignos ou demoníacos, contrários à santidade e pureza de Deus. No contexto de Marcos 7, reforça o contraste entre “pureza” e “imundícia” presente nas perícopes e demonstra uma conexão com a perícopa anterior, uma vez que o emprega no lugar de “δαιμόνιον” (daimonion), “demônio”, que passa a utilizar nos versículos 26,29 e 30.

## 2. O CONTEXTO DA DISPUTA SOBRE A PURIFICAÇÃO E DO DESLOCAMENTO DE JESUS PARA TIRO

---

Neste tópico veremos que a devida compreensão das ações e palavras de Jesus relacionadas à pureza e impureza encontrados em Marcos 7, requer o entendimento do contexto histórico e cultural da tradição dos anciãos judeus e da condição dos gentios em relação ao judaísmo. Esse panorama nos auxilia a perceber como esses episódios expressam o contraste entre os conceitos farisaico e cristão de puro e imundo.

### 2.1. O CONTEXTO HISTÓRICO E CULTURAL DA PURIFICAÇÃO DOS JUDEUS

Daniel-Rops (2008, p.449) demonstra como a oralidade teve grande relevância no judaísmo. Também conhecida como *Halachá*, vista como uma forma viva e dinâmica de interpretação da Torá, pode ser a origem da crença de que a pureza do povo judeu poderia ser mantida de forma cerimonial. Além da observância estrita de práticas como a lavagem das mãos, que simbolizavam a remoção de qualquer contaminação espiritual adquirida no contato com o mundo exterior, incluía ainda a separação rigorosa dos gentios, considerados impuros. Barclay (2009, p.167) também menciona que a tradição dos anciãos referia-se a um corpo de regras e regulamentos vistos como uma extensão da Lei escrita, elaborada como método capaz de garantir seu cumprimento. Visando que a Lei de Moisés permeasse todos os aspectos da vida, tais regras cobriam desde a higiene pessoal até os detalhes das relações sociais e religiosas. Para os fariseus, a manutenção da pureza era uma forma de preservar a identidade do

povo de Deus em meio a um mundo pagão. Contudo, Jesus expõe que a tradição resultou na própria anulação da Palavra de Deus, distorcendo o propósito da Lei. Assim, a lavagem das mãos antes das refeições, como discutido em Marcos 7:1-23, não se limitava a um hábito de higiene física, mas tornara-se uma prática religiosa com um significado profundo, tornando seu praticante puro diante de Deus. Portanto, o ato dos discípulos de comer com mãos não lavadas, corroborado por Jesus, era considerado uma violação capaz de expor a pessoa a espíritos malignos e à destruição espiritual, como explica Barclay (2009, p.168, 169). Ao desafiar essas tradições, Jesus não estava apenas rejeitando uma prática cultural, mas estabelecendo a correta compreensão do que é de fato imundo. “A disputa entre Jesus e os líderes judeus atinge um ponto de ebulição em 7.1-23, especialmente quando ele declara todos os alimentos puros” (Gladd, 2023, p. 103).

## 2.2. O CONTEXTO HISTÓRICO E CULTURAL DA MULHER SIRO-FENÍCIA

O encontro de Jesus com a mulher siro-fenícia, narrado em Marcos 7:24-30, ocorre num contexto histórico e cultural de complexas interações entre judeus e gentios. A região de Tiro, para onde Jesus se dirige, era um território predominantemente gentio, conhecido por suas profundas raízes na cultura greco-romana. Possivelmente trata-se de cidades sob o controle de Tiro, uma cidade portuária fortificada e considerada inimiga histórica dos judeus, conforme evidenciado nos escritos de Josefo, que descrevem os habitantes de Tiro como os piores inimigos dos israelitas. É interessante notar que:

“Idealmente, essas cidades fenícias eram parte do reino de Israel. Quando, sob Josué, a terra foi repartida entre as tribos, a Aser lhe tocou uma porção até a grande Sidom e até a forte cidade de Tiro (Josué 19:28-29). Mas Israel nunca tinha conseguido subjugar esse território, e nunca tinha entrado nele” (Barclay, 2009, p. 181).

Há especulações sobre as motivações de Jesus para esse deslocamento. Segundo Stein (2022, p.425), não teria sido por uma missão deliberada aos gentios, mas por uma aparente busca de refúgio, o que pode ser fundamentado na ênfase de Marcos ao segredo messiânico no versículo 24. Contudo, a sua presença não passou despercebida. “Marcos acentua o poder de Jesus e sua presença numinosa” (Stein, 2022, p 425). Compreendemos, assim, que o relato desse deslocamento expressa um significativo afastamento dos religiosos judeus e a aproximação de uma gentia. A mulher que encontra Jesus é descrita por Marcos como “helênica”, ou “grega” (*Ἑλληνίς*, Hellenis), um termo considerado por Stein (2022, p.426), neste contexto, como não remetendo necessariamente à sua origem linguística ou cultural, mas sim à sua condição de gentia, de alguém fora do povo de Deus. A parábola proposta por Jesus expressa a condição dessa gentia em relação às promessas de Deus a Israel. O termo “primeiro” (*πρῶτον*, *prōton*) demonstra que existe uma prioridade temporal divinamente estabelecida na qual os judeus foram priorizados na revelação da Salvação. “Em Marcos, ‘primeiro’ é, na forma neutra, sempre usado para descrever algum tipo de cronologia histórica devidamente ordenada: 3.27; 9.11,12; 13.10 e aqui (cf. Rm 1.16)”. (Stein, 2022, p 427). Assim, os filhos seriam os descendentes de Abraão, herdeiros da promessa do messias salvador, enquanto os gentios, como cachorrinhos, aguardavam o tempo do anúncio do Evangelho a todas as nações. Porém, essa mulher não se deteve diante das barreiras históricas, culturais e religiosas. Sua resposta à aparente rejeição de Jesus reflete um pensamento perspicaz, ao se inserir humildemente na parábola e lhe propor um novo desfecho.

### 3. AS LINHAS DE RACIOCÍNIO NOS DIÁLOGOS E AÇÕES IDENTIFICADAS EM MARCOS 7

---

Neste tópico, veremos que conceitos e doutrinas podemos identificar no texto. O modo como Marcos relata o ato dos discípulos de comerem sem lavar as mãos e a convivência de Jesus com a quebra da tradição dos anciãos demonstra que não se trata de um incidente fortuito, mas de um evento intencional da parte do Senhor. Isso se confirma ao notarmos que tais ações (1) abriram porta para um pronunciamento de ensino de Jesus de grande impacto, não apenas sobre a verdadeira pureza, que não vem de atos externos, mas também sobre o verdadeiro sentido da Lei Mosaica; (2) motivam uma repreensão aberta aos fariseus, chamados de “hipócritas” (*ὑποκριτῶν*, *hypokritōn*) cujos corações estavam distantes de Deus. Esse ato revolucionário foi um ponto de ruptura com aquelas normas estabelecidas, revelando qual o verdadeiro cumprimento da vontade de Deus. Jesus desloca o foco das práticas externas para o estado interior do coração, nos pensamentos e intenções malignos que são conhecidos por Deus, afastando os homens da comunhão. Na sequência, particularmente nos versículos 24-30, vemos o deslocamento de Jesus para uma região gentia, afastando-se dos líderes judeus que se consideravam purificados por meio da tradição. Essa postura se torna repleta de significado quando inserida nesse contexto pelo Evangelista, quando vemos que seu encontro a mulher siro-fenícia amplia ainda mais a distância entre o conceito de pureza e imundícia anunciado no Reino de Deus, daquele praticado em Israel. Assim, essa perícopa não apenas destaca a autoridade de Jesus sobre os espíritos impuros, mas também sugere a inclusão dos gentios no plano de salvação e o propósito de purificação através da fé.

Como já mencionado neste estudo, Jesus compara os gentios a “cachorritos” e os judeus a “filhos”. Essa metáfora revela uma realidade histórica:

a salvação vem dos judeus, em meio aos quais Jesus se revela. No entanto, Ele sugere que essa prioridade é temporal e não definitiva, permitindo que a fé transcenda essa ordem estabelecida. Isso se torna particularmente relevante quando consideramos que, na perícopes anterior, os líderes religiosos judeus, os “filhos”, já haviam rejeitado a mensagem de Jesus, simbolizando um pão que agora é oferecido também aos “cães”, ou seja, aos gentios. Assim, o ministério de Jesus, inicialmente focado em Israel, se expandiria para incluir todos aqueles que demonstrassem fé. A fé da mulher siro-fenícia, que aceitou humildemente sua posição e buscou a ajuda de Jesus, é uma demonstração de que não há exclusividade étnica na salvação.

A discussão sobre pureza e inclusão dos gentios no plano de salvação também está profundamente conectada com a rejeição de Jesus pelos líderes religiosos judeus. Tal rejeição é vista como um cumprimento das profecias de Isaías, onde o povo de Israel, como seus antepassados, continua em idolatria, adorando a Torá e as tradições orais em vez de compreender a verdadeira intenção da Lei.

### 3.1. ANÁLISE TEOLÓGICA

A partir da contextualização e análise do texto, veremos neste tópico algumas doutrinas, sejam explícitas ou implícitas, identificadas nas perícopes, às quais podemos relacionar outros textos bíblicos, sendo:

#### 3.1.1. PUREZA ESPIRITUAL

A discussão central em Marcos 7 gira em torno da questão da pureza ritual em oposição à pureza do coração. Jesus afirma que a verdadeira impureza não vem do que entra no corpo, dada sua limitação à fisiologia humana, mas daquilo que sai do coração (Mc 7:15). Desta forma, torna-se vã a prática da religião desprovida da santificação. A doutrina da pureza espiritual é reiterada no Novo Testamento. Em Mateus 5:8 está

registrada a afirmação de Jesus: “Bem-aventurados os puros de coração, pois verão a Deus”. Aqui, a pureza interior é parte do discipulado, corroborando o que já estava registrado nas Escrituras. Em 1 Samuel 16:7, Deus diz a Samuel que “o homem vê o que está diante dos olhos, porém o Senhor olha para o coração”, enfatizando que a pureza espiritual não advém de obra externa.

### 3.1.2. A SALVAÇÃO DOS GENTIOS

O encontro de Jesus com a mulher siro-fenícia ilustra a inclusão dos gentios no plano de salvação. Embora Jesus afirme, conforme o relato de Mateus, que veio para as “ovelhas perdidas da casa de Israel” (Mt 15:24), Ele demonstra que a fé é o critério para receber a graça de Deus, não limitada à origem étnica. No episódio do anúncio do Evangelho ao centurião Cornélio em Atos 10:9-16, a purificação dos alimentos é empregada como símbolo de purificação dos gentios por meio da salvação. Na epístola aos Gálatas, Paulo afirma que “não há judeu nem grego; não há escravo nem livre; não há homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus” (Gl 3:28).

### 3.1.3. A SUFICIÊNCIA DE CRISTO

Na primeira perícopa, vimos que Jesus acusa os fariseus de invalidarem a Palavra de Deus ao colocarem as tradições humanas acima dos mandamentos. Esse confronto destaca a suficiência de Cristo e de sua mensagem, em contraste com as adições humanas à Lei. Vemos nisso que a verdadeira revelação e o caminho para Deus estão em Cristo e em sua interpretação da Lei. Em Colossenses 2:8-10, Paulo alerta os cristãos a não serem capturados por filosofias e tradições humanas que não estão de acordo com Cristo, pois “nele habita corporalmente toda a plenitude da divindade” e que estão “completos nele”.

### 3.1.4. JUSTIFICAÇÃO PELA FÉ

A resposta de Jesus à mulher siro-fenícia demonstra, de forma implícita, a justificação pela fé. A mulher gentia é socorrida por Jesus não por suas obras ou por sua observância da Lei, mas por sua fé. Essa doutrina é central na teologia cristã, particularmente enfatizada nas epístolas de Paulo, que escreve: “Concluímos, pois, que o homem é justificado pela fé, independentemente das obras da lei” (Rm 3:28).

### 3.2. ATUALIZAÇÃO E APLICAÇÃO

Diante das doutrinas encontradas no texto bíblico em estudo, conforme os exemplos acima relacionados, podemos ter uma correta compreensão do processo de santificação estabelecido por Jesus e de como Ele alcançou povos separados da antiga aliança, purificando-os. Entendemos, assim, a necessidade de se apreender os conceitos perenes da Lei de Deus, interpretando-os à luz da Teologia Bíblica do Novo Testamento. Esse procedimento é crucial para a maneira como a igreja contemporânea enxerga suas práticas piedosas e a pregação do Evangelho a outras culturas. Atualmente, a aparência externa e as tradições culturais de segmentos cristãos ganham notoriedade através do amplo acesso às mídias. Tal exposição pode levar a igreja a buscar a preservação de uma aparência em detrimento da real transformação interior de seus membros. Desta maneira, nos tornamos hipócritas, como aqueles fariseus. Há também o risco de apego a tradições denominacionais e ao sectarismo em detrimento às Escrituras.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

---

No presente estudo relacionamos os conceitos de purificação e imundícia encontrados em duas perícopes do capítulo 7 do Evangelho de Marcos, aplicando-se para isso o método histórico-gramatical. Ao analisarmos as perícopes sob os aspectos histórico, cultural, literário e teológico, contrastamos as definições de pureza e impureza da perspectiva cristã e da tradição judaica. Assim, vimos que, ao redefinir o conceito estabelecido de pureza através de seus atos e pronunciamentos, Jesus subverte as normas religiosas de sua época, direcionando o foco para a transformação interior e para a vivência de uma fé genuína, cumprindo o propósito da Lei. Tais relatos introduz o tema da inclusão dos gentios no plano de salvação, ilustrada pelo encontro de Jesus com a mulher siro-fenícia, demonstrando que a graça de Deus não se limita a uma etnia ou cultura, mas está acessível a todos que possuem fé. Através das análises teológicas realizadas, identificamos linhas de raciocínio que nos levam a doutrinas centrais do cristianismo, explícitas e implícitas nas ações e palavras de Jesus. Essas doutrinas não apenas moldam a compreensão teológica cristã, mas também orientam a prática da fé no contexto contemporâneo, desafiando a igreja a constantemente reavaliar suas tradições à luz dos ensinamentos de Cristo.

# REFERÊNCIAS

---

BARCLAY, William. **Comentario al Nuevo Testamento Vol. 3: Marcos**. Barcelona: Editorial CLIE 489, 2009.

BECK, David R. Pedro: proclamando o Evangelho no poder do Espírito. In FREST, Benjamin K et al. **A história da pregação: dos apóstolos aos revivalistas**, v.1. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020. p. 51-70.

BIBLE Hub. Disponível em: <<https://biblehub.com/>>.

DANIEL-ROPS, Henri. **A vida diária nos tempos de Jesus**. 3 ed. São Paulo: Vida Nova, 2008.

EUSÉBIO de Cesareia. **História Eclesiástica**. São Paulo: Novo Século, 2002.

GINGRICH, W.; DANKER, W. F. **Léxico do Novo Testamento grego-português**. São Paulo: Vida Nova, 1984.

GLADD, Benjamin. Marcos. In KRUGER, Michael J.(ed.). **Introdução bíblico-teológica ao Novo Testamento**. São José dos Campos: Editora Fiel, 2023.

KUNZ, Claiton André. Exegese do Novo Testamento a partir do método histórico-gramatical. **Revista Batista Pioneira**, vol. 4, n. 1, p. 11-38, jun. 2015.

SCHOLZ, Vilson. **Novo Testamento interlinear grego-português**. Barueri: SBB, 2019.

SILVA, Cássio Murilo Dias da. **Metodologia de exegese bíblica**. 3 ed. São Paulo: Edições Paulinas, 2000.

STEIN, Robert H. **Marcos: comentário exegético**. São Paulo: Vida Nova, 2022.

OS IMPACTOS DA  
EXPANSÃO DO  
ISLAMISMO NOS SÉCULOS  
VII-VIII NOS ARREDORES  
DO IMPÉRIO BIZANTINO  
NA INTENSIFICAÇÃO  
DA CONTROVÉRSIA  
ICONOCLASTA

## RESUMO

---

No século VIII e um breve renascimento no século IX, no Império Bizantino, houve controvérsia sobre o uso de imagens na adoração cristã. Os iconoclastas argumentaram que essa prática poderia levar os cristãos à idolatria. A querela ocorreu durante a expansão do islamismo nas fronteiras do Império Bizantino. O presente artigo estabeleceu como problema de pesquisa; quais os principais impactos da expansão do islamismo nos séculos VII-VIII nos arredores do Império Bizantino na intensificação da Controvérsia Iconoclasta? O estudo teve como objetivo identificar os principais impactos da expansão do islamismo nos séculos VII a VIII nos arredores do Império Bizantino na intensificação da controvérsia iconoclasta. Concluiu-se que nenhuma das fontes mencionadas no estudo cita o islamismo como um fator significativo nessa controvérsia.

Palavras-chave: Controvérsia Iconoclasta: Império Bizantino: islamismo: destruição de imagens sagradas.

## INTRODUÇÃO

---

Ao longo da história humana, é visto como a arte quase sempre fez parte do dia a dia dos seres humanos, como a chamada arte rupestre nas cavernas do Período Paleolítico. Porém, conforme a humanidade evoluiu, essas representações artísticas passaram a ser mais complexas, e estavam ligadas à religião, com estátuas, imagens e ícones simbolizando deuses e seus feitos.

Cada povo no mundo antigo tinha esse padrão de religião e mitologia.

---

<sup>1</sup> Pós-graduando em História do Cristianismo e do Pensamento Cristão pela Faculdade Batista do Rio de Janeiro. Graduado em Teologia pelo o Centro Universitário do Vale do Ribeira – UNIVR E-mail para contato: arthurgabrielsd@gmail.com

No âmbito da religião cristã, essa questão de imagens e ícones era vista como algo corriqueiro e até necessário, já que são encontrados túmulos de mártires e igrejas ilustrando Cristo, passagens e personagens das Escrituras, com intuito de evangelizar os mais incautos e aumentar sua fé e piedade.

No entanto, em pleno seio bizantino, mais precisamente no século VIII e com breve reavivamento no século IX, surgiu uma controvérsia sobre o uso destas imagens. Os argumentos dos iconoclastas, como ficaram aqueles que eram contra os ícones, era que essa prática poderia levar os cristãos à idolatria. Essa controvérsia também ocorreu no momento em que o islamismo está em expansão e poderia ter influenciado nessa controvérsia.

Assim, de acordo com o cenário apresentado, discutir sobre os principais impactos da expansão do islamismo nos séculos VII-VIII nos arredores do Império Bizantino na intensificação da Controvérsia Iconoclasta justifica-se, pois a religião cristã e o islã são duas das maiores religiões mundiais, com bilhões de seguidores em todo o globo. Ambas possuem uma história rica e complexa. É importante compreendermos os fatores externos que influenciaram e moldaram a Controvérsia Iconoclasta. Ao considerar o contexto histórico do século VIII, é impossível ignorar o impacto que a expansão islâmica teve na Europa e no Oriente Médio, especialmente na região do Império Bizantino.

Além disso, de acordo com Walker (2006), a presença de imagens e ícones como forma de adoração é uma prática que tem suas origens em séculos anteriores, mas que ainda hoje gera debates e discussões em diversos ambientes religiosos e acadêmicos. No entanto, é notável que essa questão ganhou maior relevância e foi mais intensamente discutida no período compreendido entre os séculos VIII e IX. E é no período de 726-787 que é formado o dogma acerca das venerações das imagens.

Diante disso, nota-se a submissão da Igreja em obedecer às ordens do Imperador Leão III para quebrar os ícones é um assunto de grande

importância histórica e teológica. Diante de tal acontecimento, a Igreja Oriental e a Igreja Ocidental tiveram posturas distintas.

Enquanto a Igreja Oriental, liderada pelo Patriarca de Constantinopla, submeteu-se às ordens do Imperador e aceitou a quebra dos ícones, a Igreja Ocidental, liderada pelo Papa de Roma, se posicionou firmemente contra a destruição das imagens sagradas. Além disso, aprofundar-se neste assunto pode contribuir para uma compreensão mais ampla das divergências entre a Igreja Oriental e a Igreja Ocidental, bem como para uma reflexão sobre a importância das imagens religiosas na fé cristã.

Por fim, ressalta-se que este tema também tem grande relevância para o contexto atual, onde ainda existem divergências e debates acerca do uso de imagens na religião. Além disso, a partir desse evento, uma série de desavenças teológicas, políticas e culturais se intensificaram entre os cristãos do Oriente e do Ocidente, culminando no Grande Cisma do Oriente em 1054, que dividiu a Igreja em duas: a Igreja Católica Romana no Ocidente e a Igreja Ortodoxa no Oriente.

Assim, em virtude das informações até aqui apresentadas, o presente artigo estabeleceu como problema de pesquisa; quais os principais impactos da expansão do islamismo nos séculos VII-VIII nos arredores do Império Bizantino na intensificação da Controvérsia Iconoclasta?

E como objetivo geral – Identificar os principais impactos da expansão do islamismo nos séculos VII-VIII nos arredores do Império Bizantino na intensificação da Controvérsia Iconoclasta. Para alcançar o objetivo geral, os objetivos específicos serão; conceituar a expansão do islamismo nos séculos VII-VIII nos arredores do Império Bizantino; discorrer sobre a Controvérsia iconoclasta; analisar os principais impactos da expansão do islamismo nos séculos VII-VIII nos arredores do Império Bizantino na intensificação da Controvérsia Iconoclasta.

Tendo em vista tais informações, o presente estudo consiste em pesquisa aplicada de caráter exploratório e descritivo. Nesse sentido, os resultados

serão apresentados de forma qualitativa, a partir da coleta de uma revisão bibliográfica, com informações de fontes secundárias, como artigos e livros e com análise comparativa de obras de diferentes autores.

# 1 A EXPANSÃO DO ISLAMISMO NOS SÉCULOS VII-VIII NOS ARREDORES DO IMPÉRIO BIZANTINO

---

As religiões judaísmo, cristianismo e islamismo têm pontos comuns na sua teologia. Além de serem monoteístas, todas elas reivindicam a sua origem em Abraão. O judaísmo se desenvolveu primeiro, sendo que é relatado esse desenvolvimento na Bíblia Hebraica, comumente chamada de Antigo Testamento Cristão. A maior parte da história desse desenvolvimento se passou na atual região da Palestina. Nos últimos 400 anos até o século I, aquela região foi dominada por vários impérios, por exemplo o Império Romano. Neste ínterim, o judaísmo se fragmenta e surgem várias ramificações no seu interior, das quais o cristianismo foi confundido como sendo um deles.

Porém, com o passar do tempo, a religião cristã se diferenciou da judaica, e os teólogos cristãos se empenharam para escrever as bases da teologia cristã, com o objetivo de defender a doutrina cristã das perseguições tanto físicas como retóricas. A partir do século IV, começa a era dos concílios ecumênicos, com o propósito de chegar a um acordo doutrinário entre os líderes cristãos, solucionar os problemas na Igreja e expulsar os hereges. É notável que esses concílios aconteceram na Anatólia, que estava em posse do Império Bizantino, que entre os séculos VII e VIII estava lidando com o crescimento de uma nova religião, o islamismo.

Tem várias definições dos conceitos de “Islã” e “muçulmano”. De acordo com Hodgson (1974, p. 72) e Lewis (2004, p. 13-14), além de referir-se a uma religião com os seus próprios dogmas e doutrinas, “Islã” pode referir-se a um modo de sociedade, e às vezes até a um império, os quais são regidos pela lei divina. Já o termo “muçulmano” vem do árabe *muslim* e significa submissão a Deus, sendo que esse ato de submissão é também chamado de *islam* (Goldschmidt Junior; Al-Marashi, 2021).

Maomé é tido como sendo o fundador do Islamismo. Nascido em 570, na Península Arábica, na cidade de Meca. Mas é a partir de 610 que a vida de Maomé começou a mudar, já que começou a ter revelações, que ele identificou como sendo do Anjo Gabriel. De acordo com Maomé, Gabriel afirmou que os judeus e os cristãos teriam deturpado a mensagem de *Allah*, (Deus em árabe), além de o colocar como o mensageiro divino para os árabes. Logo após deste encontro com Gabriel, Maomé começou a pregar a sua nova mensagem. E, apesar de conseguir uns poucos convertidos, que incluía alguns membros de sua família, foi rejeitado. (Hodgson 1974, p. 167; Lewis 1996),

Essa rejeição á pregação de Maomé é explicada se consideramos que a Península Arábica durante os séculos V e VI era dívida em muitas religiões, como Zoroastrismo e vários grupos cristãos que foram declarados hereges pelos concílios ecumênicos dos séculos anteriores, o que gerou uma pequena perseguição a Maomé e seus seguidores. No entanto, em 622, uma data que tornaria o começo do calendário islâmico, Maomé foi convidado a mediar um conflito de tribos locais em Medina. E pouco tempo depois, Maomé se tornou o líder militar e espiritual de Medina. (Hogdson, 1974, p. 140; Goldschmidt Jr; e Al-Marashi. 2021; Lewis 1996)

Levando em consideração os conceitos já apresentados sobre o assunto, pode-se também entender que a ida de Maomé para Medina, que é chamado de migração (*hijra* em árabe), representou o ponto de virada para o movimento islâmico, já que até sua morte em 632 a Península Arábica foi islamizada pelo poder da espada. (Lewis 1996).

Vale ressaltar que esses avanços militares muçulmanos desse período, particularmente pelo Oriente Médio, se devem a dois fatores pelo menos: à fraqueza dos impérios da região, por exemplo o Império Bizantino: E, embora seja menos provável, ao fervor religioso dos muçulmanos. A chamada *Jihad*, (luta em árabe), faz parte da teologia muçulmana. Uma das interpretações desse princípio é a luta armada contra os não-muçulmanos, podendo até matá-los, embora houvesse tolerância com cristãos e judeus em certos momentos em seus domínios (Goldschmidt Junior; Al-Marashi, 2021; Gregory 2011, p. 181).

Conforme já mencionado, um desses lugares que mais sentiu a expansão da religião islâmica foi o Império Bizantino. Esse milenar império, cuja capital era Constantinopla, era o que restou do Império Romano e foi resultado da divisão Oriental que Diocleciano fez no final do século III, para tentar debater os ataques dos bárbaros e facilitar a administração. No entanto, a sua metade Ocidental, com sede em Ravena, caiu em 476 nas mãos bárbaras. Desde então, houve várias tentativas de reunir as duas partes, sendo uma delas a de Justiniano no século VI, mas nenhuma delas funcionou.

No começo do século VII, o Império Bizantino se encontrava em guerra com a Pérsia (602-628). Apesar de os bizantinos saírem vencedores no final desses conflitos, essa peleja os deixou enfraquecidos. Esse era o momento ideal para os avanços muçulmanos. Após da morte de Maomé, foram os califas (*Khalifa* em árabe significa sucessor) que o sucederam e foi criado o primeiro califado, o Califado Rashidun; (Lewis, 2004, p. 13; Goldschmidt Jr. e Al-Marashi, 2021).

Após de curto reinado de Abu Bakr, o sucessor indicado pelo próprio Maomé, a religião islâmica começou a expandir a partir de 634 com os califas Uthman e Ali, conquistando territórios bizantinos como Egito, Palestina e Síria, num espaço de 20 anos até o fim da década de 650. No entanto, devido ao assassinato em 656 de Uthman, foi iniciada uma guerra civil entre os muçulmanos que durou até 661, resultando também

com a morte de Ali e a criação de um novo califado, o Califado Omíada sob Muawiya ibn Abi Sufyan, sediado na Síria (Hodgson 1974, p 200; Lewis 1996),

Nesse meio tempo, os bizantinos tentaram recuperar os territórios perdidos, mas não conseguiram. A situação pioraria quando novos ataques muçulmanos, desta vez dos Omíadas, começaram. Entre os anos de 674 e 678, os Omíadas fizeram um primeiro cerco a Constantinopla. Contudo, graças á marinha bizantina, que foi tão eficiente que foi chamada de ‘fogo grego’, o cerco muçulmano falhou (Treadgold, 1997; Gregory, 2011, p. 186).

Entrando no século VIII, os dois Estados voltaram a se enfrentar em 717 e 718 na segunda tentativa de cerco muçulmano a Constantinopla. Mas, novamente, graças a marinha bizantina originalizada por Leão III, os bizantinos conseguiram repelir o ataque. Aliás, depois dos anos 740, o Império Bizantino conseguiu equilibrar as investidas muçulmanas, muito em conta da queda dos Omíadas em função da ascensão dos Abássidas e ao próprio Leão III que organizou minimamente o exército bizantino, não houve grandes ataques muçulmanos até os meados dos séculos IX (Treadgold, 1997; Gregory 2011).

Faz-se necessário, portanto, entender os conceitos relacionados a expansão do islamismo nos séculos VII-VIII nos arredores do Império Bizantino nota-se mudanças territoriais e políticas, pois essa é uma das razões do declino bizantino nesses dois séculos. É nesse cenário que acontecerá a Controvérsia Iconoclasta. o assunto da próxima seção do presente artigo.

## 2 A CONTROVÉRSIA ICONOCLASTA

---

Conforme relatado na seção anterior, o Império Bizantino nos séculos VI-VII estava enfrentando problemas com as invasões de povos estrangeiros. Ao Sul, os muçulmanos estavam conquistando cada vez mais territórios bizantinos, além dos eslavos que estavam se estabelecendo na região dos Balcãs e expulsando os bizantinos desta mesma região. Tudo isso levou a uma crise interna que, por sua vez, a um período de anarquia. A situação só melhorou quando a dinastia Isauriana na figura de Leão III (reinou de 717-741) chegou ao poder.

Nesse meio tempo, a Igreja Oriental passou por várias transformações e surgiram certas doutrinas que foram consideradas heresias, como por exemplo o Monoteísmo, defendida por Sérgio, patriarca de Constantinopla, que afirmava que Cristo tinha apenas uma vontade. A doutrina de Sérgio acabou sendo condenada no III Concílio de Constantinopla (681-682). No entanto, uma nova controvérsia iria surgir no século VII, a dos ícones, colocando de um lado os iconoclastas (quebradores de imagens) e do outro iconodulia (adoradores de imagens)

A Controvérsia Iconoclasta começou em 726, quando Leão III publicou um édito contra as imagens nas igrejas. Segundo Davis (1990), embora os motivos de Leão não sejam claros, é provável que essa atitude contra os ícones foi influenciada pelo monofisismo que era forte na Síria, terra natal do Imperador.

Já González (2011, p. 290), Price (2018, p. 10) e Latourrette (2006, p. 395) afirmam que essa ação de Leão foi em função da sua fé pessoal e do temor de estar desobedecendo o segundo mandamento em Êxodo 20:4-5, onde se proíbe fazer imagens. O imperador ligou esse motivo à situação bizantina daqueles últimos tempos, como se fosse o castigo de Deus por conta da idolatria.

A despeito disso, um dos defensores do uso das imagens foi João Damasceno. Em uma série de tratados escritos entre os anos de 726-730, dos quais destacam-se a *Exposição da Fé Ortodoxa e a Apologia contra os que Rejeitam as Santas Imagens*, Damasceno defende que o uso destas imagens ilustra a natureza humana de Cristo e sua encarnação. Quando a violação do segundo mandamento foi dada como uma prevenção à idolatria, pois os cristãos têm revelação completa (Walker, 2006, p. 272; González, 2004, p. 192; Gregory 2011, p. 204).

De acordo com Davis (1990), Walker (2006) e Price (2018), em 730, Leão liderou um concílio através do qual reafirmou o iconoclasmo e depôs o então patriarca de Constantinopla, Germano, que era um iconodulia, para colocar um tal de Anastácio, um iconoclasta. A reação do Ocidente a essa política aconteceu no papado de Gregório II (715-731), que repreendeu o Imperador. E no ano seguinte do concílio que Leão presidiu, Gregório III (731-741) excomungou Leão.

No ano de 741, Leão III morre, e Constantino V (741-775), seu filho, assume o trono. Constantino continuou com a política iconoclasta, e a endureceu. O iconoclasmo do novo imperador se baseava no argumento de que Cristo é uma pessoa composta por duas naturezas: humana e divina. Se uma imagem de Cristo mostrar apenas sua natureza humana, é uma imagem falsa porque separa essa natureza da divina, o que cairia no nestorianismo. Tentar mostrar as duas naturezas em uma única imagem também é errado pois misturar as naturezas é herético, o que seria monofisismo. (Gregory 2011; Davis 1990),

Como o seu pai, Constantino realizou um concílio para tentar impor o iconoclasmo. Sendo assim, de janeiro a agosto de 754 aconteceu o Concílio de Hieria, diante do qual os teólogos e bispos iconoclastas concordaram com o argumento de Constantino descrito acima. Depois desse concílio, muitos adoradores de imagem foram perseguidos, exilados e até mortos (Louth, 2008, p. 52; Walker, 2006, p. 272; Latourrette, 2006, p. 397).

A situação estava assim quando, em 775, Constantino morreu, sendo sucedido por seu filho, Leão IV (775-780). Por causa da sua esposa Irene, uma iconodula, a perseguição se abrandou. Em 780, Leão morre, e Irene se torna regente de seu filho Constantino VI. Depois de muitas negociações com o papa Adriano I (772-796), Irene conseguiu realizar em 787 o II Concílio de Nicéia. Nesse concílio, ficou definido que há vários graus de adoração e veneração. Foram designadas as palavras em grego *latría* para especificar a adoração a Deus, e *dulia* para a honra aos santos e mártires, teses essas que eram baseadas nos escritos de Damasceno (Walker, 2006, p. 272; González, 2004, p. 193-194).

González (2004) ainda ressalta que, em Nicéia acabou o movimento iconoclasta no século VIII. No entanto, com a queda da dinastia Isauriana e a ascensão dos Macedônios, o iconoclasmo voltou ao poder. Assim, Walker (2006, p. 273) afirma que, no começo do século IX, o imperador Leão V (813-820) retomou as políticas que não permitiam o uso de imagens religiosas. Um sínodo realizado em Constantinopla reforçou essa decisão e a repressão continuou por vários anos. Porém, somente em 843, com a iniciativa da imperatriz Teodora, que governava enquanto seu filho era menor, foi permitido o uso de imagens novamente.

Portanto, entender os conceitos relacionados à Controvérsia Iconoclasta foi muito importante na história do cristianismo pois essa discussão teve um impacto significativo na Igreja e na sociedade da época, influenciando aspectos como a arte, a religiosidade e a política. Agora que já foram definidos os conceitos deste trabalho, a última seção analisará os principais impactos da expansão do islamismo nos séculos VII-VIII nos arredores do Império Bizantino na Controvérsia Iconoclasta.

# 3 OS PRINCIPAIS IMPACTOS DA EXPANSÃO DO ISLAMISMO NOS SÉCULOS VII-VIII NOS ARREDORES DO IMPÉRIO BIZANTINO NA INTENSIFICAÇÃO DA CONTROVÉRSIA ICONOCLASTA

---

A seção anterior relatou a Controvérsia Iconoclasta, uma discussão sobre os ícones usados na prática de adoração e veneração. Vale ressaltar que o ser humano ao longo do tempo se utilizou de símbolos e imagens. A chamada Iconografia é a ciência que estuda os símbolos e seus significados, procurando identificar a sua mensagem por trás dos mesmos. Cada sociedade do mundo antigo desenvolveu uma iconografia diferente da outra.

Ainda nesse contexto, é importante destacar que a adoração através de imagens e ícones é uma prática que está presente em várias religiões e culturas ao redor do mundo, desde a Antiguidade. As religiões usaram esse tipo de recurso e desenvolveram seus dogmas e contar seus mitos. O cristianismo não fugiu desse padrão, pois os cristãos também desenvolveram uma iconografia.

Segundo Davis (1990, p. 302-3), González (2011, p. 290) e Fernandes (2016, p. 28) é possível entender que a iconografia cristã começa a se desenvolver nos primeiros séculos do cristianismo, quando as igrejas eram decoradas com imagens bíblicas. Porém, no século IV, bem na época de Constantino, algumas vozes começaram a se levantar contra essas imagens, como é o caso de Eusébio de Cesareia que, baseado na cristologia de Orígen, argu-

mentava que a Encarnação de Cristo é um evento histórico passageiro e que cumpriu o seu propósito que era revelar a Palavra ao mundo.

Apesar disso, a iconografia cristã começou a se desenvolver. Já no final do século VII, mais precisamente em 691-92, aconteceu o Concílio Quinissimo. Os autores Davis (1990, p. 304) e Fernandes (2016, p. 29) afirmam que nesse concílio foi ordenado que a representação de Cristo era para ser em forma humana e não mais como cordeiro para lembrar os fiéis a Sua encarnação e morte.

Era nesse contexto que estourou a Controvérsia Iconoclasta. Apesar de não se saber as causas dessa querela, com base nos conteúdos referenciais, é possível notar como o tema vem sendo abordado, em produções científicas, de forma a entender que o islã não é uma das causas principais e teve muito pouco ou nenhum impacto na controvérsia. Contudo, Fernandes (2016, p. 49) ressalta que muitas teorias tentam explicar o começo da iconoclastia. Alguns dizem que a ideia veio de motivos religiosos, outros falam de motivações políticas e há também quem diga que a razão envolvia as duas coisas juntas.

Embora González (2011, p. 290) afirme que o decreto de Leão III para destruir as imagens em 726 seja “[...] bem possível que ele promulgou tantos decretos para desmentir os muçulmanos, que acusavam os cristãos de idolatria”, essa tese é questionada por outros autores e fontes que apontam outros fatores que podem ser mais plausíveis para essa controvérsia.

Por exemplo, há a abordagem de Ostrogorsky (1969, p. 160-164) que afirma que a motivação de Leão foi por influências semitas que tinha recebido na Síria. Por conta disso, e também motivado pelo ensino Mosaico de não adorar as imagens, ele odiava as mesmas. O Imperador achava atingir uma espiritualidade mais pura assim. Nessa mesma linha, Price (2018, p. 10) apresenta que Leão foi motivado pela leitura do Antigo Testamento, que relata o fracasso do povo de Israel ao cumprir esse mandamento.

Ostrogorsky (1969) ainda apresenta, agora juntamente com Walker (2006, p. 274), o lado político dessa controvérsia. Segundo essa abordagem, a iconoclastia dos imperadores Leão III e Constantino V não passou de uma tentativa de dobrar os monastérios, que eram muitos ricos naquela época, à vontade imperial. Embora Gregory (2011, p. 207) mencione essa perspectiva, o autor pensa que a fé pessoal de Leão seja mais provável para o começo da controvérsia.

Sendo assim, também é possível perceber que o assunto apresenta uma relação com os aspectos teológicos. Gonzalez (2004) afirma que para os bispos iconoclastas não é possível representar a natureza divina, sendo preciso representar separadamente a humanidade de Jesus nas imagens. Assim, caso fosse possível representar as duas naturezas juntas, poder cometer um erro e isso já aconteceu no passado, quando a igreja condenou duas correntes de pensamento que misturavam ou dividiam as naturezas de Jesus. Enquanto para os bispos iconodulia “[...] ao recusarem representar a forma humana de Cristo davam espaço para a acusação que afirmavam que Ele era Deus, mas negavam que Ele realmente se tornara homem” (Latourrette, 2006, p.395).

Ainda, tomando por base o objetivo do presente trabalho, que trata dos principais impactos da expansão do islamismo nos séculos VII-VIII nos arredores do Império Bizantino na intensificação da Controvérsia Iconoclasta, é possível notar que nenhuma das fontes aqui analisadas menciona o islã como fator preponderante nessa querela.

Desse modo, as principais informações que foram tratadas aqui também passam pelas relações entre Oriente e Ocidente, que ficaram bem abaladas. Essas consequências nas relações entre os cristãos Orientais e Ocidentais vieram quase de imediato.

Os relatos de Davis (1990, p. 321), Gregory (2011, p. 216) e Ostrogorsky (1969, p. 185) afirmam que a coroação de Carlos Magno pelo papa Leão III no Natal de 800 representou um duro golpe para os bizantinos, como se o representante de Deus na Terra, o papa, estivesse reprovando os imperadores bizantinos daquele momento em diante.

Ainda no que diz respeito às relações entre os cristãos Orientais e Ocidentais, elas pioram ainda mais no decorrer do século. IX. Mais para o final do século, aconteceu o chamado Cisma Fociano. Esse pequeno cisma começou quando Miguel III depôs Inácio como Patriarca de Constantinopla para colocar Fócio. Inácio, então, apelou para o Papa Nicolau I, que excomungou Fócio. Depois de muitas negociações, Inácio retornou ao seu posto anterior. Ademais, esse breve cisma teve o seu aspecto teológico; os Orientais não aceitavam a cláusula *Filioque* no Credo Niceino, considerando-a herética (Gregory 2011, p. 239; González 2011, p. 325; Latourrette, 2006, p. 406).

Nesses breves relatos fica claro, portanto, que as consequências da Controvérsia Iconoclasta, embora ocorrida nos séculos VIII e IX, se refletiram nos séculos seguintes. E ficaram, então, estabelecidas uma das bases daquilo que é chamado de Grande Cisma do Oriente no século XI. Ademais, com base na argumentação apresentada ao longo desta seção, fica claro que as relações entre religião, política e sociedade no século VIII, bem como sobre sua influência nas relações entre cristãos bizantinos e ocidentais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

---

O conteúdo abordado ao longo do presente trabalho demonstra a importância e torna-se evidente a relevância e atualidade do tema da adoração através de imagens e ícones no contexto da produção acadêmica contemporânea. Através do estudo desse tema, é possível compreender e analisar como a religiosidade e a arte foram influenciadas por fatores políticos, teológicos e culturais ao longo dos séculos, além de investigar as transformações e permanências dessa prática ao longo da história.

Este artigo, que teve por objetivo, identificar os principais impactos da expansão do islamismo nos séculos VII-VIII nos arredores do Império Bizantino na intensificação da Controvérsia Iconoclasta. Na primeira parte,

“expansão do islamismo nos séculos VII-VIII nos arredores do Império Bizantino”, apresentou m breve resumo da origem do islamismo e sua expansão pelo Oriente Médio. Dos temas abordados, constatou-se que o Império Bizantino passava por alguns reveses políticos, o que favoreceu os ataques muçulmanos

Na segunda parte, “Controvérsia Iconoclasta”, apresentou a história dos imperadores e teólogos contra os ícones que eram usados na devoção cristã. Dos temas abordados, constatou-se que, após cerca de cinquenta de controvérsia, foi decidido que era lícito os cristãos venerarem esses ícones, decisão essa que foi reconfirmada em 843

Na última parte, “os principais impactos da expansão do islamismo nos séculos VII-VIII nos arredores do Império Bizantino na intensificação da Controvérsia Iconoclasta.”, apresentou um apanhado das abordagens sobre a influência do islamismo na querela das imagens. Dos temas abordados, constatou-se que o movimento iconoclasta foi influenciado por uma série de fatores, mas nenhum deles foi primeiramente causado pelo islã que estava se expandindo na região.

Apesar de todas as contribuições apresentadas, esta temática ainda reserva investigações posteriores a respeito da história do cristianismo medieval; mais especificamente como o cristianismo relacionou com a política medieval, bem como nos desdobramentos que teve no mundo ocidental desde então.

# REFERÊNCIAS

---

DAVIS, Leo Donald. **The first seven Ecumenical Councils (325-787): their history and theology.** Collegeville, Minnesota: Liturgical Press, 1990.

FERNANDES, Caroline Coelho. **A crise iconoclasta no Império Bizantino e a defesa das imagens de São João Damasceno: um debate sobre autoridade política.** 2016. Tese de Doutorado. Dissertação de Mestrado em História. Mariana: Universidade Federal de Ouro Preto, Instituto de Ciências Humanas e Sociais.

GOLDSCHMIDT JUNIOR, Arthur; AL-MARASCHI Ibrahim. **Uma história concisa do Oriente Médio.** Tradução Caesar Souza. 1. Ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2021.

GREGORY, Timothy E. **A history of Byzantium.** John Wiley & Sons, 2011.

GONZALEZ, J. L. **História ilustrada do cristianismo.** A era dos mártires até a era dos sonhos frustrados. Vol. I – 2. ed. rev. São Paulo – Vida Nova, 2011.

GONZALEZ, J. L. **Uma História do Pensamento Cristão.** Vol. 2 De Agostinho às vésperas da Reforma. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

HODGSON, Marshall GS. **The venture of Islam, volume 1: The classical age of Islam.** Chicago and London; University of Chicago press, 1971.

LATOURETTE, Kenneth Scott. **Uma história do cristianismo: vol. I: até 1500 a.C.** São Paulo: Hagnos, 2006

LOUTH, Andrew. **“The Emergence of Byzantine Orthodoxy, 600–1095.”** In *The Cambridge History of Christianity*, Cambridge History of Christianity, eds. Thomas F. X. Noble and Julia M. H. Smith. Cambridge: Cambridge University Press, p. 46-64, 2008.

LEWIS, Bernard. **A crise do islã**: guerra santa e terror profano; tradução. Maria Lúcia de Oliveira, -Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2004.

LEWIS, Bernard. **O Oriente Médio**: do advento do cristianismo aos dias de hoje. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1996.

OSTROGORSKY, George. **HISTORY OF THE BYZANTINE STATE**, New Jersey and New Brunswick; by Rutgers, The State University of New Jersey, 1969

PRICE, Richard. **The acts of the second council of Nicaea (787)**. Liverpool; Liverpool University Press, 2018.

TREADGOLD, Warren. **A history of the Byzantine state and society**. Stanford, California; Stanford University Press, 1997.

WALKER, W. **História da Igreja Cristã**. 3 ed. São Paulo: ASTE, 2006

# LITERATURA HEBRAICA: A FORMAÇÃO DA BÍBLIA HEBRAICA - UMA DISCUSSÃO SOBRE O USO DO MÉTODO HISTÓRICO-CRÍTICO

HEBREW LITERATURE: THE FORMATION OF THE HEBREW BIBLE – A  
DISCUSSION ON THE USE OF THE HISTORICAL-CRITICAL METHOD

LITERATURA HEBREA: LA FORMACIÓN DE LA BIBLIA HEBREA - UNA  
DISCUSIÓN SOBRE EL USO DEL MÉTODO HISTÓRICO-CRÍTICO

## RESUMO

---

Este artigo tem como objetivo demonstrar os métodos de pesquisas utilizados nas pesquisas dos textos bíblicos, com foco especial na metodologia histórico-crítica sob a interpretação dos textos a Bíblia Hebraica, conhecido pelos protestantes, que é o grupo primário do qual o artigo se aplica, como Antigo Testamento. A ideia é demonstrar que os métodos estão para uma maior contribuição da interpretação dos textos bíblicos em aproximação com o que a tradição já utiliza com a hermenêutica e exegese, deixando assim, um consenso que ambas as metodologias, histórico-crítico e hermenêutica bíblica, possam ser utilizadas juntamente para a compreensão dos citados textos, e não somente destes, mas para toda a extensão da Bíblia Sagrada, trazendo uma uniformidade de conceitos para pastores, teólogos e ingressantes no estudo de Teologia, seja pela academia ou para institutos de curso livre de igrejas protestantes. Apesar de o público-alvo realmente ser o protestantismo, não impede de que outras áreas da Teologia como a católica ou a judaica também façam uso deste artigo.

Palavras-chave: Bíblia, cristianismo, teologia, histórico-crítico, hermenêutica, exegese, interpretação, protestantismo.

## INTRODUÇÃO

---

Um estudo sobre a importância em caráter histórico-sociológico e da mesma forma com conceito teológico sobre o método histórico-crítico para ajudar na pesquisa sobre o cânon da bíblia hebraica o qual também conhecemos como Tanach. A Tanach foi utilizada pelos cristãos nos primeiros séculos através da Septuaginta. Entendo que o problema do tema

---

<sup>1</sup> Marcos Vinicius Cavalcante Correia é graduado no curso livre de Teologia pelo Centro Educacional Teológico – IETEB título convalidado pela UNIFAP e pós-graduado em Exposição e Ensino da Bíblia pela Faculdade Teológica Batista de São Paulo. Atualmente mestrando pelo Seminário Servo de Cristo

é sobre qual seria a contribuição do método histórico-crítico na formação da Tanach e compreendermos algumas lacunas que só são preenchidas caso fiquemos apenas no ambiente de fé e tradições dogmáticas. Entender melhor a composição da Tanach nos dá maior entendimento para o contexto sociocultural da Judéia no primeiro século que dá continuidade com a igreja primitiva.

Uma boa hipótese de trabalho é sobre a importância deste método para também a compreensão da igreja primitiva; como a igreja primitiva usou as profecias e os dados históricos sobre o Cristo e levou essa interpretação para as demais obras literárias do Novo Testamento, influenciando assim o cristianismo até os dias de hoje.

Vejo como justificativa a necessidade de a igreja saber sobre quem muito contribuiu para o crescimento do cristianismo enquanto uma fé judaico-cristã. Sabermos disso aplica em nossas próprias vidas o saber de que nem sempre àqueles que são contundentemente denotados nas Escrituras Sagradas são os únicos a contribuir para o Reino de Deus.

O tema tem como objetivo geral analisar a contribuição da formação histórico-crítico na formação dos textos bíblicos, para a igreja primitiva e igreja moderna e como objetivos específicos encontrar qual a historicidade dos fatos; quais os pressupostos do conhecimento teológico cristão que contém uma ampla visão a partir do método, qual o seu papel dentro dos Evangelhos. Usarei como metodologia a de natureza universal de forma descritiva utilizando-se de bibliografias variadas e diversos métodos científicos, inclusive, claro, o próprio método histórico-crítico.

# 1 PANORAMA HISTÓRICO-TEOLÓGICO DO CONTEXTO DA TANACH

---

Há uma atração prontamente estabelecida na leitura do Antigo Testamento no cânon utilizado pela igreja protestante no qual é a Tanach, cânon hebraico sobre as obras sagradas; Tanach conhecida por assim por causa da tradução da sigla em hebraico que dá o nome à essa coleção (Leis, Profetas e Escritos), e isso é verificado pelos demasiados gêneros literários que se contém nessa coleção de obras (cerca de trinta e nove livros distribuídos em diversos autores) como por exemplo a prosa; a novela; a poesia de importância relevante, que consegue transportar o leitor, principalmente nos livros históricos, poéticos e proféticos, ao cenário explícito e implícito contido no texto. Isso se dá justamente por causa da necessidade de se terceirizar do contexto vivido por tal personagem bíblica e assim se faz uma comparação com a sua própria história de vida, ora, se no caso da personagem bíblica houve um desfecho satisfatório, caso, o leitor se veja dentro do mesmo contexto, logo, o seu desfecho será tão igual quanto ao daquela personagem.

Passa-se, então, todo o contexto histórico-cultural e histórico-social ao contexto próprio do leitor, que no caso, é certo dizer que apenas sobre as lideranças, sejam elas religiosas tanto quanto sejam elas lideranças militares, é que se há essa transposição. Nesse caso, as personagens que não se têm muita fama ou um desfecho parcialmente satisfatório são deixados de lado, o que nos dá a impressão de se ter um certo cuidado com o suposto problema de o leitor perder-se na própria personagem que é a história de sua vida, trazendo assim, diversos problemas de cunho moral e ético, psicológico e comportamental, e ainda além, acabando não extraindo o verdadeiro motivo e objetivo da leitura do texto bíblico para aquele leitor.

Temos uma problemática sobre essa leitura, porque o fato de não ser identificado pelo leitor os diversos gêneros literários não o faz compreender também que há inserido em tal narrativa informações como drama ou novela que dão uma interpretação peculiar ao autor do texto que está propositalmente havendo essa inserção na personagem bíblica. Muitas vezes o autor do texto bíblico se usa dessas práticas ou técnicas como se fosse um método.

Se tratando do texto estritamente hebraico, temos então um método de condução político-religiosa para um povo específico, o povo hebreu. De acordo com Gottwald (1997, p. 19), “O ponto de partida apropriado para tratar do texto, e, necessariamente, leva consigo métodos precisos de análise e interpretação”. Podemos observar a importância desses métodos com o passar dos tempos, onde para os Pais da Igreja<sup>2</sup> havia ali uma certa profundidade na pesquisa do cenário que se encontrava a igreja primitiva, porém apesar disso, datava-se de um tempo certamente próximo aos acontecimentos o que deixava as obras do chamado mais à frente de Novo Testamento com pessoas que foram discípulos dos autores originais dessas obras. Após a Reforma Protestante já em meados do Séc. XV a sociedade já consistia em outros novos métodos de pesquisas graças ao Renascimento e ao Iluminismo, técnicas essas, que já estavam aos poucos sendo incorporado por filósofos católicos como Tomás de Aquino; René Descartes; Blaise Pascal, era agora o momento da igreja protestante se utilizar também desses métodos de pesquisas científicas.

Para o fim de extrair o máximo de informações sobre o contexto-histórico; contexto-cultural e contexto-social tanto da obra quanto do autor, as demais ciências foram cada vez mais necessárias para esse âmbito. Com isso foi-se cada vez mais incluindo metodologias das áreas de Antropologia, Pedagogia, Psicologia e Sociologia apenas como alguns exemplos. E isso foi de uma importância essencial para o estudo da Tanach por

---

<sup>2</sup> Os Pais da Igreja são tidos como os que defendiam a igreja contra heresias e enganos através de comentários próprios sobre a Bíblia de uma forma clara e objetiva com doutrinas claras as relacionando com a fé cristã.

sabermos que tal coleção se trata de obras escritas por cerca de um tempo médio de dois mil anos e algumas dezenas de autores, e, como já relatado, dentro de um contexto de gêneros literários variados.

Nisso podemos inferir que se falando de textos sagrados onde se encontra um enorme grito à fé que as obras trazem, os diferentes métodos usados hoje sejam por profissionais de linguísticas, ou para Teólogos e demais pesquisadores, se toma um determinado cuidado de se utilizar de um único método para que não dentro da pesquisa o responsável por ela não se torne refém da mesma, e, assim se tornando refém, há o perigo iminente de levar uma interpretação tão errônea ao qual o leitor leigo faria.

Qual o problema que temos então em aplicar vários métodos para chegar a um mesmo fim? A resposta para isso não é tão simples, senão os pesquisadores dos textos antigos, sendo eles textos sagrados ou não, sentiriam mais à vontade para se utilizar de apenas um método, porém no caso não há problema em se utilizar vários métodos, desde que, esses métodos conversem entre si para chegar ao resultado mais próximo da intenção do autor ao registrar sua obra, e qual o impacto dessa obra teve para seus remetentes.

## 2 A NECESSIDADE TEOLÓGICA DO PONTO DE VISTA DA FÉ FUNDAMENTAL NA INTERPRETAÇÃO DA TANACH

---

Nos primeiros séculos do cristianismo, a pesquisa em torno da Tanach foi a utilização de métodos já existente na própria igreja primitiva através dos apóstolos. Metodologia essa que foi prontamente utilizada nos séculos seguintes. Não havia uma necessidade grande de procurar um método linguístico já que em sua maioria, os textos foram escritos por autores de fala hebraica já contextualizando a forma de sabedoria do texto hebraico transportando-o para a forma de retórica implícita na língua grega, e ainda tínhamos a facilidade de esses autores estarem vivos na época que esses textos foram demasiadamente utilizados entre povos de etnias diferentes à etnia hebraica. Após os autores originais do texto do Novo Testamento, quem assume essa alcunha de ensinar essas obras são justamente os discípulos desses autores, não havendo assim uma ruptura considerável nas mesmas.

Com isso, os textos foram usados em um cenário sobrenatural conforme a igreja primitiva iria crescendo, logo, os povos que recebiam as instruções desses textos recebiam também o contexto-teológico embutido de fé e religião seja essa de princípio hebraica ou seja de princípio majoritariamente cristão. Podemos aqui ainda acentuar a influência que alguns desses textos cristãos sofreram da filosofia grega e seu helenismo, o que foi necessário em alguns casos para transformar a sabedoria hebraica em retórica e diálogos consistentes e oriundos das filosofias helenísticas.

Com isso, e o Império Romano quase que totalmente helenizado, fez com que a igreja cristã transmitisse esse método para os séculos seguintes não havendo mudanças significativa ainda no texto hebraico, que apesar dos

esforços de Jerônimo (347-419) em traduzir a versão da Tanach grega (Septuaginta<sup>3</sup>) para latim (Vulgata<sup>4</sup>) continuou com o método primitivo de interpretação dos textos hebraicos. Com o passar dos tempos a igreja agora já protestante parecia que utilizaria métodos diferenciados no seu princípio, porém o medo de se ter más interpretações, ainda mais com o nascimento da Teologia Liberal somada as várias interpretações da Talmud e o constante uso das interpretações pelos Cabalistas<sup>5</sup> em ainda a vertente da interpretação católica dos textos, se fez necessário realizar métodos com conclusões mais próximos do dogmatismo pregado à época.

Apesar de termos uma linha teológica ainda dogmática nos dias de hoje, a igreja moderna passou pela conturbada Teologia Liberal e ainda pela Teologia da Prosperidade, porém o crescimento do acesso às redes sociais e a utilização cada vez mais de métodos autodidatas faz com que o alerta se ligue novamente, porque temos o que chamamos de livre pensamento vigorando pelos meios acadêmicos, e a maior preocupação de uma fé fundamental era com que o leitor interpretasse ao seu bel prazer os textos hebraicos, agora temos na academia essa mesma preocupação demonstrada por muitos acadêmicos de se misturar todos os métodos que outrora foi visto como perigosa para que se cheguem à uma interpretação que melhor lhes atende e não mais que atendia ao remetente original do qual o autor se dispôs a escrever.

A resposta a tudo isso vem da própria academia onde encontramos uma guerra intelectual para se saber quem detém a verdadeira interpretação, os fundamentalistas ou as comunidades plurais dos dias de hoje, o que é um ponto curioso já que tantos fundamentais quanto plurais entendem que a verdadeira interpretação provém do autor dos textos sagrados e não do intérprete como terceira pessoa interessada no texto, logo, é de se ficar surpreso como há tanta distinção nas interpretações das comunidades evangélicas e católicas nos dias de hoje.

---

3 Septuaginta é a tradução do cânon hebraico para o idioma grego em meados do Séc. III a.C.

4 Vulgata é a tradução de Jerônimo da Septuaginta ao idioma latim utilizado pela igreja no Império Romano.

5 Cabalistas foi um movimento onde se acreditava que nas consoantes e vogais das palavras eram resultados de um grupo especial numérico inserido na Tanach massorético.

# 3 A UTILIZAÇÃO DO MÉTODO DE CRÍTICA TEXTUAL PARA A INTERPRETAÇÃO DA TANACH

---

Dentro do método ao qual se interessa o estudo da Tanach, podemos fazer uso da Crítica Textual para melhoramento da hermenêutica inclusa nas obras. Para isso é necessário que façamos a comparação de textos das obras escritas em períodos diferentes e até mesmo em períodos distintos, para assim, termos em mãos o que o método científico presente chama de variante textual, que são as pequenas diferenças nos textos sejam por grafia ou tradução, ou até mesmo pelo uso de palavras que são intercambiáveis dentro da semântica oferecida. Com isso podemos dizer que o método da Crítica Textual não é a interpretação de fato, mas sim busca uma certa confiabilidade que os textos daquelas obras quando cópias, a fim de atestar o contínuo da originalidade e até reconstruir o texto se utilizando das inúmeras variantes textuais (se o existir) para que tenhamos um texto mais próximo da obra do autor inspirado.

Ainda assim, se utilizando da Crítica Textual como um método, se é cabível apenas no meio acadêmico e para tais fins. A Tanach sendo uma obra no qual traz uma ligação político e religiosa imensa, e essa última de suma importância, nos é entregue inicialmente para o que é chamado de Tradição Oral do povo hebreu antes mesmo de ser um povo ou nação. A Tradição Oral tem a sua importância ao ponto de ser uma ordenança descrita no próprio texto da Torah e repassado aos seus descendentes com certa maestria. Por conta disso, não só o método da Crítica Textual, mas assim como vários outros métodos tinham que tomar todo o cuidado necessário ao ponto de não ferir a fé judaica que por consequência veio também ser a fé cristã no qual academicamente não era de interessante ser pesquisado sob uma forma sobrenatural, mas sim de uma forma racional.

Com isso, outros métodos apareceram os métodos de Crítica das Fontes e Crítica das Formas pela qual interpretava as obras da Tanach com a mesma intenção de que se pesquisavam outras obras helenísticas contemporâneas ao cânon da Torah. A Crítica das Fontes compreendia a identificação de fontes fragmentadas dentro dos textos das obras da Tanach ao ponto de supor que havia ali não somente um, mas sim vários autores mesmo que para as obras que não sejam totalmente anônimas. Houve então uma progressão de ideias desse método que é a Crítica das Formas que tinha o interesse de isolar partes dos textos não somente em perícopes<sup>6</sup>, mas sim por camadas contidas de várias perícopes para termos uma separação do que foi realmente escrito na obra seguindo a Tradição Oral do que pode supostamente ter sido complementado e fazendo surgir algumas variantes textuais. Assim como observou Gottwald (1997, p. 24), “Podemos ilustrar os critérios e resultados da crítica das fontes com referência ao Pentateuco, assinalando a prova para substituir Moisés como seu autor com uma teoria de quatro escritores mais recentes”.

Com isso Gottwald consegue dividir através do método de Crítica das Formas em cinco partes que ele descreve como (1) Referências textuais para ou implicações a respeito da autoria; (2) Língua e estilo do texto; (3) Conceitos éticos e teológicos no texto; (4) Continuidades e descontinuidades no texto e (5) Ponto de vista histórico no texto. O que é observado no texto que possivelmente é Moisés o autor de partes do texto (1); enquanto que em outros momentos o estilo literário (desconsiderando o estilo gramatical) é notoriamente diferente em alguns pontos (2); dentro do conceito teológico a presença de ideias javistas e eloístas no texto, chamados de fonte J e respectivamente e ainda a fonte D que no caso seria uma ideia deuteronomista dos fatos traz uma ótica diferenciada entre todas essas fontes; enquanto ainda há o problema de descontinuidade da narrativa no texto dentro das perícopes estabelecidas pela ideia autoral a que se segue (4); e finalmente o problema histórico do texto onde se pode observar que há elementos pós êxodo descritos em gênesis como por exemplo (5).

---

6 Perícopes é a refere-se a qualquer passagem da Escritura que é estudada como uma unidade, e geralmente é destacada com títulos organizacionais no texto bíblico.

Há a clara evidência de que as obras da Tanach muitas vezes não têm como objetivo uma narrativa cronológica dos fatos, como se observa nos 11 primeiros capítulos do livro de Gênesis, mesmo assim, temos uma lógica narrativa dos fatos mesmo que não se cumpra uma cronologia deles. Com tudo isso se deve considerar todos esses elementos pontuados por Gottwald em diversos obras da Tanach onde se percebe que há dois ou mais autores mesmo nas obras que não são anônimas, o que nos leva a um outro ponto, que é o da autoria dos textos bíblicos. Isso nos leva a entender que a academia não tenta deslegitimar a autoria dada pela tradição à alguma personagem bíblica, pelo contrário, usando de todos as ferramentas e métodos possíveis se quer entender melhor o porquê a tradição desde os primórdios dos textos da Tanach dá a autoria para os que já assim conhecemos.

Precisa-se saber se essa autoria é pelo fato de termos o argumento de autoridade<sup>7</sup> quando na verdade há uma autoridade mosaica incluindo àqueles personagens que eram próximos a Moisés, quando falamos de Salmos a autoridade é para uma classe de personagens que em algum momento se deu pela poesia contida no contexto histórico-cultural da maioria dos textos sapienciais e para os demais textos também se segue a premissa. Ainda assim há problemas também nas obras em que não são anônimos e nesses casos não é a tradição que dá a autoria, mas a própria obra.

O problema contido nessas obras é que mesmo que autorais de fato se observa a inserção de acréscimos durante toda a extensão da obra em alguns casos, e apenas no final desta em outros. Em uma leitura comum dos textos não se percebe tal fato, porém, os métodos ajudam na observação e até mesmo na divisão dos textos inseridos em grupos ou unidades como já ressaltamos. A tradição oral do povo hebreu/judeu é de certa importância e de uma validade imensurável, porém isso não torna o texto de sofrer essas inserções ao longo do tempo mesmo com os textos já

---

7 Argumento de autoridade no contexto bíblico é uma expressão que se baseia em um argumento dado por duas ou mais pessoas, porém para dar mais crédito ao argumento cita-se a personagem mais conhecida do argumento.

parcialmente escritos, e então, voltamos com a importância das variantes textuais para o encontro da validade autoral necessária para o texto.

Como a preocupação por uma narrativa histórica e de uma cronologia confiável começou nos livros conhecidos como profetas anteriores ou livros históricos, e levando em consideração textos não bíblicos de uma forma secular que contém uma narrativa histórica confiável, conseguimos ter base histórica para tais obras, no entanto, em outros casos se é orientado através da arqueologia e o que essa ciência pode trazer de relevante aos textos da Tanach.

Além disso, a riqueza que é encontrado através de textos dos povos circunvizinhos de Israel na época do Reino unido e Reino dividido ajuda a esclarecer alguns pontos que se há um vácuo histórico pelo fato de não haver necessidade de uma revisão religiosa-teológica dos fatos se mantendo assim os fatos em si, o que ajuda na reconstrução da história do próprio Israel, mesmo que, nesses textos seculares não há menção sobre a nação hebraica/israelita se pode atentar aos fatos como a menção a reis e rainhas; a dinastias, guerras em curso à época como por exemplo.

### 3.1 A APROXIMAÇÃO DO MÉTODO HISTÓRICO-CRÍTICO PARA COM AS INFORMAÇÕES RELIGIOSAS DA TANACH

Temos então o método histórico-crítico que é uma crescente dentro da academia teológica, e mesmo assim, não muito bem-vinda por acadêmicos tendo preferências em outros tipos de métodos, mas não podemos de enfatizar o seu grande crescimento, já que, tradicionalmente a Bíblia é vista como a Palavra de Deus<sup>8</sup> que se revela ao seu povo da forma que é chamado de Revelação Especial.

<sup>8</sup> Aqui nos isentamos da discussão sobre a Bíblia ser a Palavra de Deus; conter a Palavra de Deus e/ou ela se torna a Palavra de Deus, porque a importância da interpretação nos é dado através dos métodos, que nesse caso se baseamos no histórico-crítico.

Também essa é vista como documentos religiosos riquíssimos em historicidade tanto contendo a história quanto contendo a história do povo hebreu nos seguimentos sociopolíticos, religiosos e econômicos. Desta forma o método histórico-crítico atendeu a necessidade de muitos acadêmicos e de muitos ingressantes à academia por conta de uma melhor “interpretação”<sup>9</sup> das obras contidas na Tanach. Contudo, não são todos os acadêmicos que aderiram com facilidade ao método histórico-crítico, essa aderência se deu mais entre protestantes do que em católicos, e se formos compreender que se fala de textos do contexto hebraico, muitos judeus ortodoxos também não aderiram a esse método justamente por uma certa desconfiança do que o método realmente quer representar com essa nova ótica sobre a Tanach.

De qualquer forma, mesmo que haja hoje uma grande aderência ao método histórico-crítico, ainda muito se dá pelo fato da procura do pesquisador quando este, lhe é apresentado o método de alguma forma, porque as igrejas e institutos teológicos não recebem instruções para esse tipo de método ora porque não lhes agradam, ora pelo fato de que realmente não conhecem essa nova forma de se analisar o texto.

E ainda, mesmo que a academia deveria ser imparcial quanto à utilização de métodos de pesquisa científica para os textos mesmos que os bíblicos, muitas academias são parte integrante de igrejas como institutos teológicos, onde, se há a premissa de que a academia siga mesmo que minimamente os preceitos dogmáticos daquela instituição, levando assim há não somente métodos como também obras literárias passarem despercebidos ao ingressante à academia. E com isso, há um certo distanciamento entre o método histórico-crítico e ao tradicionalismo dos textos da Tanach de uma forma que não amplia o debate, mas sim, dirime a importância do crescimento intelectual sobre o tema dando a falsa impressão que utilizando o primeiro é obrigatório se desvincular do segundo.

---

<sup>9</sup> Aspas contidas aqui porque não esperamos ter uma nova interpretação dos textos, mas sim uma certa confiabilidade do que os textos já representam.

Temos a impressão de que muito disso se dá pelo fato de termos muitos métodos de pesquisa que trouxe, não só à academia, mas também às igrejas, teologias que não foram bem-vistas na época que apareceram e ainda não são hoje como a Teologia Liberal, Teologia da Prosperidade e hoje algumas teologias de formação mais humanistas comportamentais<sup>10</sup> e no que tange os textos sagrados a desconfiança sobre qual método que seja é até visto de uma forma natural, visto que, tais pensamentos teológicos trouxeram problemas recorrentes em algumas igrejas, algumas delas por décadas, e outras fazem até os dias de hoje.

A Teologia Liberal talvez tenha sido a que mais precisou ser combatida, apesar de que, para esse comentarista, a Teologia da Prosperidade seja a que tenha o maior nível de perigo justamente por ter tido adeptos nas lideranças de diversas igrejas, a Teologia Liberal trazia o fim do misticismo contido nos textos das obras da Tanach, onde em meados do século XVIII teve uma força enorme de interpretação no tocante ao liberalismo em um certo diálogo entre teologia racional e humanismo. Podemos observar isso principalmente por Rudolf Karl Bultmann (1884-1976)<sup>11</sup> que veio com o método de Desmistologização que era um método de interpretação do Novo Testamento que buscava redescobrir significados ocultos oriundos dos textos, mas sem ter participação com algo que era sobrenatural. No prosseguimento desse método, ou melhor dizendo, o não prosseguimento, dá-se do relacionamento de Bultmann com outro teólogo contemporâneo que foi Karl Barth (1886-1968)<sup>12</sup> no qual aproveitando o fim da segunda guerra mundial afetando assim o desenvolvimento da Teologia Liberal, deixando esses dois teólogos em caminhos opostos.

---

10 Há um crescimento enorme da procura por terapias e outro tipo de ciências cognitivas pelo real estresse que a sociedade passa, com isso temos na mesma proporção áreas que trabalham com a sociedade de uma forma rasa se compararmos com as ciências da psicologia e psicanálise por exemplo, essa forma rasa de se tratar o ser humano, conhecido como coach, de uma certa forma se está adentrando nas igrejas trazendo problemas maiores do que as Teologias anteriormente citadas.

11 Rudolf Bultmann foi um teólogo estudioso do Novo Testamento com interesse na história da religião, onde, procurava dentro dos textos respostas mais racionais do que sobrenaturais.

12 Karl Barth foi um dos teólogos mais influentes dos tempos modernos. Barth foi educado na tradição liberal clássica de estudos altamente respeitadas e depois deixou a Teologia Liberal para uma visão de revelação bíblica.

De sobremaneira, muitos dos que ingressam no método histórico-crítico conseguem alinhar o medo das igrejas ao método aplicando-o de forma mais cautelosa e pragmática nos textos criando limitações aos quais não se interfere tanto na tradição deles. Eles podem, por exemplo, admitir a análise literária crítica, uma vez que consideram irrelevante para a fé se Moisés escreveu ou não a Torá, mas podem insistir em que dimensões teológicas da Bíblia, especialmente suas opiniões sobre criação, o pecado e a redenção, devem ser isentas de crítica, visto serem elas absoluta e perpetuamente verdadeiras. Ou podem admitir o método histórico-crítico na forma de crítica textual, a fim de estabelecer a aproximação mais próxima possível do texto original hebraico (Gottwald, 1997, p. 29).

Com isso temos a necessidade, no protestantismo que já está encaminhado com os métodos, uma forma de aproxima a necessidade da igreja de compreender os textos bíblicos com o método histórico-crítico como uma ferramenta que ajuda na elaboração dos dogmas e estudos contidos em suas respectivas visões teológicas. Precisa-se ter um maior contato com o método para que se consiga a compreensão de que o método histórico-crítico não é utilizado para combater a fé e sim uma forma de ajudar a estabelecer a própria.

Casos como o citado por Gottwald de se ter a compreensão histórico-crítico não abala a prática da fé porque a importância do texto é sua finalidade com o povo hebraico e posteriormente com a igreja e não de quem é a autoria dele. Há uma insegurança enorme com esse tema, justificado inclusive, com a premissa de que se tira a inerrância bíblica a fé de muitos se pode perder, porque se o método histórico-crítico traz dúvida em uma simples autoria, outros elementos bíblicos podem sofrer dúvidas de pesquisadores desavisados ou mesmo que não são teístas, e nesse último caso, a fé realmente pouco importa para os fins da pesquisa. E com esse problema em mãos, nem tivemos uma evolução considerável no método histórico-crítico nem na elaboração dogmática do protestantismo preferindo o conforto da tradição. Assim o possível casamento entre os métodos histórico-crítico e ao fundamentalismo seguido pelas igrejas não foi tão longe quanto era esperado pelos mais entusiastas dos pesquisadores, por conta de todos os fatores já propostos acima.

Sem ter um único método de interpretação da Tanach, houve o crescimento de muitos e variados métodos de pesquisa distintos entre si, cada qual atentando para a sua originalidade de interpretação do texto, causando então um desgaste enorme para o método histórico-crítico, já que, vários pensamentos religiosos afetavam ainda mais a inerrância dos textos da Tanach para muitas igrejas protestantes e judeus ortodoxos, trazendo então um colapso com a metodologia científica e uma ruptura tão grande quanto houve na época da Teologia Liberal. As igrejas cada vez mais eram participativas nos estudos bíblicos tradicionais onde se era confortável para elas, o que causava menos atrito com os emergentes na academia. E como a aderência ao método histórico-crítico foi de uma pequena parcela da academia, ela mesma entrou no todo que foi deixado de lado nos estudos bíblicos e suas respectivas rupturas, não dando então o devido conhecimento total do método e o que ele poderia disponibilizar e acrescentar aos estudos bíblicos da Tanach.

## 3.2 O REENCONTRO DOS MÉTODOS LITERÁRIOS PARA USO NOS ESTUDOS DA TANACH

Por consequente, a necessidade da utilização de métodos científicos na pesquisa de todo o conteúdo bíblico voltou a ser explorado com mais ênfase, dessa forma, o método histórico-crítico teve uma outra oportunidade de mostrar todos os seus benefícios para a academia teológica protestante. A preocupação constante sobre os métodos mais tradicionais que contém nas pesquisas ao texto que traz em muitos casos resultados ambíguos fizeram com que outros métodos fossem atribuídos para, não causar uma divergência interpretativa, mas sim, uma através da Crítica das Fontes e Crítica das Formas haver uma inclusão da historicidade dos eventos à Tradição Oral e em particular os textos que outrora já haviam sido escritos.

Dessa forma há como que um reencontro das confissões de fé mais tradicionais e fundamentalistas por conta de respostas a perguntas que apenas os fatos realmente históricos podem dar ao leitor e isso através do método histórico-crítico. Ainda assim, é notório que se precisa ter cautela no uso dos métodos para que não interfiram em dogmas que não está se procurando respostas a fim de que haja um outro desentendimento das partes e faça com que mais uma vez cause a ruptura entre os métodos, pelo contrário, deixar claro de uma vez por todas que o método histórico-crítico não substitui os métodos mais antigos de interpretação bíblica, mas sim, as compõe para as devidas respostas ambíguas que se têm por conta dos próprios métodos, ora por conta das tradições dogmáticas ou tanto pela inexistência de uma resposta à tais supostas perguntas que poderia se encontrar.

A utilização dos métodos literais tem sua importância reestabelecida após anos de evolução do método histórico-crítico. Desde os Pais da Igreja é utilizado uma forma de hermenêutica para a interpretação dos textos, e, por mais que tanto na Patrística quanto na era medieval foi somente em meados do século XXVII que a hermenêutica é estabelecida como uma disciplina, contudo, ainda com regras de tipo do texto exigindo assim uma certa especialidade para que os textos fossem interpretados. Foi somente com o surgimento das ideias de Friedrich Schleiermacher<sup>13</sup> que traz o raciocínio de que todo texto é visto como uma hermenêutica geral diferentemente de serem vários tipos de hermenêutica.

Assim o fundamento da hermenêutica geral tem de ser a teoria da compreensão e não mais a teoria dos tipos, onde, a hermenêutica não é mais refém dos tipos, mas sim tudo aquilo que é compreensível. Mais tarde temos Dilthey<sup>14</sup> no mesmo século não apenas concordando com Schleiermacher como sobretudo introduzindo a epistemologia, ou ciên-

13 Friedrich Schleiermacher, nascido em 1768 foi um filólogo, filósofo, teólogo e pregador no círculo petista que buscou através de seus estudos uma autêntica fé cristã. Foi o responsável pela chamada Conferências de 1819.

14 Wilhelm Dilthey, nascido em 1833 foi um filósofo hermenêutico, psicólogo, historiador, sociólogo e pedagogo.

cias humanas, para sair um pouco do campo teológico e trazendo clareza também de uma forma filosófica. Em sua obra *Introdução às ciências do espírito* (1883) se tem por objetivo uma crítica da razão história, se desligando totalmente do positivismo dominante entre filósofos e historiadores.

### 3.3 A VARIAÇÃO NOS MÉTODOS CIENTÍFICOS QUE POSSIBILITAM OS ESTUDOS DA TANACH

Depois dessa apresentação sobre os variados métodos histórico-crítico que são apropriados ao estudo tanto teológico, quando social e filosófico da Tanach, não abrindo mão de toda a cultura e religião que se encontra no texto, podemos interpretar os vários fatores sobre o ângulo do testemunho religioso, porque sabemos de que todo o texto encontrado ali passou por uma rigorosa análise religiosa, desde os primórdios do texto como o Pentateuco ou por exemplo o Livro de Jó quanto um dos últimos livros a entrar no cânon hebraico que seria o Livro de Ester. Para Gottwald se tem o entendimento sobre uma avaliação critérios de opções:

Uma reflexão criteriosa sobre a história de ângulos de visão para abordar a Bíblia, e sobre os métodos apropriados para seu estudo, poderia prosseguir tanto como segue. Cada um dos paradigmas por nós examinados chama a atenção para uma dimensão incontestada da Bíblia Hebraica como uma coleção de escritos rica em conceitos e práticas religiosos, revela segmentos de história intricada, reflete e pressupõe estruturas e processos sociais e é ela mesma a obra literária artificiosa. (Gottwald, 1997, p. 42).

Os paradigmas citados, são de importância inevitável, porque sabendo e entendendo motivo pelo qual estamos lendo e interpretando o texto, podemos ter a certeza de que o método histórico-crítico escolhido está correto. Para esse paradigma como testemunho religioso sabemos que está implícito no texto o conceito religioso, mesmo que contenha tam-

bém algo cultural e até mesmo elementos atemporais, são relevantes para o tipo de crítica no campo canônico no qual há uma hermenêutica teológica inclusa nele.

Vemos ainda, Gottwald (1997, p. 43) “ser comum hoje em dia ridicularizar o método histórico-crítico nos estudos bíblicos”. Isso se dá pelo fato de que há um outro de tantos paradigmas que é negligenciado por alguns intérpretes que é o paradigma como testemunha histórica no qual críticos históricos são confiantes sobre seus julgamentos vendo o texto bíblico categoricamente como apenas sendo histórico, o que torna a interpretação um pouco quanto pobre na intenção de conhecimento real de comunicação do texto. Há ainda outros paradigmas a citar como o paradigma como um mundo literário, o paradigma como produto e reflexão do mundo social e por último o paradigma das ciências sociais, onde todos esses são capazes de, mesmo com todo dogmatismo, pode trazer uma pseudoteológica na interpretação desses textos.

Cada um desses paradigmas tem suas vantagens e desvantagens nos estudos bíblicos, e mais necessariamente, no estudo da Tanach do qual é de interesse desse artigo. De qualquer forma é interessante ter todos esses paradigmas em mãos na hora de se utilizar do método histórico-crítico, se temos um leitor que entende do assunto, pode haver perguntas sobre o texto que um único paradigma desses citados não responde, trazendo uma confusão e estranheza na interpretação dos textos. No mais, precisamos compreender na análise de quando um paradigma se sobrepõe a outro, ou até mesmo quando um paradigma tem prioridade em detrimento de outrem. De qualquer forma, sempre haverá a necessidade do maior número de pesquisas possíveis para que o debate e a discussão se tornem confiável entre os estudiosos e intérpretes do texto bíblicos.

# CONSIDERAÇÕES FINAIS

---

Por fim, o método histórico-crítico é uma abordagem acadêmica utilizada em várias disciplinas como teologia, história e literatura. O método busca analisar textos e eventos históricos a partir de uma perspectiva crítica, investigando suas origens, contextos e autenticidade. O método histórico-crítico busca compreender um texto ou evento em sua época original, levando em consideração fatores como contexto social, político e cultural da época. Além disso, o método também examina aspectos literários e linguísticos do texto, bem como a possibilidade de alterações, adições ou modificações ao longo do tempo.

Na Teologia, o método histórico-crítico é frequentemente utilizado para analisar textos bíblicos e outras fontes históricas, a fim de entender melhor a origem e significado desses textos. Enquanto na literatura, o método histórico-crítico pode ser usado para examinar a autoria, bem como o contexto histórico e literário em que ele foi produzido.

O método histórico-crítico é amplamente utilizado na análise da Tanach onde a sua aplicação ajuda a entender melhor a origem, composição, autoria e contexto dos textos sagrados. Os estudos podem usar o método histórico-crítico para investigar a autoria e datação dos livros que compõem a Tanach, onde, muitos livros foram escritos por diferentes autores ao longo de um período de vários séculos e foram compilados a partir de várias fontes diferentes, sendo assim, o método histórico-crítico pode ajudar a identificar essas fontes e entender como elas foram combinadas para formar o texto final.

# REFERÊNCIAS

---

BRIGHT, John. **História de Israel**. São Paulo: Editora Paulus, 2014.

GOTTAWALD, Norman K. **Introdução Socio literária à Bíblia Hebraica**. São Paulo: Editora Paulinas, 1997. p.19-45.

HARRISON, R. K. **Introdução ao Antigo Testamento**. São Paulo: Editora Vida Nova, 2001.

HAYKIN, Michael A. G. **Redescobrimo os Pais da Igreja: Quem eles eram e como mudaram a Igreja**. São José dos Campos: Editora Fiel, 2012. p. 99-101.

KOESTER, Helmut. **Introdução ao Novo Testamento: História, Cultura e Religião do período Helenístico**. São Paulo: Editora Paulus, 2005. p. 25-28.

LOHFINK, Gerhard. **Agora entendo a Bíblia: Para você entender a Crítica das Formas**. São Paulo: Editora Paulinas, 1978. p. 36-38.

McGRATH, A. **Teologia sistemática, histórica e filosófica: uma introdução à teologia cristã**. São Paulo: Shedd Publicações, 2010. p.387-534.

PELLEITER, Anne-Marie. **Bíblia e Hermenêutica hoje**. São Paulo: Edições Loyola, 2004. p.55-62.

TILLICH, P. **História do Pensamento Cristão**. São Paulo: ASTE, 2015. p.266.

WENHAM, Gordon J. **O Pentateuco: Introdução e Comentário**. São Paulo: Editora Vida Nova, 2014.

# SACRIFÍCIO E REDENCÃO; UMA ANÁLISE TEOLÓGICA DOS EVENTOS NO MONTE MORIÁ E NO CALVÁRIO

SACRIFICE AND REDEMPTION: A THEOLOGICAL ANALYSIS OF THE  
EVENTS AT MOUNT MORIAH AND CALVARY

SACRIFICIO Y REDENCIÓN: UN ANÁLISIS TEOLÓGICO DE LOS  
ACONTECIMIENTOS EN EL MONTE MORIAH Y EL CALVARIO

## RESUMO

---

O presente artigo investiga a intersecção entre os conceitos de sacrifício e redenção nas narrativas bíblicas do Monte Moriá e do Monte Calvário. O objetivo central do estudo é comparar os significados teológicos associados ao sacrifício de Isaque, no Monte Moriá, e à crucificação de Jesus, no Monte Calvário, explorando como essas experiências refletem a relação entre Deus e a humanidade. Para isso, a pesquisa utiliza uma abordagem qualitativa, analisando textos bíblicos, comentários teológicos e literatura relevante, buscando compreender a evolução do conceito de sacrifício na tradição judaico-cristã. Os resultados indicam que, enquanto o sacrifício de Isaque simboliza uma prova de fé e obediência, a crucificação de Jesus representa a consumação da redenção humana, revelando um padrão teológico que transcende os eventos isolados e destaca a continuidade do plano divino. Conclui-se que esses acontecimentos não apenas se inter-relacionam, mas também oferecem uma profunda compreensão da graça e do amor divinos, evidenciando a centralidade do sacrifício na teologia cristã.

Palavras-chave: Teologia. Obediência. Graça.

## INTRODUÇÃO

---

O conceito de sacrifício é fundamental para compreender o ethos religioso, sendo um elemento presente em praticamente todas as tradições religiosas, desde aquelas de origem oriental até as que moldaram o pensamento ocidental. No cristianismo, o sacrifício é apresentado através da figura de Cristo, cuja morte na cruz é vista como um ato redentor e substitutivo em favor da humanidade. Dessa forma, o sacrifício é uma

---

<sup>1</sup> Graduado em Teologia pelo Centro Universitário Inta - UNINTA. Brasil. E-mail: joaquimsousasantiago@gmail.com

constante na busca humana pelo sentido existencial, transcendendo culturas e tradições.

Quando refletimos sobre o sacrifício de Isaque, narrado no relato bíblico, levamos em conta o significado do acontecimento. Essa é a razão pela qual nossa interpretação do sentido do evento se distingue das abordagens unilaterais, que, ao focarem apenas nos aspectos literários, histórico-religiosos, psicológicos ou espiritualizados, acabam por dissipar o fundo enigmático presente no relato bíblico.

Na cruz, o sacrifício de Cristo levanta outras questões teológicas. Sua morte foi realmente necessária? Se Deus possui liberdade total, por que não poderia perdoar a humanidade por meio de outro ato? Será que o sacrifício substitutivo de Cristo foi a única via para a reconciliação com Deus, ou haveria outro caminho que não envolvesse sofrimento e morte? Tais perguntas abrem espaço para uma análise profunda sobre a natureza do sacrifício na perspectiva cristã.

A análise teológica do sacrifício, em especial dos eventos no Monte Moriá e no Calvário, é relevante para a sociedade e a comunidade acadêmica ao fomentar reflexões sobre temas universais como o valor da vida, o sentido do sofrimento e as implicações éticas das crenças religiosas. Na teologia, a investigação sobre o sacrifício e a redenção aprofunda o entendimento sobre o papel da fé, da justiça e da misericórdia, oferecendo uma perspectiva que enriquece o debate acadêmico e promove uma compreensão mais abrangente dos dilemas espirituais e éticos da humanidade.

O estudo do sacrifício e da redenção levanta uma questão fundamental: como o conceito de sacrifício, entendido tanto como obediência quanto como ato redentor, molda a visão teológica da justiça e da misericórdia na tradição judaico-cristã? Além disso, questiona-se até que ponto os eventos desses montes, marcados por um aparente paradoxo entre amor e justiça, podem fornecer esclarecimentos para uma teologia contemporânea.

Analisar a teologia do sacrifício e da redenção envolve investigar a natureza do sacrifício. Primeiramente, o sacrifício de Isaque no Monte Moriá será estudado como um teste de fé e obediência a Deus. Em seguida, a morte de Cristo no Calvário será examinada como um sacrifício substitutivo, interpretado pela teologia cristã como uma expiação pelos pecados da humanidade. Por fim, comparar essas duas concepções de sacrifício permite compreender como o sacrifício se relaciona com a justiça e a misericórdia divinas em ambas as narrativas.

Este estudo aborda o papel central do sacrifício na tradição judaico-cristã, partindo do contexto histórico e cultural em que os eventos no Monte Moriá e no Calvário ocorreram. No Monte Moriá, o sacrifício de Isaque, narrado em Gênesis 22, é analisado como um teste de fé e obediência para Abraão. Já no Monte Calvário, a crucificação de Cristo é entendida como o cumprimento de uma promessa divina, marcada pela ideia de sacrifício substitutivo. Assim, ao comparar os significados teológicos desses dois eventos, o estudo explora como ambos expressam temas de justiça, redenção e misericórdia.

A metodologia deste artigo é baseada em uma pesquisa bibliográfica de natureza básica, com abordagem qualitativa e caráter exploratório. Esse método permite reunir e analisar fontes teológicas, filosóficas e históricas que tratam do sacrifício e da redenção na tradição judaico-cristã, concentrando-se nos relatos bíblicos sobre os eventos no Monte Moriá e no Monte Calvário. Através da revisão de obras clássicas e contemporâneas sobre o tema, busca-se interpretar e comparar diferentes perspectivas, enriquecendo o entendimento sobre o significado e as implicações teológicas desses episódios.

# 1 CONTEXTO HISTÓRICO E CULTURAL

---

O conceito de sacrifício na tradição judaica e cristã é complexo e rico em significados, variando conforme o contexto e os termos empregados para expressá-lo. Na Bíblia Hebraica, diferentes palavras são utilizadas para descrever as diversas formas de sacrifício, como *zebach*, *olah*, *minchah*, *asham* e *chattath*. No Novo Testamento e na tradução grega da Septuaginta, aparecem termos como *doma*, *thysia* e *prosphora*, que refletem uma multiplicidade de sentidos, revelando que o sacrifício é entendido de forma ampla e variada tanto no judaísmo quanto no cristianismo.

No Antigo Testamento, o sacrifício era um elemento central, oferecido em ocasiões diversas e com significados variados: expressava penitência e celebração, renovava alianças, comemorava festividades familiares e simbolizava consagrações pessoais. Tal pluralismo adverte contra uma interpretação simplista do sacrifício, sugerindo que sua prática abrange duas noções complementares na revelação divina: a primeira, em que o sacrifício expressa o pertencimento dos seres humanos a Deus, e a segunda, que trata da separação humana de Deus devido ao pecado (Stott, 2006).

## 1.1 O PRINCÍPIO DA SUBSTITUIÇÃO NO SACRIFÍCIO

Um dos princípios centrais do sacrifício é o conceito de substituição, onde uma vida é oferecida em lugar de outra, carregando simbolicamente a culpa que deveria recair sobre o ofertante. Em Gênesis 22:13, Abraão substitui Isaque por um carneiro provido por Deus, estabelecendo um precedente para o sacrifício substitutivo que mais tarde será fundamental no entendimento cristão da redenção através de Cristo.

A noção de substituição é um princípio importante associado ao sacrifício, em que uma vida é oferecida em lugar de outra. John Stott (2006, p. 59) questiona “Como, pois, podia Deus expressar simultaneamente sua santidade no juízo e seu amor no perdão? Somente providenciando um substituto divino pelo pecador, de modo que o substituto recebesse o juízo, e o pecador o perdão”.

O pedido de Deus para que Abraão sacrificasse seu próprio filho foi um teste de fé que desafiou tanto os valores éticos quanto o amor paternal do patriarca. Segundo Horton (1961), essa prova confrontou Abraão com questões profundas sobre o caráter de Deus, que, ao contrário dos deuses pagãos, rejeitava essa prática. Nesse contexto, a narrativa indica que a intenção de Deus não era induzir Abraão ao erro, mas oferecer-lhe uma oportunidade de demonstrar obediência e ampliar sua compreensão sobre os propósitos divinos.

## 1.2 O PAPEL DO SACRIFÍCIO NA TRADIÇÃO CRISTÃ

No contexto do Antigo Testamento, os sacrifícios desempenhavam um papel crucial na relação entre os hebreus e Deus, servindo como um meio de expiação e reconciliação. Stott (2006, p. 59) argumenta “que sacerdotes, altares e sacrifícios parecem ter sido um fenômeno universal no mundo antigo, mas não temos o direito de supor a priori que os sacrifícios dos hebreus e os dos pagãos possuíam significado idêntico”. Na tradição cristã, a morte de Jesus é vista como o sacrifício supremo, simbolizando a redenção da humanidade. Assim, o sacrifício permanece um elemento central na narrativa da salvação, refletindo a necessidade de expiação e a busca pela comunhão com o divino.

## 2 MONTE MORIÁ: O SACRIFÍCIO DE ISAQUE

---

O episódio do sacrifício de Isaac atravessa séculos provocando no leitor moderno uma reação de repúdio pela aparente violação do direito à vida. No entanto, é importante ressaltar que a intenção do texto bíblico não se restringe à literalidade do sacrifício humano, mas sim à revelação de um Deus que, paradoxalmente, desaprova tal prática ao prover um substituto para Isaac (Stadelmann, 1991).

Para compreender a profundidade do ato de fé de Abraão, é necessário considerar o contexto em que se desenrola o episódio no Monte Moriá. O pedido de Deus para que Abraão sacrificasse seu filho Isaque pareceu colocar em risco tudo aquilo que Abraão havia recebido como promessa. Em vez de questionar, ele seguiu o caminho imposto, confiando plenamente na palavra de Deus.

Embora Abraão não tenha entendido o motivo da ordem de Deus, obedeceu imediatamente. Parece que enquanto caminhava para o monte Moriá meditava sobre o conflito entre a ordem de sacrificar Isaque e as promessas de perpetuar a aliança por meio dele. Teria pensado que a solução era crer que mesmo quando atravessasse com o cutelo o coração de Isaque e acendesse o fogo para que o corpo de seu filho fosse reduzido a cinzas, Deus ressuscitaria a Isaque do montão de cinzas (Hoff, 1983, p. 63).

No Monte Moriá, ocorre o icônico evento do quase sacrifício de Isaque, um incidente carregado de significados teológicos e simbólicos. Deus, ao pedir que Abraão ofereça Isaque em holocausto, confronta o patriarca com uma escolha dramática entre a promessa de descendência e a submissão incondicional à vontade divina. “Então disse Deus: “Tome seu filho, seu único filho, Isaque, a quem você ama, e vá para a região de Moriá.

Sacrifique-o ali como holocausto num dos montes que lhe indicarei” (Gn 22:2). Percebe-se que essa ordem direta representa o teste supremo de fé e amor de Abraão, desafiando-o a entregar a Deus aquilo que mais preza.

A intervenção divina no último momento, através do “Anjo do Senhor”, que interrompe o sacrifício e oferece um carneiro como substituto, inaugura o conceito de substituição no sacrifício. Esta troca simbólica não só destaca o valor da vida humana no contexto da aliança com Deus, mas também antecipa, teologicamente, a ideia de substituição expiatória, um tema que reverberará posteriormente na teologia cristã.

Abraão nomeia o lugar de “O Senhor Proverá” (Gn 22:9) reforçando a ideia de que Deus é o provedor em meio a provações aparentemente insuperáveis. Como observa Maria Vicentina Dick, o processo de nomeação é carregado de significados:

A peculiaridade do processo denotativo é exatamente a constituição desta cadeia gerativa de enunciação, que revela contornos particulares; um denominador isolado, construtor de uma mensagem (doador de um único nome ou de vários nomes em situação de abrangência areal), interferindo em uma coletividade receptora, que passa a ser usuária do(s) designativo(s), sem que interagisse na dinâmica do processo. A adequação da escolha, que passa pelo crivo da objetividade ou da subjetividade do nomeador, ainda que inconscientemente, será sentida ou pela reação do grupo ou pela análise posterior do lingüista, em uma fase posterior, distinta do momento inicial de marcação do lugar ou do batismo da pessoa. (Dick, 1998, p.103).

Além de seu simbolismo, o Monte Moriá possui raízes profundas na tradição judaica. Segundo André Chouraqui (1996), o Monte Moriá não é apenas o local do sacrifício de Isaque, mas também representa a presença divina e o compromisso entre Deus e a humanidade, sendo um marco espiritual e histórico fundamental para o povo judeu. Em continuidade a essa tradição, o monte também é consagrado como o local onde o Rei Salomão construiu o templo de Deus (II Crônicas 3:1). Nesse sentido, as

camadas de significados que permeiam o Moriá reiteram sua importância como local de revelação, consolidando-o como um espaço de encontro entre o humano e o divino.

O autor bíblico de Gênesis, ao descrever as intenções de Deus e as respostas de Abraão, destaca a importância do discernimento espiritual como chave para entender a história da salvação. Nesse contexto, a obediência de Abraão não é cega, mas enraizada na confiança inabalável na providência divina, que culmina na substituição de Isaque pelo carneiro provido por Deus. Este acontecimento estabelece o princípio de que a fé genuína envolve entrega e percepção dos sinais de Deus na trajetória do fiel (Tillich, 2016).

### 3 MONTE CALVÁRIO: O SACRIFÍCIO DE CRISTO

---

O sacrifício de Cristo no Monte Calvário representa o ponto culminante da revelação divina e o cumprimento de uma promessa estabelecida por Deus a Abraão. Para Carnell (1959 *apud* House, 2005, p. 95) “Abraão é uma bênção para todas as nações porque Jesus Cristo é o verdadeiro descendente de Abraão. Há uma Aliança a unir as duas economias da Bíblia”. A figura de Jesus, então, não apenas cumpre essa promessa, mas revela a dimensão plena do amor e da graça de Deus, ao oferecer-se como sacrifício redentor pela humanidade.

A morte de Jesus no calvário é vista pela tradição cristã como o sacrifício supremo, uma oblação definitiva que redime o pecado e reconcilia o homem com Deus. Ao aceitar a morte na cruz, Jesus realiza a promessa divina de redenção universal. Ele se torna o “Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo!” (Jo 1,29), resgatando a humanidade de sua condição pecaminosa e restabelecendo a comunhão com Deus, agora não mais limitada aos rituais da antiga Aliança, mas amplamente acessível a todos os que creem (Catecismo da igreja católica, 613).

A Aliança inaugurada por Cristo no Calvário é marcada pelo sangue derramado, que assume um valor eterno e absoluto. Segundo a Carta aos Hebreus, Jesus é o mediador da Nova Aliança, proporcionando “uma nova aliança, para que os que são chamados recebam a promessa da herança eterna” (Hb 9:15). Essa Nova Aliança cumpre-se através da morte redentora de Jesus, em que Seu sangue promove a reconciliação entre Deus e a humanidade. Tal gesto revela a *kénosis*, ou esvaziamento de Cristo, uma renúncia total de Sua própria vontade em obediência à vontade divina, que é realizada plenamente no ato do sacrifício (Souza; Mello, 2021).

A relação entre o sacrifício de Jesus e a figura de Abraão é significativa, pois Abraão foi o primeiro a viver uma *kénosis* como resposta ao chamado divino. Sua disposição para sacrificar Isaac prefigura o sacrifício de Cristo, que se oferece em obediência completa e amorosa. Nesse contexto, Cristo cumpre a tipologia abraâmica, realizando em si mesmo a promessa de salvação e estabelecendo uma Aliança eterna que une as duas economias bíblicas (House, 2005).

Durante o episódio da crucificação, o véu do templo é rasgado, simbolizando a abertura de um novo caminho para a salvação. O ato de Jesus clamar ao Pai e entregar o espírito (Lc 23:44-46) revela que a Nova Aliança é uma realidade inclusiva e universal, ao contrário da antiga Aliança, que se limitava a um povo específico. A partir desse sacrifício, toda a humanidade é convidada a participar da graça e da vida eterna, sem distinções, cumprindo-se a promessa de bênção internacional que Paulo mencionou em Gálatas (Gl 3:16).

A morte de Cristo representa a superação da Lei pela graça, marcando o início de um novo tempo de fé e comunhão espiritual. O amor divino, antes visível apenas em promessas e profecias, agora se manifesta plenamente na cruz, onde o Filho de Deus se entrega pelos pecadores. John Stott (2005, p. 93) chega a declarar que

[...] apenas um ato de amor puro, não manchado por alguma nuance de segundos motivos, foi praticado na história do mundo, a saber, o amor de Deus que se deu a si mesmo em Cristo na cruz por pecadores que não o mereciam. É por isso que, se estamos procurando uma definição de amor, não devemos ir ao dicionário, mas ao Calvário.

Por fim, a ressurreição de Jesus ao terceiro dia é o sinal de que o sacrifício no Calvário foi aceito e que a vitória sobre o pecado e a morte foi alcançada. A promessa da vida eterna, dada desde Abraão, é finalmente cumprida, como ensina Paulo em Romanos: “Não foi mediante a Lei que Abraão e sua descendência receberam a promessa de que ele seria herdeiro do mundo, mas mediante a justiça que vem da fé” (Rm 4:13). A crucificação e ressurreição de Cristo são, portanto, o alicerce da esperança cristã, pois nos convidam a viver uma vida de fé, confiança e comunhão com Deus, estabelecida de uma vez por todas através do sacrifício de Cristo.

## 4 PARALELOS TEOLÓGICOS E SIGNIFICADOS ESPIRITUAIS

---

A narrativa do sacrifício de Isaac, no Monte Moriá, e a crucificação de Cristo no Monte Calvário são eventos que se complementam no entendimento teológico do sacrifício substitutivo. No Monte Moriá, Abraão obedece a Deus ao ponto de estar disposto a oferecer seu único filho, Isaac, simbolizando uma entrega total e a disposição de sacrificar o bem mais precioso em prol de um propósito maior. Esse episódio estabelece uma tipologia de fé e obediência extrema, “pois a vida da carne está no sangue” (Lv 17:11), sendo o sacrifício a representação de uma aliança estabelecida por meio da entrega e confiança no divino.

No Monte Calvário, o sacrifício de Cristo, por sua vez, é visto como a culminação desse ato de entrega, pois “Cristo, nosso Cordeiro pascal, foi

sacrificado” (1 Co 5:7). Enquanto o sacrifício de Isaac é interrompido por uma intervenção divina que fornece um substituto, o carneiro, a morte de Cristo representa a consumação da promessa de redenção definitiva, onde Ele se oferece voluntariamente, tornando-se ao mesmo tempo vítima e sacerdote. Como observa McGrath (2005, p. 470-471) “Ele ofereceu um sacrifício por nossos pecados. E em que lugar ele poderia encontrar essa oferta pura, sem pecado, para dedicar a Deus? Ele ofereceu a si mesmo, pois não poderia encontrar outra oferta como essa”.

O conceito de substituição em ambos os eventos traz à tona a ideia de um sacrifício vicário, em que a morte de um inocente gera expiação para o pecador. A morte sacrificial não é um elemento exclusivo da narrativa cristã, mas aparece em várias tradições, simbolizando a expiação de uma culpa. Na antiga aliança, isso era representado pelo derramamento de sangue animal, onde o sangue “faz propiciação pela vida” (Lv 17:11), criando um meio de reconciliação com o Criador. Em Cristo, o Cordeiro de Deus, essa reconciliação atinge seu ápice, pois ele se entrega por completo, não precisando mais de sacrifícios contínuos.

Nessa perspectiva, os dois eventos configuram um movimento de transição entre o sacrifício imperfeito da Antiga Aliança e o sacrifício perfeito e eterno da Nova Aliança. Conforme Agostinho (2002, p. 392), “um autêntico sacrifício é oferecido em toda ação que se destina a nos unir a Deus em santa comunhão”. O sacrifício de Abraão antecipa a vinda de Cristo, cuja morte é uma oferta única e infalível, que cobre todos os pecados e abre um caminho de redenção acessível a todos os que creem.

Outro ponto teológico importante é o momento crítico de Moriá, pois a provisão divina espelha o ato redentor de Cristo em sua plenitude. Assim, Deus não apenas proveu no momento de Abraão, mas também antecipou o sacrifício que selaria o pacto eterno por meio de Cristo.

Quando chegaram ao lugar que Deus lhe havia indicado, Abraão construiu um altar e sobre ele arrumou a lenha. Amarrou seu filho Isaque e o colocou sobre o altar, em cima da lenha. Então estendeu a mão e

pegou a faca para sacrificar seu filho. Mas o Anjo do Senhor o chamou do céu: “Abraão! Abraão!” “Eis-me aqui”, respondeu ele. “Não toque no rapaz”, disse o Anjo. “Não lhe faça nada. Agora sei que você teme a Deus, porque não me negou seu filho, o seu único filho.” Abraão ergueu os olhos e viu um carneiro preso pelos chifres num arbusto. Foi lá, pegou-o e sacrificou-o como holocausto em lugar de seu filho. Abraão deu àquele lugar o nome de “O Senhor proverá”. Por isso até hoje se diz: “No monte do Senhor se proverá” (Gn 22:9-14).

A conexão entre ambos os sacrifícios ilustra também a substituição do pecado pela graça, representada no cordeiro fornecido a Abraão e no Cordeiro de Deus oferecido pela humanidade. De tal maneira que a morte é uma condição necessária para que a vida possa ser restaurada. Como destaca Calvino, “se Deus contém em si a plenitude de tudo que é bom, uma como que fonte inexaurível, nada devem buscar além dele os que porfiam pelo sumo bem e por todos os elementos da felicidade, como somos ensinados em muitos lugares da Escritura (Institutas III, XXV, 10, p. 461)”

Assim, o Monte Moriá e o Monte Calvário não são apenas locais geográficos, mas representam marcos teológicos na caminhada da humanidade rumo à redenção, onde o sacrifício de um filho conduz ao restabelecimento de uma relação de graça e vida eterna com o Criador. Dessa forma, a tipologia do sacrifício de Isaac se completa no sacrifício de Cristo, enfatizando que “o justo viverá pela fé” (Rm 1:17).

# CONSIDERAÇÕES FINAIS

---

Este estudo explorou as nuances teológicas dos eventos ocorridos no Monte Moriá e no Monte Calvário, oferecendo uma análise comparativa que evidencia o simbolismo do sacrifício na tradição judaico-cristã. No Monte Moriá, o quase sacrifício de Isaque é interpretado como um teste de fé e obediência, onde Abraão se torna o precursor de uma atitude de confiança absoluta em Deus. Já no Monte Calvário, o sacrifício de Cristo manifesta-se como o cumprimento pleno da promessa de Deus, um ato redentor que, diferentemente de Isaque, não encontra substituição.

A abordagem teológica adotada revela como ambos os eventos dialogam sobre o paradoxo entre justiça e misericórdia. No Moriá, a provisão do carneiro substituto aponta para a compaixão divina, que se manifesta sem ignorar a obediência exigida. No Calvário, a oblação de Cristo reflete a justiça de Deus aliada ao amor incondicional, resgatando a humanidade através do sacrifício. Essa análise, portanto, aprofunda a compreensão de como o conceito de sacrifício, entendido como substituição, molda a visão teológica da salvação.

Além do aspecto teológico, a análise abordou implicações éticas, sugerindo que o sacrifício é uma resposta humana ao desejo de reconciliação com o divino, uma forma de expressão que transcende o tempo e a cultura. O estudo destaca que o sacrifício promove uma reflexão sobre valores éticos fundamentais como a justiça e o perdão, temas que permanecem relevantes na contemporaneidade.

Por fim, ao comparar os eventos no Monte Moriá e no Calvário, o estudo contribui para uma compreensão mais profunda da relação entre a antiga e nova aliança. Cristo, como o Cordeiro de Deus, cumpre o sacrifício vicário que não exige mais ofertas contínuas, mas representa uma oferta única e suficiente. Isso reforça o entendimento de que a redenção é acessível a todos os que nela creem, oferecendo uma mensagem de esperança e renovação espiritual.

Assim, o presente trabalho contribui não apenas para o debate teológico sobre a salvação, mas também para a compreensão ética e espiritual do sacrifício na história. Dessa maneira, os eventos estudados fornecem um referencial para a fé cristã, reafirmando o papel do amor e da justiça divina como pilares fundamentais da teologia e da experiência humana com o sagrado.

## REFERÊNCIAS

---

AGOSTINHO. **A Cidade de Deus**. 7ª ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2002.

BÍBLIA. **Nova Versão Internacional**. São Paulo: Editora Vida, 2011.

CALVINO, João. **As Institutas da Religião Cristã** (Vol. 3). São Paulo: Cultura Cristã, 2006.

**CATECISMO** da Igreja Católica. 4ª ed. São Paulo: Loyola, 2017.

CHOURAQUI, André. **A Bíblia** - No princípio (Gênesis). Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Os nomes como marcadores ideológicos. **Revista Internacional de Semiótica e Lingüística**, São Paulo, v. 7, p. 97-122, 1998.

HOFF, Paul. **O Pentateuco**. São Paulo: Editora Vida, 1983.

HORTON, Stanley. **O Mestre**. Springfield, Missouri: Editora Vida, 1961

HOUSE, Paul Ray. **Teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Editora Vida, 2005.

LADD, George Eldon. **Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2001.

MCGRATH, Alister Edgar. **Teologia sistemática, histórica e filosófica**: uma introdução à teologia cristã. São Paulo: Shedd Publicações, 2005.

SOUZA, Maria de Lourdes dos Santos; MELLO, Leonardo José de. A Kénosis de Abraão como prefiguração do sacrifício salvífico de Cristo. **RHEMA**, v. 19, p. 05-25, 2021.

STADELMANN, Luis Ignacio de Jesús. O sacrifício de Isaac: Um texto clássico sobre o discernimento espiritual na Bíblia. **Perspectiva Teológica**, v. 23, p. 317-332, 1991.

STOTT, John Robert Walmsley. **A Cruz de Cristo**. São Paulo: Editora Vida, 2006.

TILLICH, Paul. **Dinâmica da Fé**. São Paulo: Editora Paulus, 2016.

# A PERICORESE NA TRINDADE, NA IGREJA E NO CASAMENTO. APLICAÇÕES PARA O MATRIMÔNIO CRISTÃO

PERICHORESIS IN THE TRINITY, IN THE CHURCH AND IN MARRIAGE.  
APPLICATIONS FOR A CHRISTIAN MATRIMONY

PERICHORESIS EN LA TRINIDAD, EN LA IGLESIA Y EN EL  
MATRIMONIO. APLICACIONES DE EL MATRIMONIO CRISTIANO

## RESUMO

---

A fé cristã é embasada na trindade e na ressurreição de Jesus Cristo. Neste trabalho foram estudados a pericorese como modelo de relacionamento trinitário bem como a sugestão desse padrão para uma vida de esperança tanto em igreja quanto para o desenvolvimento do matrimônio bíblico saudável e feliz. Dados atuais do IBGE indicam que o número de divórcios vem aumentando a cada novo ano. Será a compreensão e aplicação da pericorese capaz de trazer melhorias no matrimônio cristão? O objetivo deste trabalho foi a maior compreensão do termo pericorese e suas relações nos domínios da trindade, igreja e casamento. Neste último também foi sugerido aplicações para o casamento cristão. Por meio do método hipotético dedutivo da revisão de literatura sobre os temas trindade e pericorese, conclui-se que embora tenham surgido no período patrístico há ainda uma lacuna tanto para compreensão quanto para utilização destes na aplicabilidade da vida pessoal, eclesial e matrimonial. Além disso, é sugerido que o padrão de amor e de relacionamento entre as pessoas da trindade deve ser a base para um casamento feliz e próspero.

Palavras-chave: trindade; pericorese; matrimônio; igreja; casamento.

---

1 Graduando em Teologia pela FABAPAR. Mestre em Ciências, área de concentração Pedagogia do movimento humano pela Universidade de São Paulo. Brasil. E-mail para contato: jorgediasfg@gmail.com

2 Mestre em teologia (FABAPAR), licenciado em Filosofia (Claretiano). Professor na FABAPAR. Brasil. E-mail para contato: professor.danieltorgan@fabapar.com.br

# INTRODUÇÃO

---

A Bíblia revela que o casamento foi uma ordenança do Deus criador. Por ser instituído por Deus, ele revela por meio das escrituras sagradas princípios e valores para que os seres humanos possam aplicar e desfrutar de um casamento próspero, feliz e inseparável. Se por um lado os dados do IBGE relatam um alto índice de pessoas que se consideram cristãos, por outro, os dados também indicam que o número de divórcios vem aumentando a cada novo ano (IBGE). Será a compreensão e aplicação da pericorese trinitária e a relação encontrada na relação da trindade capaz de trazer melhorias no matrimônio cristão?

O Deus revelado na Bíblia como amor e elo de perfeição para relacionamentos (Col 3.14 NVI), em especial para o matrimônio, será o tema do presente artigo. A Bíblia revela que Deus é amor (1 Jo 4.8 NVI); que ama a humanidade (Jo 3.16 NVI); que é trino (Jo 14.7-11 NVI); e expõe mandamentos sociais apresentando ensinamentos de como viver uma vida tanto com sentido (Jo 14.6 NVI) como com uma alegria completa (Jo 15.11 NVI) e de forma abundante (Jo 10.10 NVI). Apesar do amor de Deus e a sua obra ser uma realidade revelada nas Escrituras e estar disponível para todos, muitas pessoas ainda não procuram ou não vivem um relacionamento próximo com Deus ou uma prática regular de estudos e aplicação de sua fé em seu dia a dia não permitindo que amor de Deus transforme as suas realidades bem como os seus casamentos. Tal comportamento de distanciamento de Deus e de sua Palavra pode gerar resultados contrários à vontade de Deus. Um destes resultados e que vêm apresentando um número maior a cada ano é o número de casos de divórcios (IBGE). Por exemplo, em números totais de casos de divórcios no Brasil em 2020, segundo dados do IBGE, foi encontrado 252.382 casos e, em 2022, 340.459 casos de divórcios relatados (IBGE, 2022). Um aumento alarmante de aproximadamente 35% em dados brutos. Como reverter estes números? Como compreender melhor Deus e ter o exem-

plo revelado da trindade na vida humana? Como comentado de início, o amor Bíblico será o fundamento deste artigo tanto para a compreensão quanto para a aplicação no matrimônio cristão.

Desta forma, o presente estudo por meio do método hipotético dedutivo utilizou tanto a Bíblia quanto a literatura de livros e periódicos para tratar destes três assuntos que foram compartilhados em três capítulos. Esses se intercambiam e fazem parte um do outro trabalhando em harmonia, a citar: o desenvolvimento do conceito da trindade e da pericorese e suas aplicações gerais; a pericorese como elo da perfeição tanto para os relacionamentos intra e interpessoal (fé pessoal e fé eclesial, respectivamente) e; a pericorese aplicada no relacionamento entre homem e mulher durante o matrimônio cristão.

## 1. O DESENVOLVIMENTO DO CONCEITO DE TRINDADE

---

As revelações Bíblicas de Deus tanto no antigo como no novo testamento indicam um ser único que subsiste em três pessoas. Tal doutrina é chamada de trindade. Tanto a trindade como a encarnação e a ressurreição de Cristo são o cerne da identidade da fé cristã. O primeiro teólogo a sugerir o uso da palavra trindade foi o norte-africano Tertuliano no século II (McGRATH, 2005), e a busca por uma palavra que traduzisse a relação existente dentro da trindade- pericorese- começou a emergir a partir do século III. Embora os termos trindade e pericorese terem surgido respectivamente nos séculos II e III, ainda hoje necessita de maior compreensão (SILVA, 2016). Sobre o desenvolvimento da trindade, foram nos primeiros concílios tanto durante o primeiro de Nicéia em 325 d.C. bem como no concílio de Constantinopla em 381d.C. que o termo Trindade foi sistematizado, consolidado e difundido na igreja por meio dos ensinamentos de credos. A igreja produziu até o século IV três credos. O credo apostó-

lico (o primeiro), o credo niceno (325 d.C.) durante o primeiro concílio de Nicéia e um Credo que adicionou declarações sobre o Espírito Santo e modificou o parágrafo final do texto de Niceia durante o Segundo Concílio Ecumênico, realizado em Constantinopla (381 d.C.) (NASCIMENTO e PORTO, 2022).

O primeiro Credo Apostólico foi atribuído aos doze apóstolos e se desenvolveu a partir de pequenas confissões batismais usadas nas igrejas dos primeiros séculos e faz importante citá-lo:

Creio em Deus Pai, Todo-poderoso criador do céu e da terra. Creio em Jesus Cristo, seu único Filho, nosso Senhor, o qual foi concebido por obra do Espírito Santo; nasceu da virgem Maria; padeceu sob o poder de Pôncio Pilatos, foi crucificado, morto e sepultado; desceu ao Hades; ressurgiu dos mortos ao terceiro dia; subiu ao céu; está assentado à mão direita de Deus Pai Todo-poderoso, de onde há de vir para julgar os vivos e os mortos. Creio no Espírito Santo; na santa Igreja universal; na comunhão dos santos; na remissão dos pecados; na ressurreição do corpo; na vida eterna. Amém. (NASCIMENTO E PORTO, 2022).

Neste Credo Apostólico, em cada bloco de declarações onde se inicia com a palavra creio há menção à uma pessoa da Trindade. Além disso, são destacadas as ações divinas, desde a criação até a consumação. Após este primeiro credo confessional, a igreja teve necessidade de mais dois encontros ecumênicos antes do século IV bem como o cisma da igreja para discussão e desenvolvimento do Credo Niceno. A citar:

Creio em um só Deus, Pai todo-poderoso, criador do céu e da terra, de todas as coisas visíveis e invisíveis. Creio em um só Senhor, Jesus Cristo, Filho unigênito de Deus, gerado do Pai antes de todos os séculos: Deus de Deus, Luz da Luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro; gerado, não criado, consubstancial ao Pai. Por ele todas as coisas foram feitas. E por nós, homens, e para nossa salvação, desceu dos céus: E se encarnou pelo Espírito Santo, no seio da virgem Maria, e se fez homem. Também por nós foi crucificado sob Pôncio Pilatos; padeceu e foi sepultado. Res-

suscitou ao terceiro dia, conforme as Escrituras, e subiu aos céus, onde está sentado à direita do Pai. E de novo há de vir, em sua glória, para julgar os vivos e os mortos; e seu reino não terá fim. Creio no Espírito Santo, Senhor, que dá a vida, e procede do Pai (e do Filho); e com o Pai e o Filho é adorado e glorificado: Ele que falou pelos Profetas. Creio na Igreja, una, santa, católica e apostólica. Professo um só batismo para remissão dos pecados. E espero a ressurreição dos mortos e a vida do mundo que há de vir. Amém. (NASCIMENTO E PORTO, 2022).

Após este início da igreja e o desenvolvimento do conceito de Trindade até o século IV houve um novo credo denominado Credo Atanasiano. O Credo de Atanásio, subscrito pelos três principais ramos da Igreja Cristã, é geralmente atribuído a Atanásio, Bispo de Alexandria (século IV), mas estudiosos do assunto conferem a ele data posterior (século V). Sua forma final teria sido alcançada apenas no século VIII. O texto grego mais antigo deste credo provém de um sermão de Cesário, no início do século VI. O credo de Atanasio, com quarenta artigos, é um tanto longo para um credo, mas é considerado “um majestoso e único monumento da fé imutável de toda a igreja quanto aos grandes mistérios da divindade, da Trindade de pessoas em um só Deus e da dualidade de naturezas de um único Cristo” (HODGE, 1992).

Beeke e Smalley (2020) sugerem que a doutrina trinitária básica pode ser resumida em nove proposições: 1 Existe um Deus. 2 O Pai é Deus. 3 O Filho é Deus. 4 O Espírito Santo é Deus. 5 O Pai, o Filho e o Espírito Santo são três pessoas. 6 O Pai é o Pai do Filho. 7 O Filho é o Filho do Pai. 8 O Espírito é o Espírito do Pai e do Filho. 9 O Pai, o Filho e o Espírito Santo são um só Deus (BEEKE e SMALLEY, 2020).

## 1.1 O DESENVOLVIMENTO DO CONCEITO DE PERICORESE

O desenvolvimento e organização do entendimento sobre as relações dentro da trindade se deu aos poucos (NASCIMENTO e PORTO, 2022). Filósofos e teólogos formularam ao longo do tempo um constructo para entendimento das pessoas de Deus que é uno e trino e seu relacionamento intra-trinitário. Tal termo é a pericorese e foi compreendida como aquela que define a comunhão e a interpenetração de vida na comunidade trinitária (SILVA, 2016; BORDIGNON-MEIRA, 2017). Bordignon Meira (2017) entende pericorese pela mútua compenetração e inabitação das três pessoas divinas entre si. Dois autores que utilizados neste artigo e que discorrem sobre o pensamento da pericorese trinitária e sua relação de misericórdia e amor são respectivamente João Damasceno (SILVA, 2016) e VonBalthasar (BORDIGNON-MEIRA, 2017).

João Damasceno foi um teólogo cristão sírio que sintetizou as doutrinas dos padres orientais da Igreja. Cerca de 715 d.C. ele entrou para o mosteiro de São Sabas (Mar Saba) perto de Jerusalém, onde estudou teologia e foi ordenado sacerdote. Foi o maior divulgador da doutrina da pericorese, empregando-a como termo técnico designando, tanto a compenetração das duas naturezas em Cristo como a compenetração entre si e nas três pessoas divinas. A mútua imanência e união das três pessoas significa que são inseparáveis e não se distanciam, e que possui uma interpenetração inconfusa não de modo que convergem e se misturam e sim estando unidas entre si (DAMASCENO 1998 apud NASCIMENTO e PORTO, 2022).

Damasceno realça com grande clareza: o permanecer e o residir uma na outra das três pessoas e demonstra que um e idêntico é o movimento, o que não se pode notar na natureza criada (CODA, 2000). Há a compreensão que o Filho está no Pai e no Espírito e que o Espírito está no Pai e no Filho e o Pai está no Filho e no Espírito, sem nenhuma mistura ou confusão. Stephen Holmes (2012) define pericorese como uma

interpenetração tal qual “a identidade ontológica do Pai, Filho e Espírito Santo: cada um necessariamente plena e mutuamente preenchido e foi preenchido pelos outros, pois cada um é uma instanciação da mesma substância inefável” (HOLMES apud KURTZ, 2023).

Hans Urs Von Balthasar é considerado um dos mais importantes teólogos do século XX e utiliza a pericorese para explicar e nortear tanto o relacionamento intratrinitário quanto o relacionamento entre os homens. Visando a compreensão da misericórdia divina e sua relação de amor entre as pessoas da trindade e o modelo deste relacionamento como modelo social entre os homens (BORDIGNON-MEIRA, 2017). As pessoas divinas, em sentido pericorético, formam por si mesmas sua unidade no círculo eterno da vida divina e do amor recíproco e relacional de cada uma das pessoas da trindade, uma pela outra, e também para o desenvolvimento na relação entre Deus e o homem, da comunhão eclesial e social. O mal e o pecado manifestados na violência e situações de corrupção, sempre são possibilidades de ferir a sociedade humana e questionam várias ciências, inclusive a teologia. O ser humano que crê, pode contribuir muito para uma experiência de amor e misericórdia e mostrar que a convivência pacífica supera estes males, e é a resposta de Deus trino, kenótico e pericorético, transformando os dramas humanos em esperança (BORDIGNON-MEIRA, 2017).

## 1,2 APLICAÇÕES DA TRINDADE E PERICORESE NA VIDA DO CRISTÃO

Os conceitos supra apresentados são a base da fé cristã. E para tanto aplicá-las quanto para obter resultados/frutos há a necessidade de crença na Trindade e no poder do Espírito Santo atuando por meio de ações. Em João 15 e 17 é possível perceber princípios e propósitos de aplicações da Trindade na vida do ser humano e em Atos 1:8 a ação da pericorese na gênese da igreja. Está escrito: “Quando vier o Conselheiro, que eu enviarei a vocês da parte do Pai, o Espírito da verdade que provém do Pai, ele tes-

temunhará a meu respeito. E vocês também testemunharão, pois estão comigo desde o princípio” (Jo 15: 26-27 NVI) e em João 17: 20-23 Jesus declarou: “Não rogo somente por estes, mas também por aqueles que vão crer em mim por meio da sua palavra, para que todos sejam um, assim como tu, Pai, o és em mim, e eu em ti, para que também eles sejam em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste.” Ele continuou: “A glória que me deste, eu dei a eles, para que sejam um, assim como nós somos um, eu neles e tu em mim, para que sejam perfeitamente um, para que o mundo saiba que tu me enviaste e os amaste assim como me amaste”. Nesta passagem há um duplo fundamento. O fundamento da comunhão compartilhada entre os santos é construído sobre o fundamento da união de Cristo com eles. No entanto, em uma declaração atada com implicação teológica, a oração de Jesus no capítulo dezessete se baseia na fundação prolegômena da pericorese na Trindade e que alcança e transforma vidas e famílias diariamente. Em Atos 1:8, na gênese da igreja, aparece: “Mas receberão poder quando o Espírito Santo descer sobre vocês, e serão minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judéia e Samaria, e até os confins da terra (Jo 1:8 NVI). Estas passagens são exemplos tanto da aplicação quanto do trabalho e relação da Trindade e da pericorese ao longo da história.

Os crentes são testemunhas de Jesus Cristo. São testemunhas de sua vinda à Terra, de sua morte e de sua ressurreição. São testemunhas de seu poder sobre a morte e de seu poder em perdoar pecados. São testemunhas que a alegria pode ser completa, a esperança na eternidade faz sentido e a união entre os crentes em Jesus foi, é, e sempre será possível quando construída pela fé em Jesus contadas e comentadas pela Bíblia.

Assim, por meio da crença de Jesus como filho de Deus e na Bíblia é possível testemunhar que os seres humanos foram criados para viverem bem um com os outros; bem como viverem uma vida e um casamento cristão com propósitos, podem ser mais bem compreendidos com aplicações da pericorese trinitária no dia a dia. A fé em Jesus é a base. Sem ele, não se pode fazer nada (Jo 15 NVI). Jesus é 100% Deus e 100%

homem- pericorese de cristo. A cruz foi o caminho para se conhecer a obediência de Jesus à Deus pai e o poder do Espírito Santo enviado para todos que aceitam Jesus como filho de Deus e Senhor da vida. Este caminho é sugerido na Bíblia como o caminho transformador tanto na vida presente como na eternidade. Deus enviou seu filho unigênito para salvação e transformação de vidas (Jo 3.16 NVI) para que os seres humanos experimentassem a paz que excede todo entendimento (Fp 4.10 NVI) e principalmente que o ser humano pudesse entender dentro do possível por meio da revelação o amor de Deus e viver este amor aqui na Terra.

A Bíblia diz que se alguém está em Cristo nova criatura é; as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo (2 Co 5.17 NVI) e incentiva ao cristão a buscar diariamente a renovação de sua mente para crescer na fé para que possa experimentar a boa, agradável e perfeita vontade de Deus (Rm 12.2 NVI). Desta forma o cristão é convidado a viver com um alvo certo e avançar para uma recompensa eterna e incorruptível com disciplina. Tanto a novidade de vida quanto a compreensão e aplicação destes termos apresentados neste capítulo são necessários na jornada do cristão.

## 2 A PERICORESE NA IGREJA DE CRISTO

---

Sistematicamente, trazer o conceito de interpenetração da pericorese na Trindade pode ser útil ao leitor na compreensão das circunstâncias da união com Cristo e a igreja- “comunhão dos santos”. Carson (1991) utiliza e sugere uma distinção de pessoas na Divindade à luz da interpenetração: “O Pai e o Filho são distinguíveis (o Verbo pré-encarnado está com Deus; o Filho ora ao seu Pai; o Pai comissiona e o envia, enquanto o Filho obedece), mas eles são um” (CARSON apud KURTZ, 2023). Talvez tal linha de raciocínio de Carson possa ser um esclarecimento útil em relação à compreensão da pericorese e a igreja de Cristo (KURTZ, 2023).

Tal reflexão vem por meio dos modos eternos de subsistência. Os modos eternos de subsistência são a base última e única de distinção entre as pessoas da Divindade. No entanto, se o relacionamento pericorético da Divindade é o arquétipo, então o relacionamento unificado, mas distinguível, entre os santos com filiação na igreja é o éctipo (KURTZ, 2023). Desta forma, os crentes, ainda distintos, são em ser um em propósito, em amor, em ação empreendida com e para o outro, em submissão conjunta à revelação recebida (CARSON apud KURTZ, 2023). Em certo sentido, uma implicação eclesial da união com Cristo é que os cristãos devem renunciar à noção de suprema individualidade que de certa forma o mundo contemporâneo na linha hedonista vem a impulsionar. Embora tal discussão e comparação entre o sentido de vida do cristão frente à outras filosofias de vidas, como o hedonismo, seja interessante, foge ao escopo do presente artigo discorrer sobre o assunto.

Voltando ao assunto de pericorese e membresia/igreja, Kurtz (2023) comenta que pode ser compreendido por meio desta visão que as partes do todo membros são distinguíveis e identificáveis como partes. Nesta implicação deve ser entendida como uma implicação ontológica da união com Cristo, pois fala sobre o que a igreja é — isto é, um corpo identificável de crentes que, embora mantendo uma identidade distinguível, se reúnem como “um corpo” que se submete na cabeça, videira e pedra angular que é Cristo para ser suas testemunhas e dar frutos em e por meio desta união Cristo e igreja. Segundo o mesmo autor, esta não é a única implicação ontológica da união com Cristo para a comunidade cristã. A segunda lida explicitamente com o tipo de pessoa que compõe essa comunidade. Quando entendida em seu contexto de aliança apropriado, outra implicação eclesial da doutrina da união com Cristo é um compromisso com uma igreja de crentes puros e não misturados (KURTZ, 2023).

## 2.1 A PERICORESE NA FÉ PESSOAL E ECLESIAL

A Bíblia narra a obediência de Jesus ao Deus Pai em vir ao encontro dos seres humanos para instituir o reino dos céus aqui na terra por meio do amor e misericórdia em momento oportuno (Gl 4.4 NVI). Cabe salientar que um dos primeiros teólogos ao cunhar o termo pericorese o utilizou para ilustrar o relacionamento de Cristo e suas duas naturezas (divina e humana) (SILVA, 2016). A pericorese chegou a ser, aos olhos desse escritor, um processo de unificação das duas naturezas do Senhor (PRESTIGE, 1977, p. 291 apud SILVA, 2016).

Tal resultado da obediência culmina na morte e ressurreição de Cristo na cruz e do envio do Espírito Santo a todos que neles cressem. Assim, foi instituído a fé cristã e a fé eclesial. Mavule e Cauduro (2020) argumentam que:

O cristão, no seu único e peculiar ato de crer, está vocacionado e voltado para a Igreja – a comunidade de fé. Neste sentido, todo ato de crer que se desinteressa pela comunidade de fé é alheio à fé cristã; ou seja, todo tipo de fé cristã privada não só é antievangélico, mas também é antagônico à proposta de Jesus Cristo de formar um só corpo, vivendo o amor pericorético inspirado pela comunidade divina. (MAVULE E CAUDURO, 2020).

Jesus momentos antes de morrer indica para a sua mãe e seu discípulo o qual amava uma relação eclesiástica e de família de fé (Jo 19.26-27 NVI). Tal indicação sugere que a comunidade de fé é essencial, dá rumo e sentido ao ato de crer e provê ferramentas necessárias para aprofundar a fé pessoal. Os autores Mavule e Cauduro (2020) comentam que a fé eclesial não se opõe à fé pessoal do cristão e vice-versa e existe uma interpene-tração, entrelaçamento e in-habitação uma na outra; há pericorese entre a fé eclesial e a fé pessoal. Há também o relacionamento de Jesus e a sua noiva com devidas recomendações Bíblicas de como o marido e mulher devem se comportar em seu matrimônio.

De igual modo, Hammett realçou a proximidade entre a união com Cristo (fé pessoal), a filiação à igreja (fé eclesial) a um contexto de aliança (HAMMETT apud KURTZ, 2023). O autor destaca e sugere que a filiação ao corpo na igreja de Cristo de 1 Coríntios 6:15-17 e Efésios 5:30 está associada à união com Cristo e a Igreja sugerindo que a filiação à igreja, como um casamento, e que envolve um compromisso de aliança. Enquanto Hammett se refere à natureza pactual do relacionamento horizontal entre os membros do corpo, há outra implicação para o relacionamento vertical de aliança entre aqueles enxertados no corpo e na cabeça. Na pessoa e na obra de Cristo, a lei foi cumprida; e a justiça — por meio da obediência passiva e ativa — foi obtida. Agindo como a cabeça do corpo, qualquer um que tenha sido enxertado no corpo tem Cristo como seu representante e recebe, portanto, o benefício de sua obediência imputada a eles. Os méritos do representante cumpridor da aliança da igreja são a base para o perdão completo. Esse dom soteriológico é concedido ao crente pela fé em união com Cristo. Consequentemente, a união com Cristo leva à salvação. Como Paulo instruiu a igreja de Éfeso, “em Cristo” há “toda bênção espiritual nos lugares celestiais” (Ef 1:3 NVI). Esse inclui a bênção espiritual da salvação. Como Lane Tipton escreve, “todos os benefícios salvadores do evangelho, incluindo justificação, santificação ou adoção, são dados aos crentes somente em termos de união de fé com o Cristo crucificado e ressuscitado das Escrituras” (TIPTON apud KURTZ, 2023 NVI). Portanto, o que emerge de um relato dogmático da união com Cristo e a comunidade eclesial é uma igreja crente composta de membros regenerados que receberam a bênção da salvação (KURTZ, 2023).

Kurtz (2023) em sua conclusão comenta que após a bênção da salvação for recebida, como encontrado nos textos de Romanos 8 e Efésios 2, há o compromisso horizontal dos crentes dentro de uma nova família e forma de viver. Esta nova família foi adotada e enxertada no amor trino de tal forma que eles podem comunicar e viver como uma família espiritual, seguir o caminho revelado por Cristo, compartilhar da jornada da vida

com o seu irmão, e chamar Deus de “Abba, Pai” (KURTZ, 2023). O autor finaliza discorrendo que este laço familiar significa que qualquer muro ou barreira de divisão de hostilidade que outrora pudesse existir fora então anulado. Nenhuma barreira social, étnica ou religiosa pode se interpor entre os membros da nova família unida de Cristo.

Jesus veio ao mundo para salvar as pessoas (Jo 3:16 NVI). Pelo dom gratuito da graça de Deus e pela fé em sua Palavra (Ef 2:8 NVI) cada ser humano que ouvir e crer (Rm 10:17 NVI) têm o poder de ser justificado perante Deus (Rm 3:21-22 NVI) de ser chamado de filho(a) de Deus (Gl 3:26 NVI) e de ser declarado(a) salvo(a) (Rm 5:9 NVI). Desta forma há mediante a fé pessoal em Cristo o início da jornada do cristão junto à sua comunidade de fé para o desenvolvimento da fé eclesial.

## 2.3 A PERICORESE APLICADA AO MATRIMÔNIO

O casamento bíblico segundo as escrituras sagradas é a primeira ordenança de Deus para o ser humano (Gn 2:24 NVI). Deve ser para a vida toda (Mt 19:5-6 NVI). E é um plano de Deus para a felicidade mútua entre homem e mulher nesta vida e para a eternidade. Mas, como andam os casamentos no Brasil atualmente? Quantos brasileiros se dizem/consideram cristãos?

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 87% dos brasileiros se identificam como cristãos. Em 2022, foram registrados 970 mil casamentos e 420 mil divórcios (judiciais e extrajudiciais). Ou seja: houve um divórcio para cada 2,3 casamentos em 2022. Em 2010, houve 977 mil casamentos e 239 mil divórcios. Ou seja: a relação era de um divórcio para cada 4 casamentos. Os dados revelam também que os divórcios têm acontecido mais cedo. Em 2010, 37,4% dos divórcios aconteciam em menos de dez anos após o casamento. E, em 2022, esse percentual subiu para 47,7%. Em termos gerais, esses dados vão em contramão

ao que a Bíblia diz tanto sobre a união de casamentos quanto à divórcios pois estão havendo menos casamentos e mais divórcios. Sendo esses últimos em maior proporção dentro dos 10 anos iniciais do casamento. Embora sobre estes dados não haja estratificação de tais acontecimentos de divórcios com o número de brasileiros realmente cristãos, é um dado alarmante tal crescimento em nossa sociedade de famílias desfeitas.

Se por um lado fugiu ao escopo do presente artigo dissertar sobre as possíveis causas destes dados alarmantes sobre o divórcio, por outro lado os temas supra comentados sobre a pericorese e suas aplicações de amor e perdão, bem como a relação das pessoas e do relacionamento dentro da Trindade, de Jesus e sua noiva e do relacionamento entre homem e mulher no casamento cristão podem e devem ser mais bem explorados em estudos futuros bem como o pensamento social contemporâneo. Santos (2006) comenta que infelizmente o relacionamento monogâmico não é mais interpretado como uma virtude, mas sim como um comportamento ultrapassado na sociedade brasileira. O matrimônio realizado perante Deus entre cristãos torna-se sinal da presença da fidelidade e do amor Deus (ZILLES, 1972). A Igreja primitiva, seguindo a orientação de Jesus, se ateu ao ideal de indissolubilidade: entre cristãos não pode existir divórcio. O novo testamento reprovava explicitamente o adultério, que é avaliado com gravidade (GRACIANI, 2015). O matrimônio é uma vocação cristã (SILVA, 2019) e é necessário a fé para que o matrimônio e a sua fidelidade e ação benéfica aos filhos possam ir além do matrimônio natural (FALCÃO, 1996).

Para a defesa da palavra de Deus como elo da perfeição e base para o casamento cristão onde a soma da união entre a pessoa do homem e a pessoa da mulher no matrimônio nunca deve ser igual ao natural de duas pessoas mas sim ao espiritual igual a três pessoas (Ec 4:12 NVI) embasado e inspirado pela pericorese e a dança da Trindade o matrimônio cristão deve permanecer dar bom testemunho ao longo da vida. Duas passagens bíblicas que ganham realce neste artigo e, que juntas, dão o embasamento para uma união entre os assuntos tratados até aqui, são

estes: A passagem em 1 Coríntios 6:15-17: “Vocês não sabem que os seus corpos são membros de Cristo? Tomarei eu os membros de Cristo e os unirei a uma prostituta? De modo nenhum! Vocês não sabem que aquele que se une a uma prostituta é um corpo com ela? Pois, como está escrito: “Os dois serão uma só carne”. Mas aquele que se une ao Senhor é um espírito com ele” (1 Coríntios 6:15-17 NVI). Bem como em Efésios 5:25-33: “Maridos, amem suas mulheres, assim como Cristo amou a igreja e entregou-se a si mesmo por ela para santificá-la, tendo-a purificado pelo lavar da água mediante a palavra, e apresentá-la a si mesmo como igreja gloriosa, sem mancha nem ruga ou coisa semelhante, mas santa e inculpável. Da mesma forma, os maridos devem amar as suas mulheres como a seus próprios corpos. Quem ama sua mulher, ama a si mesmo. Além do mais, ninguém jamais odiou o seu próprio corpo, antes o alimenta e dele cuida, como também Cristo faz com a igreja, pois homem e mulher são considerados membros de um mesmo corpo. “Por essa razão, o homem deixará pai e mãe e se unirá à sua mulher, e os dois se tornarão uma só carne”. Este é um mistério profundo; refiro-me, porém, a Cristo e à igreja. Portanto, cada um de vocês também ame a sua mulher como a si mesmo, e a mulher trate o marido com todo o respeito”.

Davis (2023) em seu artigo sobre o tema sugere um modelo de aplicação de pericorese ao matrimônio. Ele intitula o modelo em “*I-Thou-We (ITW)- consciousness*” (Consciência Eu, Tu, Nós). Neste modelo de aplicação da pericorese, ele instiga a consciência da pericorese na vida do casal bem como em todas as suas decisões. Tal consciência deve estar embasada em conversas e reflexões do melhor plano de ação para o melhor resultado nas decisões da família cristã (DAVIS, 2023). Neste modelo a Bíblia e a Palavra de Deus são colocados como um alicerce e pode ser de grande valia para um casamento com sentido e de plena felicidade onde as principais decisões devem ser tomadas em mútua concordância e que agradem a Deus.

O matrimônio cristão quando compreendido como um sacramento e ordenança de Deus para o ser humano deve ser encarado como uma das

maiores bênçãos na terra e desfrutado ao longo da vida. Tal compreensão da pericorese poderá auxiliar tanto maridos como mulheres em sua vida conjugal. Tanto o senso de indissociabilidade, bem como os seus estilos de vida assumidos após o compromisso perante Deus devem sempre estar vivificados para o bem-estar de ambos que se tornaram uma só carne e de sua família e filhos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

---

Deus é amor e se revela como uno e trino. A relação da trindade, de Jesus e sua noiva, bem como o amor de Deus compreendido como elo da perfeição e atuação para todo o relacionamento humano podem embasar e dar sentido ao matrimônio cristão fértil e de sucesso. Duas passagens que sustentam o casamento entre homem e mulher no meio social e sua durabilidade são encontradas na Bíblia em Gênesis 2.24 e Mateus 19.5-6, respectivamente: “Por essa razão, o homem deixará pai e mãe e se unirá à sua mulher, e eles se tornarão uma só carne” (Ge 2.24 NVI) e disse: “Por essa razão, o homem deixará pai e mãe e se unirá à sua mulher, e os dois se tornarão uma só carne? Assim, eles já não são dois, mas sim uma só carne. Portanto, o que Deus uniu, ninguém o separe” (Mt 19.5-6 NVI).

Todas as pessoas da Trindade constituem a divindade e estão em relação com a criação ao longo da história. Por meio da pericorese, Deus Pai, Deus filho e Deus Espírito Santo demonstram amor e misericórdia em sua relação intratrinitário e podem ser modelados tanto para o relacionamento intermembros eclesiais como no matrimônio conjugal Bíblico entre homem e mulher. Atualmente, os divórcios vêm aumentando as suas taxas pelos dados do IBGE. Tais resultados vem destruindo e matando os sonhos de Deus para o cerne da família que é contrastada com a visão de Jesus que veio ao nosso encontro para nos trazer vida e vida em abundância (Jo 10:10 NVI).

Talvez uma vida abundante para homens e mulheres, filhos e filhas, amados e amadas do Senhor Jesus, que obedecem ao mandamento de Deus de se unirem pelo matrimônio, possa ser um casamento edificado e feliz e com filhos e filhas (Sl 127 NVI). Casamentos felizes podem ser abençoados com a consciência sobre a relação existente na pericorese trinitária aplicados ao matrimônio cristão. Segundo Davis (2023) a consciência e o modelo proposto de Eu, Tu, Nós- *I-Thou-We (ITW)- consciousness-* de aplicação da pericorese nas decisões do casal embasado em conversas e reflexões do melhor plano de ação para o melhor resultado nas decisões da família cristã onde a Bíblia e a Palavra de Deus é um alicerce pode ser de grande valia para um casamento com sentido e de plena felicidade (DAVIS, 2023).

Sobre a pergunta norteadora do artigo: Será a compreensão e aplicação da pericorese capaz de trazer melhorias no matrimônio cristão? Se por um lado tal pesquisa encontrou caminhos para compreender melhor o conceito da pericorese e suas relações nos âmbitos percorridos do presente artigo, por outro lado, para uma melhor compreensão se o conceito da pericorese é capaz de trazer melhorias no casamento fazer-se-á a tanto a aplicação como a medição longitudinal de tal efeito em futuros estudos. Pesquisas que controlem a aplicação de um método de intervenção sistematizado e seus resultados ao longo da jornada serão de grande valia ao tema que está intimamente relacionado a ordenança do Deus da Bíblia.

Assim, novos estudos necessitam ser realizados e o caminho sempre ficará aberto para este tema e novas pesquisas. Desta forma, como abordado no presente artigo, há a necessidade de maior aprofundamento no termo bem como na sua divulgação nos meio cristão sobre este constructo que é capaz de trazer esperança e transformação em meio a um mundo que vem apresentando indicadores de aceleração de taxas de divórcios. Com o termo pericorese amplamente divulgado não apenas haverá apenas maior renovação de mente como proposto na Palavra (Rm 12:1-2 NVI) mas uma fé consciente e embasada no amor e na misericórdia de Deus

onde a vida compartilhada com verdade, amor, perdão e em comunhão dentro das famílias bem como da família de cristo (igreja) dá sentido e faz sentido com amor, perdão e paz.

Desta forma, este artigo é finalizado com um convite tanto prático quanto teórico. Prático para que o leitor aplique a partir de agora o conceito de pericorese em seu casamento bem como no dia a dia da igreja de Cristo. E teórico pois novos estudos sobre este termo significativo (pericorese) nas três frentes elencadas (Trindade, igreja e matrimônio) devem ser encorajados no meio acadêmico com a convicção Cristã que ele é presente (Mt 28:20 NVI).

## REFERÊNCIAS

---

BEEKE, J. R.; SMALLEY, P. M. **Teologia Sistemática Reformada**. volume 1. São Paulo: Cultura Cristã, 2020.

BÍBLIA. Português. Bíblia Sagrada: Nova Versão Internacional. São Paulo: Vida, 2000b.

BORDIGNON-MEIRA, A. L. A Trindade como relacionamento

Misericordioso na relação humana, a partir de von Balthasar. **Revista Eletrônica Espaço Teológico**, Vol. 11, n. 19, jan/jun, p. 37-45, 2017.

CODA, P. **Dios Uno y Trino: revelación, experiencia y teología del Dios de los cristianos**. Salamanca: Ágape, 2000.

DAVIS, J. J. Trinity, perichoresis, and Christian marriage: thinking, feeling, and acting like the Trinity. **Journal of Psychology and Theology**, Vol. 51, n. 3, p. 429–438, 2023.

FALCÃO, M. Reflexões Teológicas sobre a Sacramentalidade do Matrimônio. **THEOLOGICA**, 2 Série, 31,1, 1996.

GRACIANI, M. R. **Resenha: o matrimônio – entre o ideal cristão e a fragilidade humana** (Pe. Marciano vidal). Ano XXIII, No 85, Jan/Jun 2015.

HODGE, A. A. **The Confession of Faith**. Edinburgh & Pennsylvania: The Banner of Truth Trust, 1992.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

JOHNSON, J. F. **Credo Atanasiano**. In: ELWELL, Walter A. (Org.). Enciclopédia histórico-teológica da igreja cristã. São Paulo: Vida Nova, 1988, v. 1, p. 364.

KURTZ, R. One with the head, one with the body: ecclesial Implications of union with Christ for membership, baptism, and communion. **Perichoresis**, Volume 21, Issue 2, p. 21-33, 2023.

OLSON, Roger. **História da teologia cristã: 2000 anos de tradição e reformas**. São Paulo: Vida, 2001, p. 91-99.

MUVALE, C. J.; CAUDURO, M.J. a reciprocidade entre a fé eclesial e a fé pessoal: uma abordagem a partir da pericorese intratrinitária. **Frontistés – Revista Eletrônica de Filosofia e Teologia**. Faculdade Palotina V. 15, N. 28, 2020.

NASCIMENTO, M. B.; PORTO, I. S. **O Deus dos pactos: a doutrina da Trindade**. São José do Rio Preto: Editor Misael Batista do Nascimento, 2022.

SANTOS, V. S. A luta cristã pela fidelidade conjugal: um matrimônio digno em uma sociedade adúltera. **Fides Reformata XI**, Nº 1 (2006): 9-23.

SILVA, M. F. A pericorese trinitária no pensamento de João Damasceno. **Revista de Teologia e Ciências da Religião Universidade Católica de Pernambuco**, v. 6, n. 2, julho-dezembro/2016, p. 473-485.

SILVA, R. O. O matrimônio é uma autêntica vocação cristã? **Coletânea**, Rio de Janeiro. V.18, n. 35, p.81-92, jan./jun., 2019.

ZILLES, U. A sacramentalidade do matrimônio. **Perspectiva Teológica**, v. 4 n. 7, 1972.